



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CURSO DE DESIGN

LAVÍNIA MARIA SOARES MAGALHÃES

ILHA DO FERRO: DO TERRITÓRIO AO PICTÓRICO.

Problematizando a artificialização de uma “identidade” sertaneja a partir do Design.

Maceió

2023

Lavínia Maria Soares Magalhães

ILHA DO FERRO: DO TERRITÓRIO AO PICTÓRICO.

Problematizando a artificialização de uma “identidade” sertaneja a partir do Design.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, apresentado ao curso de Design na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU – da Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Orientadora: Danielly Amatte Lopes

Maceió
2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

N244e Magalhães, Lavinia Maria Soares.
Ilha do Ferro : do território ao pictórico : problematizando a artificialização de uma “identidade” sertaneja a partir do Design / Lavinia Maria Soares Magalhães.
– 2023.
116 f. : il. color.

Orientadora: Danielly Amatte Lopes.
Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Design) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 58-60.
Apêndices: f. 61-116.

1. Ilha do Ferro - Pão de Açúcar (AL). 2. *Design*. 3. Identidade - Sertão. I.
Título.

CDU: 7.05(813.5)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Auxiliadora, irmã Paula e avó Deusinha, cuja existência, suporte e amor conservam o legado da memória de meu pai Eduardo e meu avô Gedalvo, na completude familiar que favoreceu a construção de meu amor por nosso pedacinho do sertão de Alagoas – nossa casa, Batalha.

A prof^a dra. Danielly Amatte, que me “adotou” para oferecer orientação, suporte, competência profissional e amizade na caminhada acadêmica. À prof^a dra. Juliana Michaello, cujos conselhos e interesse ajudaram a tornar este trabalho possível. Ainda, aos amigos e professores que o curso de Design me trouxe ao coração durante os últimos quatro anos, em especial, do nosso amado Laboratório de Experimentação em Design.

Aos entrevistados da Ilha do Ferro, que possibilitaram o desenvolvimento deste projeto e confiaram a mim suas percepções pessoais, tirando um tempo de sua rotina apertada para me atender com carinho e receptividade.

A Deus, por me confiar responsabilidades que eu não confiaria, e ser O primeiro a acreditar em mim e em nossa amizade de longa data.

RESUMO

Com o intuito de investigar e discutir o fenômeno de metamorfose entre territórios sertanejos organicamente ocupados a artefatos imateriais construídos, o presente trabalho de conclusão de curso se delinea em torno da Ilha do Ferro. O povoado no sertão de Alagoas é, hoje, conhecido nacionalmente por seu artesanato em madeira entalhada e o característico bordado Boa Noite, majoritariamente consumidos pelo público do eixo Rio-São Paulo e metrópoles regionais. A partir da realização de entrevistas entre os habitantes, são identificadas mudanças aparentes no habitus da comunidade durante as últimas décadas, acompanhando sua integração a nichos de mercado de cunho artesanal-turístico e adequação a um modelo de nordeste demandado pelo público consumidor, externo à localidade. Os discursos dos residentes são analisados de forma a considerar alguns apontamentos encontrados nas perspectivas de autores como Albuquerque Júnior, Bourdieu e Lefebvre, associando-as a ferramentas do Design Espontâneo, em seu caráter estratégico e intuitivo. Objetiva-se, assim, o direcionamento do projeto como promotor da investigação do lócus como espaço fabricado, a quem este se direciona e seus possíveis impactos no habitante sertanejo, sendo a pesquisa o ponto de partida para o aprofundamento dessas reflexões.

Palavras-chave: design; artificial; sertão; Ilha do Ferro; identidade.

ABSTRACT

With the aim of investigating and discussing the phenomenon of metamorphosis between organically occupied hinterland territories and constructed intangible artifacts, this undergraduate thesis revolves around Ilha do Ferro. The village in the hinterland of Alagoas is now nationally known for its carved wood craftsmanship and the distinctive Boa Noite embroidery, predominantly consumed by audiences in the Rio-São Paulo axis and regional metropolises. Through interviews with residents, apparent changes in the community's habitus over the past decades are identified, accompanying its integration into artisanal-touristic market niches and adaptation to a Northeastern model demanded by the consumer public external to the locality. The residents' discourses are analyzed, taking into account some insights found in the perspectives of authors such as Albuquerque Júnior, Bourdieu, and Lefebvre, associating them with tools of Spontaneous Design, in its strategic and intuitive nature. The project aims to direct the investigation of the locus as a manufactured space, its target audience, and its potential impacts on the hinterland dweller, with the research serving as the starting point for the deepening of these reflections.

Keywords: design; artificial; hinterland; Ilha do Ferro; identity.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. O sertão de Alagoas: versão Ilha do Ferro	11
2.1 O território	13
2.2 Artesanato sertanejo, subsistência e capitalismo	19
3. A Ilha do Ferro pela Ilha do Ferro	27
4. A Ilha do Ferro versão sudestina	41
5. Considerações finais	55
6. Referências bibliográficas	57
7. Referências imagéticas	60
Apêndice A	61

1. Introdução

Nomeando clássicos de diversos autores, como Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, ou representado em filmes de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, muito se especula sobre o verdadeiro sentido do termo “sertão”. As discussões transitam, de forma costumeira, entre variações de vocábulos latinos que podem expressar distância do litoral e, objetivamente, a caracterização de espaços semiáridos nos interiores do Nordeste e Minas Gerais. Para além de considerações linguísticas e geográficas, o sertão apresenta-se, hoje, como um conceito fortemente atrelado à identidade sociocultural brasileira, sustentado no imaginário popular com a iconografia básica de cacto, sol, casa de taipa e chapéu de cangaceiro.

Tais elementos atuam como representações dos espaços nordestinos compreendidos como áreas minúsculas, extremamente áridas, pouco desenvolvidas e tolerantes à violência interna, limitação quase consensual que encorpa mais ou menos intensamente a estereotipação e suas atribuições adicionais, quando analisadas sob as múltiplas leituras vigentes no país. Ao considerar tal percepção, torna-se válido discutir sua extensão aos habitantes, visto que, de acordo com Albuquerque Júnior (2011), “o espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna”, na ênfase às dinâmicas de troca entre habitante e paisagem, que a transformam em espaço, território.

A intrínseca relação entre o sertão e o sertanejo foi, também, abordada por Guimarães Rosa (1956), abrindo precedentes para a consideração com a proposta de que “o sertão é dentro da gente”. Tal qual o ambiente, a figura do sertanejo é objeto de constantes discussões, a partir, majoritariamente, dos mesmos estereótipos, que variam da xenofobia escrachada, ao demonizar e repudiar o sujeito “cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 11) à *noblesse oblige* cheia de polidez do salvador branco, que, não apagando completamente a intelectualidade sertaneja, ainda a interpreta como necessitada da validação caridosa de um agente externo nobre e culto.

Essa compreensão tem se tornado cada vez mais popular nas últimas décadas, em particular, sob o aumento de produções midiáticas acerca de um nordeste arcaico, que estimulam o “efeito do real” (Bourdieu, 1997, p. 28) num público com conhecimento limitado ao próprio território. Nesse contexto, o sertão nordestino é

lido como pitoresco e místico, reduzindo o espaço e o povo a conceitos etéreos que atraem visitantes, mas, quando não associados ao entretenimento destes, tornam-se simplesmente irrelevantes e pouco merecedores de demandas básicas, como políticas públicas efetivas e melhor infraestrutura.

Portanto, o sertanejo se desvincula do posto de cidadão para assumir a encargo de peça de apoio no sonho transcendental do turista. No âmbito alagoano, essa concepção se manifesta sobre diversos espaços do território e, em particular, direciona-se mais intensamente a polos artísticos e históricos, a exemplo da Ilha do Ferro. O povoado banhado pelo Rio São Francisco é nacionalmente conhecido pelos entalhes em madeira e o bordado Boa Noite, contando com visitantes de fama internacional que corroboram com a ampla divulgação e geração de lucros do artesanato local.

O interesse em tal cultura, fomentado a partir das novas percepções de demanda e consumo da arte popular no século XX, integra novos agentes em seus circuitos, entre colecionadores e turistas, que, concomitantemente, modificam suas práticas e cotidiano. Desse modo, o desenvolvimento de uma nova forma de pensar e exercer o senso comunitário a partir de uma demanda de consumo faz-se realidade na transformação do território em mercadoria, em particular, no que diz respeito à cultura turística interiorana. Aqui, tal dinâmica é identificada e investigada, partindo de uma análise do território e sua história, bem como das novas formas de apresentação da cultura popular no âmbito contracultural e pós-moderno, nas quais o popular é posicionado como “tradicional” e “antimoderno” (Albuquerque Júnior, 2011, p.92), na reafirmação de uma antiga dicotomia numa roupagem distinta, interessada.

Nesse ínterim, investiga-se as características de transformação do recorte espacial após seu reposicionamento como polo artesanal, a partir de entrevistas (Apêndice A) realizadas com os habitantes. Os resultados, apresentados de forma anônima com o intuito de proteger e proporcionar conforto a seus emissores, são, enfim, analisados a partir da dinâmica do habitus de Bourdieu e da perspectiva de múltiplos profissionais de design. Na compreensão de que o potencial do design deve ultrapassar questões estéticas e mercadológicas que, em muitos casos, apenas fortalecem o consumismo e capitalismo predatórios, e se posicionar,

também, como ferramenta de apoio na comunicação de ideias que ofereçam retorno à sociedade, considera-se as discussões de Findeli (2004).

A autora, com base em Frayling (1993), aborda três possibilidades de integração entre pesquisa e design, dentre as quais pode-se citar a Pesquisa Para o Design, Pesquisa Sobre o Design e Pesquisa por Meio do Design. Nesse contexto, enquanto a primeira investiga “materiais e técnicas para guiar os designers em sua prática profissional ao longo do desenvolvimento de um projeto” (Pimentel, 2020) e a segunda, fenômenos no âmbito das práticas de design, a terceira, sob a qual se delinea o presente projeto, propõe a produção de novos conhecimentos científicos utilizando o design como ferramenta paramétrica e analítica. Desse modo, ao partir da premissa de construção artificial do espaço em torno de uma demanda, emprega-se o design como parâmetro a partir de seu impacto significativo no processo de geração de artefatos, do âmbito industrial à integração difusa em sociedade por meio de práticas como o “Design Espontâneo” (Santos, 2003).

As discussões encontram amparo e inspiração, majoritariamente, nas obras de Albuquerque Júnior (2011, 2014), na apresentação do nordeste como artefato construído e preso a uma política de estagnação desde a precedência da tomada de uma consciência identitária por volta da década de 20. O autor apresenta, ainda, novas percepções acerca da pluralidade sertaneja sob uma perspectiva de contemporaneidade, distanciando o conceito do comumente reforçado caráter pretérito e unificado. É considerada, também, a análise de Lins (2021) acerca da história e formação da Ilha do Ferro como polo artesanal, bem como as discussões de Coriolano (2006) acerca da apropriação e dominação de territórios por meio do turismo, cujo delineio encontra suporte na premissa das “novas raridades” de Henri Lefebvre.

Ademais, considera-se a obra de Freire (2009) no estudo do impacto do Design de Experiência e aprofundamento da análise do usuário, para quem são construídos os artefatos, nas sociedades de consumo pós-modernas, perspectivas enriquecidas com as discussões do designer Rafael Cardoso acerca das relações entre mercado e memória, ao propor que, em sua predominância no presente período de convergências culturais e temporais, “a nostalgia vende” (Cardoso, 2011).

Com tais considerações, reafirma-se a necessidade de discutir as condições que impulsionam a atual conjuntura, ao compreender que a cadeia hegemônica reduz a América Latina, como um todo, a uma área subdesenvolvida e aculturada, por não manter as mesmas políticas progressistas dominantes das indústrias culturais e econômicas estadunidenses/europeias direcionadas a outros países. No entanto, em menor escala, a relação de presa e predador é comumente reproduzida em tais espaços, manifestada no âmbito latino por meio de formas de segregação de cunho nacional e regional, ou mesmo nos embates entre interior e metrópole.

Assim, compreendendo a Decolonialidade como questionadora de uma “base que ancora os pensamentos e saberes estruturais que compõem toda a rede científica, cultural e política dos territórios mundiais marginalizados” (Oliveira, 2019), é enfatizada a necessidade de desvincular o sertão nordestino da posição de periferia inválida e destituída de saber legítimo ou, ainda, de incapaz de se manifestar sem a validação de agentes externos. Nesse contexto, a redução de indivíduo e espaço a sua ação como agente mercadológico, ou mesmo como a própria mercadoria, tem como consequência o empenho em subjugar-lo ao silenciamento e invisibilização travestidas de convergências culturais orgânicas.

Desse modo, a dinâmica de molde à demanda de inovação valida uma nova forma de cultura predatorial que, deixando de lado o ostracismo e repressão escrachados do passado, encontra na apropriação e modificação, a partir dos parâmetros externos do *white savior*, uma forma de controlar a cultura do outro, sem, desse modo, se posicionar como vilão. Teju Cole (2012) descreve tal agente como aquele que se posiciona na obrigação honrosa de salvar outras comunidades de sua ignorância e pobreza, sem jamais se incluir como parte do problema colonialista.

Desse modo, materializado em missões na África que renderão fotos exóticas para redes sociais ou mesmo doações televisionadas e sensacionalistas para sertanejos de baixa renda, “o Complexo Industrial do Salvador Branco não é sobre justiça. Trata-se de ter uma grande experiência emocional que valida o privilégio”, visto que “a banalidade do mal transmuta-se na banalidade do sentimentalismo. O mundo nada mais é do que um problema a ser resolvido pelo entusiasmo” (Cole,

2012). Torna-se possível concluir, portanto, que tal padrão demanda discussões que pavimentarão um futuro desenvolvimento de medidas confrontativas.

Com esse intuito, utiliza-se o design e suas ferramentas construtivas como parâmetro de fomento a esta discussão, no suporte à identificação e análise da problemática, bem como seus desdobramentos. No entanto, não se pretende, com isso, a destruição imediata da atual conjuntura, ao compreender a contínua interferência e influência do meio vigente em qualquer processo transformador. Assim, com a consideração das constantes trocas e convergências entre a pretensão e a realidade, objetiva-se

- Analisar os fatores que favorecem a transformação de territórios habitados organicamente em artefatos de consumo turísticos;
- Discutir as práticas de hegemonia e contra-hegemonia de um espaço sobre o outro;
- Identificar a percepção dos moradores acerca da Ilha do Ferro antes e após o processo de posicionamento como polo artesanal;
- Investigar as noções de artefato imaterial e suas ferramentas de construção segundo as atuais demandas de mercado, considerando as variações de nicho,

intentando, enfim, a identificação e análise de características construtivas que posicionem a presente versão da Ilha do Ferro como artefato construído, a partir da perspectiva do design. Daqui em diante, é explorada, portanto, a extraordinária cultura “não civilizada” e suas formas de manifestação, enaltecendo a pluralidade nacional e reivindicando seu direito de ser, ao compreender seus processos de construção e sufocamento.

2. O sertão de Alagoas: versão Ilha do Ferro

Em sua coletânea de crônicas “Tremendas Trivialidades”, G.K. Chesterton (1909) narra de forma lúdica a história de duas crianças contempladas com a possibilidade de terem um pedido atendido por uma fada. Atentando a seus anseios aventureiros, a primeira desejou ser transformada num gigante. Não obstante, ao ter sua forma mudada e sair a conhecer e explorar o mundo rapidamente, logo se deparou com o fato de que tudo lhe parecia muito pequeno. Ao passo que as montanhas se tornaram similares a tocas de toupeiras e as cachoeiras, goteiras de pia, o gigante se frustrou e perdeu o entusiasmo pelas descobertas.

Educada pela ocorrência infeliz, a segunda criança tomou um caminho distinto, desejando se tornar muito menor do que realmente era. Ao encarnar em seu novo corpo de pigmeu de meia polegada, percebendo o gramado se transformar numa floresta e as mediócras elevações terrosas tomarem a forma de montanhas, saiu a desbravar a Terra numa expedição que se estenderia pela eternidade. Nesse ínterim, a filosofia que norteia a parábola e tantos outros projetos do autor enfatiza constantemente a necessidade de estender o olhar ao mundo em suas complexidades e pluralidades. A atenção a detalhes ignorados num debruço cuidadoso poderá, enfim, revelá-los como essenciais, em particular, quando inseridos no devido contexto. Torna-se pertinente, portanto, ponderando acerca da ilustração, considerar corriqueiro que, no trato da cultura sertaneja, o olheiro frequentemente tome o lugar da primeira criança.

Na imersão de uma cultura nacional capaz de distinguir com clareza São Paulo e Rio de Janeiro ou, no âmbito estadual alagoano, Maragogi e Marechal Deodoro, a mesma competência não parece se estender às particularidades da região sertaneja, frequentemente massificada a conceitos cotidianos de quentura e tédio, entrecortados por feiras ou missas aos finais de semana. Com um olhar raso, são descartadas as condições ambientais e sociais que favorecem peculiaridades como o trânsito de proprietários de mercados e feirantes para adquirir a melhor farinha de mandioca em Pão de Açúcar, as histórias sobre o Pastoril de Belo Monte e até a dicotomia drástica dos dois povoados de Batalha, Dionel e Cajá, com respectivas populações predominantes de brancos e pretos retintos em imediações tão similares. Tais distinções são enfatizadas, ainda, com a espera particular pela chegada das festas de variadas padroeiras, bem como a mescla de ódio e comicidade nas rixas entre um município e outro, com rostos, histórias e construções que se misturam ao passo que se diferenciam numa vasta gama de territórios.

É, enfim, buscando respeitar as múltiplas versões do sertão de Alagoas, em apreciação a sua diversidade, que o presente projeto propõe a redução do observador com o objetivo de expandir o observado tanto quanto possível, a partir de um recorte. Distanciar o espaço estudado da posição de quintal dos fundos para realocá-lo como casa onde se transita, constrói, permanece e, afinal de contas, muda. Com estas considerações, o foco em tais mudanças nas dinâmicas sociais

causadas, nesta perspectiva de estudo, pelo artesanato, atraiu um olhar particular à Ilha do Ferro, povoado de Pão de Açúcar no sertão de Alagoas.

Com o intuito de investigar tais transformações, que, numa macro percepção poderiam ser observadas como impactantes, em certa instância, no âmbito nacional como um todo, são priorizados, numa micro percepção, os impactos causados no próprio povoado e seus habitantes, do campo laboral ao doméstico. Torna-se indispensável, portanto, atentar cuidadosamente ao espaço e ao histórico que favoreceu suas atuais dinâmicas cotidianas de cunho social, político e econômico, possibilitando maior compreensão acerca de tais características.

2.1 O território

Recentemente posicionada como um dos principais polos artesanais do país, a Ilha do Ferro não é, de fato, uma ilha. Em contrapartida, a designação que enfatiza a pregnância do Rio São Francisco no território já parecia fazer sentido aos olheiros desde seus primeiros registros cartográficos por volta do século XVII, antes que a própria cidade de Pão de Açúcar fosse nomeada como se conhece na atualidade. Quando questionados acerca do complemento, “Ferro”, os habitantes da Ilha apresentam, habitualmente, duas alternativas viáveis a se considerar, como a possível existência de uma antiga família “Ferro” ou mesmo, a histórica abundância da árvore Pau-Ferro, já escassa atualmente. Não obstante, sem conclusões objetivas acerca da nomenclatura, restam apenas especulações.

O rio se encarrega de criar uma divisa entre a Ilha e o povoado vizinho, Bom Sucesso, já em terras sergipanas. Ambos os espaços são, ainda, mediados pela formação granítica conhecida como Ilha de Belmonte, ambientação do naufrágio de Moxotó numa tempestade em 1917. Mesmo após a ultrapassagem de seu centenário, as ruínas dessa embarcação ainda podem ser vistas com clareza pela redução do nível da água, tornando-a parte importante da cultura local e imaginário popular. A depender do narrador de sua história, a formação mediadora pode ser, também, conhecida como “Ilha dos Anjos”, ao considerar o sepultamento de crianças pré-batismo em sua extensão e a construção de uma pequena capela como memorial. Assim atuam as dinâmicas territoriais: no quintal da casa-ateliê de um dos artesãos, às vistas do São Francisco, a história é uma cultura comum que, quando

partilhada com os visitantes, é ouvida e enxergada num mesmo momento, revivida pelo olhar. Rememora-se o pretérito em sua visão presente e tangível.

Figura 1 - Vista do São Francisco



Fonte: autor

Figura 2 - Ilha de Belmonte



Fonte: SANTOS, Cláudio André (2021)

Ademais, chamando atenção pelas riquezas naturais e arquitetura predominante da primeira metade do século XX, onde se distribui a média de 500 habitantes, a Ilha do Ferro é sobremaneira conhecida por seu artesanato. Dentre a vasta gama de produções, destacam-se os entalhes em madeira e o bordado Boa Noite, padrão característico da localidade, que se materializam em roupas, carrancas, luminárias e mobiliários vendidos para todo o território nacional. O

desenvolvimento de um estilo e identidades próprios das manifestações artísticas locais logo atraiu a atenção do turismo, fator intensificado pelo exotismo projetado na vivência interiorana, pouco convencional aos olheiros metropolitanos, e tem favorecido, por consequência, seu investimento.

Desse modo, a Ilha já conta com diversas alternativas de hospedagem que recebem visitantes de todo o país, dentre os quais estão inclusas celebridades que não perdem a oportunidade de produzir conteúdos que exibam a estética local e os residentes em variados meios de comunicação, possibilitando um aumento considerável no trânsito turístico do espaço. No entanto, apesar do impulso favorecido por tais divulgadores e a recente chegada da internet na última década, o histórico do território com o artesanato precede suas ocorrências. Registros do historiador Moreno Brandão (2015, p. 275 apud Lins, 2019) datados de 1905 acerca da região do Baixo São Francisco, onde se localiza a Ilha do Ferro, propunham que:

A exportação, bastante prejudicada pela baixa dos preços dos gêneros, que tem vazão pela barra do São Francisco, consta de algodão em rama, milho, borracha de mangabeira, fumo em corda, peles, couros salgados, açúcar, arroz, aguardente, sola, mel de furo, sal, tamancos, cera, farelo, óleos vegetais, gado vacuum, esteiras de piripiri, gado suíno, fubá de milho, lã de barriguda, pedra de amolar, filtros, caroço de algodão, feijão, baga de mamona, cordas de caroá, café, queijos e requeijões, objetos de cerâmica, tábuas, tecidos de algodão, etc.

Dentre tais insumos agrícolas produzidos no território, é válido ressaltar a exportação de “tamancos”, “tábuas” e “objetos de cerâmica” na listagem, sinalizadores do desenvolvimento de artefatos de uso comum e acessível. No contexto do século XX, distanciando o artesanato de um bem de consumo de luxo, a produção priorizava a funcionalidade, majoritariamente doméstica, em detrimento da forma, antes que utilitários industriais alcançassem os espaços interioranos em maior peso.

No tocante à produção de tamancos, sapatos pesados de madeira feitos a partir de matrizes da mesma matéria-prima, sua indústria artesanal representou parte considerável da economia da região a partir do transporte fluvial direcionado a Propriá, de onde seriam exportados para outras regiões. A fabricação do calçado perdurou até a segunda metade do século XX, e alguns de seus exemplares e matrizes ainda podem ser encontrados no Museu da Ilha do Ferro, fundado em 2017. A partir da mescla com elementos da cultura metropolitana por meio da

expansão da indústria aos interiores, a produção de tamancos artesanais declinou para dar lugar ao uso cotidiano de chinelos de borracha, mais confortáveis e produzidos em larga escala (Lins, 2019, p.46). Não obstante, ao ponderar sobre o processo de obsolescência do produto, para além da subsistência populacional no século passado e de sua conservação como parte da identidade dos habitantes da Ilha, as tamancarias foram, também, responsáveis por encaminhar o circuito de artesanato no povoado a sua configuração atual a partir do saber-fazer de Fernando Rodrigues.

Mestre Fernando, natural da Ilha do Ferro, participou da produção e comércio de tamancos na região, até que seus projetos tomaram rumos diferentes. Após uma viagem ao Rio de Janeiro ao fim dos anos 70, onde observou características da modernidade plástica e funcional carioca, retornou à Ilha do Ferro para construir e abrir o Bar Redondo, muito conhecido pelos habitantes da região. As primeiras festas na bodega foram realizadas à luz de candeeiro, até que, ao surgir a oportunidade de conduzir energia elétrica ao povoado, uma árvore à frente da casa de Fernando impediu o trânsito dos tratores no ato da instalação.

Com a vasta quantidade de madeira disponível após derrubar o pé de mulungu, Fernando evitou o descarte aplicando o material como suprimento da falta de assentos no bar e em sua casa. Dessa forma, desenvolveu uma série de bancos em forma de pilão, que também foram levados a feiras populares nas imediações e transformados em geração de renda para o artesão, já experiente com a venda de tamancos. Acerca deste evento, um dos habitantes relata:

Até dessa energia que foi colocada aqui porque quando vieram colocar essa energia aqui na época... aí na frente da casa dele tinha um peção de mulungu bem grande, bem grandão (...) Precisava passar, né? O fio da rede passa pelo chão para depois suspender. Aí os engenheiros disseram “vai ter que tirar seu pé de mulungu”, ele disse “não, nós tora agora”. Eles toraram o pé de mulungu, sabe? Para não empatar os fios. E dali ele fez uns banquinhos assim, que nem um tipo pilão assim. Sem interesse nenhum, né? Que não tinha artesanato aqui. Aí ele foi fazendo aquilo, não tinha nem lugar para sentar-se na casa dele. Ele fez isso aí, o povo foi comprando. Daí surgiu o artesanato, aí ele foi vendendo. Quando a feira acabou, o pé de mulungu, um peção grandão, enorme, foi um instantezinho, acabou aquilo ali. Aí ele diz “ah rapaz”, mais ou menos ele imaginou, “o caminho é por aqui” (E1 - Artesão 1, 2023)

Figura 3 - Banco de mulungu (sinalizado)



Fonte: autor

Pode-se considerar que a chegada da energia elétrica, acompanhada da construção de estradas, impactou direta e indiretamente a formação do circuito de artesanato local. De forma direta, a árvore derrubada gerou os primeiros bancos artesanais de madeira de mestre Fernando, comercializados na feira e, posteriormente, descobertos por olheiros impressionados, acerca dos quais será viável discutir mais adiante. Indiretamente, a abertura do povoado e o estreitamento com determinados meios de comunicação possibilitaram maior conexão com a cultura metropolitana, que, conseqüentemente, impulsionou a produção artística local a partir do redirecionamento de seus propósitos. Tais fatores abriram portas para que, posteriormente, fosse possível considerar que

O artesanato integrou-se a um circuito específico e segmentado da atual dinâmica econômica, vertendo-se em um nicho de mercado, que faz o objeto artesanal se deslocar da indústria doméstica rural ao universo da criação artística (Lins, 2019, p.28).

Nesse ínterim, é comum que as delimitações entre artesanato de subsistência, como tamancos e olarias, e artesanato de consumo, delineado por padrões artísticos e, muitas vezes, subjetivos, sejam estabelecidas pelos próprios moradores, segregando suas relações. Assim, a primeira alternativa é corriqueiramente estabelecida em similaridade a práticas como a agricultura e a pesca, pilares da economia regional antes que as hidrelétricas solapassem seus exercícios. Os bancos de mestre Fernando, já desenvolvidos com apelo estético

distinto do padrão mobiliário da região, tomam parte no segundo agrupamento. Manifestando tal distinção, um dos entrevistados afirma que:

Tinha a plantação de arroz, tinha o *tamanco*. Depois foi a olaria que meu avô era dono. Aí praticamente todo mundo trabalhava pra ele. Que é telha, tijolo, essa casa aqui foi construída com isso e tudo aqui dela. Aí depois disso veio o *artesanato* (E5 - Filho de artesão, 2023, grifo do autor)

Não obstante, considerando a produção dos bancos como precursora do desenvolvimento do circuito, seu estabelecimento ainda demandaria considerável tempo e esforço. Dentre os bens transportados por canoas a municípios como Penedo, Propriá e Piranhas nas décadas de 70 e 80, já se fazia presente um outro saber-fazer, materializado no bordado Boa Noite. A cultura do bordado foi prática comum em grande parte dos municípios sertanejos de Alagoas durante centenas de anos, entretanto, o padrão em particular, desenvolvido com o desfiamento do tecido, é característico da própria Ilha.

Figura 4 - Padrões de bordado característicos da Ilha



Fonte: autor

Detalhando roupas e peças de enxoval exportadas, o bordado particular chamou a atenção de Cármen e Celso Brandão, respectivamente curadora do museu Théo Brandão e fotógrafo, oriundos de Maceió, durante uma viagem a Penedo no início da década de 80. O contato com as peças gerou curiosidade

acerca de suas origens e, enfim, os levou a conhecer a Ilha do Ferro, onde, quase simultaneamente, os bancos de madeira foram desenvolvidos. Desse modo, sem que fosse possível imaginar, o encontro dos maceioenses com a arte de Fernando em 1983 daria suporte ao redirecionamento da população a formas distintas de enxergar e produzir seus artefatos, impactando suas manifestações e propósitos sem, entretanto, afrouxar o vínculo já estabelecido entre artesanato e capitalismo.

2.2 Artesanato sertanejo, subsistência e capitalismo

Em meados da década de 60, a contracultura efervesceu em territórios como EUA e Inglaterra, impulsionada pela juventude *baby boomer* por meio do movimento hippie. Dentre as perspectivas de tais grupos, encabeçados majoritariamente por jovens brancos de classe média, destacava-se a busca por uma cultura que se distanciasse dos padrões estabelecidos como eruditos e direcionados à elite, fomentando o consumo de mídias populares como o rock n' roll, já dominado por produtores igualmente brancos, a criação de uma consciência política jovem e o raso mergulho em culturas orientais.

É no trânsito da *Hippie Trail* que a apropriação de aspectos culturais “exóticos” de territórios como Índia, Paquistão e Nepal passa a se manifestar em novas formas ocidentais de criar, espiritualizar e, enfim, consumir. Com o suporte de meios de comunicação midiática, que incluiu a influência dos próprios Beatles no ato de seu período imersivo na Índia, as práticas e elementos até então segregados pela visão eurocentrista se desvinculam da origem e contexto cultural e são transformados em mercadoria a ser adquirida pela juventude recém posicionada como consumidora, acompanhando a constante demanda do mercado por inovações.

No âmbito nacional, a contracultura encontrou lugar nas manifestações antagônicas à Ditadura Militar, instalada no Brasil a partir de 1964. A força de movimentos artísticos como o Tropicalismo e o engajamento do Movimento Estudantil impulsionaram novas discussões acerca do estabelecimento de uma identidade nacional, pauta em questão desde a década de 10 por meio das vanguardas da nova intelectualidade brasileira, que culminaram na Semana de Arte de 22. De acordo com Montero (1999) nos embates das dicotomias de brancos e negros, elite e periferia, fez-se oportuna a estratégia de domesticar a cultura popular

para organizá-la em formas de representação mais universais, mestiças, ao propor que a identidade nacional demanda homogenia.

A busca por tal estabilidade é exemplificada pela autora na recriação da capoeiragem num projeto biracial, no qual “intelectuais brancos e negros trabalharam continuamente para recriar a capoeira: os primeiros fazendo dela um esporte; os segundos tentando preservar seu aspecto lúdico e combativo” (Montero, 1999). Nesse ínterim, a tentativa de universalizar particularidades, antes de estabilizar uma ideia de cultura, deveria torná-la palatável ao país como um todo, ou tanto quanto possível, a troco de sufocar parte da identidade de determinados grupos visando o surgimento de uma nova. Tais trocas de saberes, por vezes de formas agressivas, por vezes pacíficas, impulsionadas pela contracultura do pós-guerra, atuam como pano de fundo das novas dinâmicas de olhar e consumir o saber-fazer popular na segunda metade do século XX. Em tal contexto, ao considerar os museus como armazenadores de artefatos representativos de cultura e sociedade, a museóloga Cármen Dantas (1979) discorre:

No mundo de hoje não mais se admite uma instituição museológica desligada do processo educacional de sua comunidade. Os velhos conceitos recebem nova roupagem e os museus afastam-se de sua antiga posição de abrigo insólito de intelectuais, para desempenhar uma missão bem mais produtiva, buscando atrair para si a grande massa popular. Ao lado das escolas, estas instituições atuam como veículos de educação extra classe, transmitindo sua mensagem pedagógica através da informação visual. Mas não se restringem a efeitos puramente didáticos os anseios dos museus atuais. Seus objetivos são mais audaciosos, suas metas mais abrangentes. Importante como repositório da cultura de um povo, os museus assumem também o papel de agente informativo dessa cultura, junto aos turistas que os visitam. É a história, é a Arte, é o Folclore, é a própria Vida da comunidade que ali está projetada. Precisa, portanto, ser bem exposto o seu acervo, bem ativas suas promoções. Para sobreviverem, os museus se dinamizaram. Abriram suas portas ao grande público. É a casa de lazer educativo, como também o são o teatro, o cinema, a televisão (Cármen Dantas – Arquivo Pessoal – 15/11/1979 apud Lins, 2019).

Desse modo, distanciando a ideia de museu do elitismo da alta cultura, é proposta, ao fim dos anos 70, uma nova forma de apresentação, que atue como extensão da cultura popular. A percepção de arte “válida” se desloca da exclusividade acadêmica erudita para ser vista e produzida pela população comum, como parte de seu cotidiano. É nesse contexto que Cármen Dantas e Celso Brandão são atraídos à Ilha do Ferro em 81, buscando as origens do Bordado Boa Noite, mas se deparando com os bancos produzidos por mestre Fernando no Bar Redondo. A imersão no espaço resultou em trocas informacionais acerca do artesanato por meio

das entrevistas que a museóloga realizou com mestre Fernando e as bordadeiras, além de registros imagéticos da Ilha feitos por Celso, que, ultrapassando as próprias produções artesanais, retratavam a comunidade e seu cotidiano.

O Celso Brandão foi um dos divulgadores das peças do Fernando. Ele tem um livro que tem só fotos daqui da Ilha, não só do artesanato. De pessoas, de fotos até de varal de roupas, varal estendido... e ele tirou fotos. Aí ele foi um divulgador muito do trabalho do Fernando (E3 - Bordadeira 2, 2023)

Os projetos de Celso, materializados em fotografias e vídeos, favoreceram a mostra dos artesanatos, impulsionada, também, por suas narrativas pessoais. Dessa forma, por meio de divulgação e contatos, as criações de mestre Fernando chegaram a integrar exposições artísticas a partir do final da década de 80, o que perduraria pelos anos seguintes. Apesar do lento processo, a visibilidade sobre a arte do mestre e outros artesãos que iniciavam suas próprias intervenções em madeira se intensificou até chamar a atenção de galeristas e lojistas, oriundos, majoritariamente, da cidade de Maceió, antes que as produções impactassem o eixo Rio-São Paulo. Ademais, Fernando não trabalhava sozinho. Os aprendizes e auxiliares do mestre, “muitos deles seus familiares e outros amigos e habitantes do povoado Ilha do Ferro, aprenderam o ofício desse modo, através de atividades associadas à produção” (Lins, 2019, p. 89), assistenciando o entalhe de maneira direta, recolhendo a madeira para o mestre de idade avançada ou apenas observando da calçada e casas vizinhas.

O seu Fernando (...) a gente só via mais ele lá. Onde ele trabalhava, brincando, porque ele era uma pessoa cheia de brincadeira. E andei muito também tirando madeira, tirando madeira dos matos. Só que na época eu era um garotão de... 13, 14 anos, 15, mais ou menos por aí. Mas nunca pensava nem em fazer artesanato. Naquela época também não tinha o conhecimento que tem hoje, o valor que tem hoje (E4 - Artesão 2, 2023)

Ao passo que as comercializações eram potencializadas e o artesanato se tornava cada vez mais cotidiano, mais habitantes da Ilha aderiram à fabricação das manualidades, que, partindo para composições diferentes de tamancos e outros artefatos julgados como triviais, integravam linhas de mobiliários e artigos decorativos em formas orgânicas e, aos poucos, características.

Figura 5 - Obras de mestre Fernando



Fonte: autor

Os processos de compra e venda estabelecidos a partir do fim dos anos 80 se fortaleceram nas décadas seguintes, e ofereceram a parte da população um novo modelo de subsistência, além das práticas de agricultura e pesca. Não obstante, ainda haveria um longo caminho a ser percorrido antes que fosse efetivada a consagração da Ilha do Ferro como polo de fama nacional, visto que grande parte dos compradores objetivava o lucro. As dinâmicas abusivas de revenda dos artefatos enriquecia seus segundos negociantes, ao passo que não oferecia benefícios consideráveis aos produtores.

Porque aí ela [lojista] também não passava para ninguém, ela ia comprando a ele [Fernando] e a outros aí, baratinhos. Só tinha ele e umas cinco pessoas só, não tinha mais não, tinha umas cinco pessoas só que fazia na época dele, aí acabou. Mas aí ela vinha, comprava baratinho, que ela tem loja, e aí ela não ia espalhar para canto nenhum, ela estava comprando barato, estava vendendo, se dando bem, ela vai espalhar pra canto nenhum (E1 - Artesão 1, 2023).

Com a tentativa de alcançar maiores rendimentos, grande parte dos lojistas não se empenhava em atribuir os créditos de produção aos artesãos,

desfavorecendo o aumento de sua autonomia e até mesmo a possibilidade de um circuito turístico que aumentasse a geração de renda populacional. Dependendo de tais compradores, os artesãos se tornavam uma mão de obra barata e rápida, com a exploração das desvantagens econômicas e comunicacionais do povoado em relação à metrópole e outras cidades. Desse modo, se por muitas vezes o produtor não tinha plena consciência do valor de seu trabalho, por outras, apesar de o saber, não possuía meios para garanti-lo. Ao considerar tal fator, e, por outro lado, a continuidade das divulgações de curadores e participações em determinadas feiras artísticas, o povoado desenvolvia sua clientela, até que uma grande mudança em meados de 2015 impactou as práticas locais de forma definitiva: a chegada da internet.

Enquanto o primeiro arco de desenvolvimento territorial como polo é associado por muitos à chegada da energia elétrica e a abertura da estrada, o segundo, conectando a comunidade ao meio digital, caracterizou um processo consideravelmente mais veloz e constante. As redes sociais atuaram como fortes ferramentas de divulgação para os próprios artesãos, que, com a praticidade das câmeras de celular, registravam suas obras para publicação on-line e tratavam diretamente com clientes finais, sem a dependência de mediadores.

Levou uma queda muito grande o artesanato. Ficou muito devagar, muito lento. Foi quase que se acaba o artesanato. Agora depois chegou a internet aqui, 2015, por aí, aí começou a levantar. E esse levantamento nunca mais parou. (...) Aí com a internet você manda pra todo canto, a internet tá... o pessoal tá ligado todo dia, aí isso aqui foi aumentando, foi crescendo, crescendo e hoje chegou um ponto que disparou isso aqui (...) Antes o pessoal não... Comprava, algum lojista comprava, mas não era... mas hoje não, depois chegou a internet a todo mundo... Quer dizer, eu mesmo me mantenho só com turismo, né? É difícil vender para loja, muito difícil. (E1 - Artesão 1, 2023)

A sorte da ilha do ferro foi a internet, se não fosse a internet até hoje isso aqui estava do mesmo jeito que era antes. A gente tem que dar graças a Deus da internet existir! (...) Um turista para vir aqui, vinha um turista no ano, dois no máximo, porque quem se conhecia aqui não falava para ninguém. Aqui. E geralmente as pessoas eram donas de galerias, e aí não ia falar porque não queriam que viesse aqui para conhecer e tirar deles, né? Só que tiravam proveito do pessoal daqui, aí veio a internet e abriu o mundo, e rápido! 2015 para cá é rápido! A internet foi quem fez movimentar isso tudo, desde 2015. Em 2015 todo mundo começou a criar... (E5 - Filho(a) de artesão, 2023)

A reivindicação autoral possibilitou, finalmente, maior crédito aos artesãos de forma independente, que puderam aumentar seus lucros, trazendo cada vez mais fama ao povoado e se tornando cada vez mais numerosos. Somada ao contínuo

suporte de curadores como Brandão, que colaboraram com a abertura do Museu Ilha do Ferro, e outras participações em mostras artísticas, a produção local integrou progressivamente o circuito nacional de artesanato de luxo, que, se distanciando de forma drástica das feiras livres às margens do São Francisco, rumava à casa de colecionadores em todo o país. Não obstante, os ganhos oriundos do pacto periferia-elite na criação de uma cultura identitária aceitável ao nicho de mercado exigem determinadas perdas.

Desde seu início em meados dos anos 80, a inclusão dos curadores e clientes no entrecruzamento do artesanato local redirecionou, de certa forma, os métodos de produção, tornando-os mais aptos a seus termos de mercado. De acordo com Lins (2019, p.67) o oferecimento de sugestões e palpites da parte dos olheiros e/ou clientes do circuito em formação poderiam influenciar o artesão a produzir em determinado caminho, realçando características consideradas positivas e descartando ou reformulando pontos vistos como fracos.

Desse modo, como proposto por Montero (1999) anteriormente, aquilo que demanda aceitação de massa, em termos sociais ou econômicos, demanda limpeza e rerepresentação. No âmbito capitalista, dado o deslocamento corriqueiro da identidade para a posição de item mercadológico, a necessidade precede a expressão e, portanto, os artefatos, aos poucos, se ajustam ao novo mercado sem questionamentos. Desse modo, a cultura da periferia torna-se válida desde que atenda às condições de equilibrar a manifestação de seu exotismo entretenedor e o ajuste a uma variante que seja do gosto da elite, sua nova consumidora. A excentricidade agrada ao mercado, mas precisa se adaptar a seus moldes.

Tais questões são evidenciadas no deslocamento do artesanato de subsistência, consumido cotidianamente pela população comum, para o artesanato de luxo, no favorecimento de consideráveis benefícios econômicos para os artesãos e moradores da Ilha do Ferro, com maior conhecimento e renda para seu artesanato e território. Em contrapartida, contrastando com a proposta de Dantas (1979 apud Lins, 2019) acerca da rerepresentação dos museus como extensões do cotidiano popular e a inserção da periferia no que diz respeito à produção e consumo de arte, a criação de um circuito artesanal e turístico, pode, afinal, elitizar o popular,

impedindo que seja detido pela população comum. Considerando tais questões, parece irrealizável o alcance de um equilíbrio perfeito.

Tal qual a curiosidade dos visitantes de 1983 acerca das origens do Bordado Boa Noite, os artefatos da nova fase, instigaram a atenção de diversos olheiros que logo seriam convertidos em turistas por meio da ampla disseminação de sua proveniência, em particular, com a abertura do Museu e da primeira pousada da Ilha no ano de 2017, ocorrências seguidas pelo fomento de divulgações televisionadas e internéticas. Em registros do catálogo da exposição *Brasil Arte Popular Hoje*, a curadora Lélia Coelho Frota (1988) já discorria:

Banquinhos da Ilha do Ferro e um bestiário esculpido em madeira:

Deixando para trás a solenidade das festas, e seu som coletivo, entramos agora no silêncio de uma ilha em pleno Rio São Francisco. Nela, o olhar somado de artista e pesquisador de Celso Brandão soube ver, nos banquinhos esculpidos para um bar, a beleza da forma que se equivale à da sua funcionalidade como assento.

Aqui, visível, a integração do bonito e do útil, contrapesados, que tornam a arte inseparável da vida, nos universos chamados populares.

Uma outra curva se abre, neste percurso, para, ainda em plena instância rural, mostrar a fauna brasileira, tão próxima do dia-a-dia do artista popular. A vaca com o seu bezerro, o sapo, o teiú, a cobra. A anta, o tatu, a garça, o macaco, as onças. Os passarinhos e até o leão, bicho africano, mas presente no zoológico da imaginação (Frota, 1988, p. 9 apud Lins, 2019, p. 75)

O caráter rural e pitoresco da apresentação denota o exotismo atribuído aos artefatos e sua origem, ao considerar que, no ato inicial de sua integração no circuito do artesanato nacional, o nome dos artistas dificilmente era citado, dada a ênfase à Ilha do Ferro que perdura até a atualidade, com pregnância cada vez mais intensa. É nesse ínterim que, de forma similar às dinâmicas de consumo de elementos orientais mistos no âmbito da contracultura sessentista, a busca pelo excêntrico fortalece a demanda por itens que apresentem o exotismo desejável.

O fenômeno foi, ainda, apresentado e discutido pelo sociólogo Henri Lefebvre (1976), que, ponderando sobre as práticas de consumo capitalistas direcionadas aos espaços urbanos, apresentou a constante busca por "novas raridades". Nesse contexto, itens e conceitos anteriormente abundantes passam a ser demandas de alto custo ao se tornarem escassos, tratando do âmbito natural (luz, ar, espaço, tempo, vegetação) ao cultural, materializado, por exemplo, nos artesanatos expostos na reapresentação do rústico e manual, quase perdidos com a expansão da

indústria. Dessa forma, o artesanato se distancia da funcionalidade cotidiana em detrimento da forma e meios analógicos de produção, aspecto que pode se estender, também, à estagnação do espaço no contexto turístico, como será viável discutir mais adiante, no tópico 4.

De acordo com Coriolano (2006), “o turismo materializa-se na lógica da diferenciação histórica e geográfica dos lugares e das regiões”, se contradizendo ao “propor ao desenvolvimento local, preservar lugares, e proteger as culturas, obtendo, ao contrário, a transformação do espaço em mercadoria, massificação das culturas”. Em concordância com a compreensão de Montero (1999) acerca da homogeneização identitária, podendo, aqui, favorecer também a consolidação de um estereótipo, a diferenciação histórica e geográfica proposta por Coriolano denota a sobressalência de um território sobre outro. Seguindo a lógica básica do capitalismo, ao considerar, tal qual a autora, o turismo como qualquer uma de suas atividades e práticas, o espaço deve ser competitivo. Faz necessário, assim, que a distinção territorial mantenha ressaltados seus pontos fortes com o intuito de atrair o público alvo desejado e gerar lucro, visto que tais ganhos só podem ser efetivados com o destaque em relação a similares.

Os espaços, nesse contexto, são objetificados e seccionados em vários nichos de mercado, aguardando a atenção de um público que os considere como dignos de consumo. Desse modo, cabe pontuar que, enquanto muitos julgam o pouco conhecimento de imediações sertanejas acerca da Ilha do Ferro, suas produções e valor como fruto de ignorância e/ou pouco interesse em arte, tal fator pode ser um reflexo muito mais intenso do público alvo para quem se constrói as apresentações da Ilha do Ferro, composto por uma elite que, em maioria, se dispõe no eixo Rio-São Paulo.

O pessoal do São Paulo sempre faz muita divulgação, faz muita entrevista. São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Recife, até Maceió mesmo, fazem muita divulgação, assim, no trabalho da gente aqui. São Paulo não deixa de ser o mais forte, que é uma cidade muito... corre muito dinheiro, não deixa de ser o mais forte (E1 - Artesão 1, 2023).

Ao compreender, desse modo, as relações estreitas entre território e produção com o fortalecimento do turismo no contexto capitalista, além de suas formas de apresentação, faz-se necessário discutir e compreender seus meios de adequação aos requisitos demandados, bem como a formação de tais critérios. Daqui em

diante, intentando uma análise mais aprofundada da Ilha do Ferro e sua integração no circuito turístico e artesanal, torna-se viável ultrapassar questões históricas e geográficas para propor um debruço a sua condição primária de território ocupado, criado, observado e transformado por pessoas que, concomitantemente, são transformadas por ele; de forma espontânea ou não.

3. A Ilha do Ferro pela Ilha do Ferro

De acordo com Miguel (2012), a entrevista pode ser caracterizada como a competência de traspasar isolamentos grupais, individuais e sociais para atuar, também, na pluralização de vozes e distribuição de informação. Tal prática, no entanto, apresenta limitações, dentre as quais é possível citar a liberdade de discurso. O desconforto em lidar com o desconhecido, em particular, no que tange à vida privada, é colocado como um obstáculo a ser ultrapassado com o objetivo de aumentar a compreensão acerca da presente condição do espaço e seus habitantes, sem que seja possível deixá-lo de lado completamente. Dessa forma, a autora considera, ainda, que a entrevista não teria como finalidade fornecer respostas prontas ou validar hipóteses pré-estabelecidas, definidas concretamente, mas imergir ao máximo na experiência do outro, bem como nos significados que atribui a ela, para além das barreiras comunicativas.

Ao considerar as dinâmicas econômicas da Ilha do Ferro, vinculadas intensamente ao eixo Rio-São Paulo e meios de comunicação que se direcionam a públicos que, muitas vezes, não a reconhecem de fato, fez-se viável, nesse contexto, a aplicação de entrevistas anônimas, oferecendo tanto quanto possível conforto ao entrevistado: a quem a reconhece. Tal decisão foi intensificada a partir da análise de entrevistas anteriores ambientadas na Ilha, ao concluir que pouco saíam do campo artesanal, que se concentrava na produção e sua história. No contexto da presente pesquisa, pareceu pertinente se distanciar do contexto em que o habitante narra o espaço e suas dinâmicas para perscrutar a si próprio em outro direcionamento: como ele mesmo se sente em relação ao espaço e suas dinâmicas. Como, de forma desafiadora, se olha para dentro e não para fora.

Nessa perspectiva, a experiência foi dividida em duas visitas: a primeira, direcionada à imersão no espaço, em janeiro de 2023, possibilitou o primeiro contato com os habitantes de maneira mais breve e coloquial, atentando para os artesanatos

e suas formas de apresentação e manifestação, bem como a arquitetura e comércios locais. Esse panorama possibilitou uma compreensão mais rasa das dinâmicas, com menos ênfase numa pesquisa ativa e discursiva, focando na observação. Em detrimento de gravações de voz e anotações, sem a pressa de perguntas e respostas, fez-se preferível fotografar o espaço e ouvir o que fosse desejável ser dito pelos locais. Já a visita seguinte, em junho de 2023, feita acidentalmente numa segunda-feira, foi iniciada pela recordação de que este é o dia regular de ocorrência da feira de Pão de Açúcar, deixando o povoado mais vazio pelo trânsito de habitantes ao comércio. Apesar disso, a pesquisa aconteceu.

Partindo da manhã ao fim da tarde, os entrevistados, dentre artesãos, bordadeiras (duas classificações diferenciadas, sobre as quais será viável discutir mais adiante) e filhos destes produtores, eram abordados na rua ou em suas casas. Após uma apresentação breve do entrevistador, enfatizando sua origem de um outro interior do sertão de Alagoas com o intuito de fomentar empatia e certa familiaridade, bem como maior conforto discursivo, foram destacados a intenção da entrevista e seu caráter anônimo, propondo expandir as perspectivas acerca de sua habitação na Ilha e o impacto das mudanças ocorridas nas últimas décadas. Cada colóquio foi conduzido em tom informal e gravado no local de escolha de cada entrevistado, do sofá da sala de casa ao assento esculpido do ateliê, cujas durações transcorreram entre as faixas de vinte minutos a mais de uma hora. Posteriormente, as gravações foram transcritas e passaram por limpeza, com a censura de detalhes que pudessem revelar o interlocutor antes de sua citação no documento. Aqui, a síntese analítica de tais registros é alicerçada no conceito de habitus, discutido por Bourdieu durante a segunda metade do século XX.

O habitus é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente (Wacquant, 2007).

Dessa forma, é considerada a dinâmica de troca entre o senso comum e as manifestações individuais, que podem refleti-lo em maior ou menor intensidade a depender do emissor e sua experiência pessoal com a comunidade e o espaço em que se insere. O compartilhamento coletivo, e muitas vezes involuntário, de regras e

conceitos consensuais foi manifestado desde o início das atividades de pesquisa, dada a possibilidade de notar imediatamente, mesmo na abordagem de cidadãos não ativos no circuito artesanal, a falta de resistência à concessão de entrevistas. Essa já é uma prática corriqueira, e parte, em geral, de um ponto similar ao que marca o início de conversas com os turistas: a história do circuito. Esse fator fez-se presente na primeira visita, sem fins de discussão direta, tanto quanto na segunda, com o convite à discussão, visto que, no ato da abordagem, ambas derivaram do mesmo questionamento: “você já conhece a história daqui?”.

A apresentação, que discorre acerca do derrubamento do pé de mulungu transformado em artesanato por mestre Fernando e seus direcionamentos posteriores, pode ser encontrada em entrevistas para programas de televisão ou internet, vídeos exibidos em um aparelho televisor no próprio Museu da Ilha do Ferro ou mesmo em conversas com os próprios habitantes, como no caso desta pesquisa. O conhecimento dos eventos precedentes parece comum a todo o povoado, que constantemente o revisita com o intuito de educar seus visitantes e, talvez, reforçar sua autoridade de produção, visto que as atividades com artesanato precedem a formação efetiva do circuito. Acerca de seu desenvolvimento na localidade, um dos entrevistados introduz: “mas também fui uma pessoa criada com o maior artesão da Ilha do Ferro, que foi o seu Fernando. Conhece?” (E4 - Artesão 2, 2023). No âmbito coletivo, não importando se para familiares, cidadãos naturais do espaço ou moradores pós-estabilidade do polo, mestre Fernando Rodrigues se instala no imaginário popular como precursor da essência territorial, manifestada num novo modo de vida e consumo, e é constantemente recordado junto a figuras de suporte como Celso Brandão, citado por alguns no início ou durante as entrevistas.

Figura 6 - Livro de fotografias de Celso Brandão



Fonte: autor

No ato das abordagens, fez-se viável compreender de antemão que a Ilha do Ferro tem como uma de suas principais características a integração entre casas e ateliês abertos ao público, ao considerar que muitos iniciaram suas práticas artesanais no próprio âmbito doméstico, comumente estendendo os trabalhos para o quintal ou varanda, quando não mantidos dentro das casas. Essa condição, que facilitou o contato com os entrevistados, possibilitou, também, a percepção de formas distintas de moradia, reafirmando, por um lado, a falta de unificação do espaço. Ao passo que as formas de manifestação se tornam cada vez mais similares, certas distinções permanecem.

Porque tem pessoas que... não é bem informado. Quando chega aqui não está informado que os ateliês são separados, que você vai ter contato diretamente com o artesão, porque tem pessoas que também chega e pensa que é tudo no local só. Vamos dizer um galpão que tenha peças de todos os artesões, como tem o museu, bem assim teria um galpão para venda de todos os artesãos, não precisava você ir de casa em casa de artesão (E3 - Bordadeira 2, 2023)

Parte dessas distinções é manifestada, por exemplo, na dicotomia do que se apresenta pela população entre bordado e artesanato, visto que este se associa muito mais ao entalhe e manipulação da madeira. As bordadeiras de Boa Noite iniciaram suas atividades anteriormente, chegando a fundar uma associação no povoado, não obstante, a variação dos lucros gerados pelas atividades parece se caracterizar como um dos fatores de peso nas considerações comunitárias. Enquanto a madeira causou impacto mais significativo, o bordado não fomentou valores monetários tão expressivos ou conferiu fama nacional a suas produtoras, apesar de oferecer, também, estabilidade financeira a muitas.

Essa condição é refletida de forma direta nos discursos. Ao passo que os artesãos parecem tender para uma percepção mais objetiva e de cunho financeiro, as bordadeiras podem apresentar uma visão mais sentimental e até mesmo crítica a aspectos da atual dinâmica local. Quando questionado, por exemplo, acerca do que havia de mais importante na Ilha do Ferro, um dos artesãos ressaltou: “eu só colocaria o artesanato aqui. Porque o artesanato aqui, nesse lugar aqui é tudo. É tudo.” (E1 - Artesão 1, 2023), ao que, em outra entrevista, uma das bordadeiras apresenta um contraponto: “antes do artesanato ter tanto esse valor, a Ilha do Ferro já era a Ilha do Ferro que a maioria do pessoal que vem sempre conhece. É um povo acolhedor, é um povo unido.” (E3 - Bordadeira 2, 2023). Enquanto para alguns a produção precede o produtor, outros ainda reafirmam sua sobressalência.

Não obstante, mesmo as percepções sobre o habitante ainda parecem se distinguir em seus grupos de predominância, em particular, no que diz respeito ao cunho moral e receptivo que costumeiramente se estende à figura sertaneja. Essa dinâmica pode ser observada nas compreensões de duas bordadeiras:

Os turistas às vezes ficam muito surpresos como a gente recebe eles (...) Outro dia chegou um rapaz (...) E tudo que ele viu, que ele fotografou, que ele não fotografou, que ele viu a história interessante... e ele chegou dizendo, falando... (...) que aqui a simplicidade é mais do que um hotel de 7, de que for mais estrela, uma coisa mais chique do mundo... mas aqui o pessoal é muito acolhedor e recebe na simplicidade, e isso é o que chama a atenção mais ainda do turista. (...) *É natural do povo* (E3 - Bordadeira 2, 2023, grifo autoral)

O artesanato está sendo bom no ponto porque é o meio de vida para as pessoas, né? Mas eu acho que a qualidade das pessoas é mais importante que mesmo o dinheiro que vem dos artesanatos. (...) [Mas] não, não é assim, geral o povo. Não seria todo o povo. Mas *algumas pessoas* são pessoas acolhedoras (E2 - Bordadeira 1, 2023, grifo autoral)

Dessa forma, apesar da concordância da figura do habitante como ponto central da formação do polo e sua real importância, enquanto um olhar enaltece a característica de receptividade como comum e natural a toda a população, sendo esse um aspecto que fortalece o turismo se devidamente ressaltado, o outro é contrário à generalização dessa conduta. Nesse contexto, ao passo que o desenvolvimento de conexões e senso comunitário frequentemente se manifesta de forma mais corriqueira nos interiores em detrimento da metrópole, pode ser ilógico classificar todos os interioranos como hospitaleiros, conferindo, até mesmo, um fardo de disponibilidade constante a seu cotidiano. A discordância da generalização, que se fortalece com o trânsito livre de desconhecidos nos ateliês integrados às casas, pode ser enfatizada, também, por um dos artesãos, que de forma constrangida comentou:

De repente você bota gente da sua casa e não sabe quem é. Por exemplo, esse final de semana mesmo chegou uma turma de gente aqui... Chegou, reparou aí, vinha de viagem, e aí pediu para ir no banheiro... Tudo bem, você não vai negar. Foi ao banheiro, e assim... é um lugar que não tem banheiro público. (...) [Mas] você não vai acolher uma pessoa dentro de casa, geralmente...botar uma pessoa na sua casa (...) que você não sabe quem é...Geralmente chegam umas pessoas aí que querem alugar um quarto. Eu não tenho quarto de alugar, nem... nem... não tenho. Mesmo se tivesse, também não sei se é legal você botar uma pessoa na sua casa. (E4 - Artesão 2, 2023)

As idas e vindas de similaridades e discrepâncias do que diz respeito à compreensão dos espaços e seus ocupantes encontram, novamente, lugar nas discorrências acerca do habitus, sendo a organicidade variável das percepções, também, uma forma de validá-las. Enquanto influenciada pelo meio, a trajetória individual ainda tem fatores motivadores oriundos de crenças pessoais e até mesmo distinções de classe social, interferindo no padrão de respostas. De acordo com as noções de Pierre Bourdieu:

O habitus fornece ao mesmo tempo um princípio de sociação e de individuação: sociação porque as nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim podemos falar de um habitus masculino, de um habitus nacional, de um habitus burguês, etc.); individuação porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas. Porque é simultaneamente estruturado (por meios sociais passados) e estruturante (de ações e representações presentes), o habitus opera como o “princípio não escolhido de todas as escolhas” (Bourdieu, 1990 apud Wacquant, 2007).

Não obstante, é na falta de unificação que se destacam com mais clareza os aspectos de unidade, especialmente ao olhá-los por meio de outras perspectivas. A discussão inicial de definição ou síntese do território, na oposição de produto-produtor, pode ser, afinal, resultado de formas distintas de chegar à mesma conclusão. Pareceu claro que majoritariamente produtores do artesanato em madeira, à primeira vista, trouxeram a impressão de foco na geração de lucro, ultrapassando questões identitárias da comunidade em discursos como:

Não incomoda [a forma como turistas e meios de comunicação apresentam a Ilha do Ferro], não, porque isso pra gente é bom, sabe? Pra gente é bom, qualquer pessoa que chega lá fora e *apresentar qualquer coisa*, eu acho, hoje eu acho que é bom pra nós aqui (E1 - Artesão 1, 2023, grifo autoral)

Essa percepção parece encontrar justificativa no discurso de outro artesão, ao propor que: “quanto mais turistas que andam aqui pra nós, é melhor, né? Nós vende [sic] mais! O lugar fica mais reconhecido!” (E4 - Artesão 2, 2023). Desse modo, independentemente da forma com que se aumenta o tráfego de clientes, esse parece ser o objetivo principal. O caráter errôneo dessa conclusão, entretanto, se manifesta na falta de aprofundamento em suas entrelinhas, que transformam, afinal, a discrepância do posicionamento mais humanista das bordadeiras num senso comum, compartilhado com os artesãos: o foco no produtor. Enquanto um dos entrevistados comenta desejar que os turistas conheçam “a cultura, como a imaginação de cada pessoa, a vivência aqui no povoado, como é, até para elas aprenderem a vivência” (E6 - Filho(a) de bordadeira, 2023), na representação da essência do habitante, os discursos com foco no fortalecimento das vendas são direcionados, justamente, a sua subsistência.

A qualidade de vida [melhorou], muito! Aqui tem um sanfoneiro aqui em Pão de Açúcar chamado Beto, dificilmente ele tocava aqui, hoje vem sempre. Quer dizer, além de levantar, isso levantou o sanfoneiro ali, levantou outras pessoas lá, fora daqui, levantou os barqueiros que vem até do Sergipe ali, os barqueiros levam pra lá, isso tudo gera dinheiro, gera emprego pra... E lá eles vão deixarem dinheiro lá, eles vão comer, né, pra onde eles forem, pra algum canto aí, eles vão comer, eles vão beber. Aí de qualquer maneira, o artesanato aqui levantou várias coisas, muita coisa (E1 - Artesão 1, 2023)

Quer dizer, você vai ali, por exemplo, naquele outro lugar ali, Bom Sucesso, as crianças daqui são, olha...muito mais bem nutridas, muito mais bem vestidas, quer dizer, porque aqui tem uma condição de vida melhor, né? (E5 - Filho(a) de artesão, 2023)

A demanda pelo aumento produtivo, nesse modo, é um reflexo da qualidade de vida gerada por sua ocorrência, não apenas dentro do povoado, mas em suas

imediações. De fato, parece ousado propor a síntese de uma comunidade ao artesanato, especialmente ao considerar que outras formas de subsistência o precederam, entretanto como delimitar como regra um direcionamento objetivo para outras conclusões quando tudo parece delineado, de fato, em torno dele? Tal dinâmica, favorecida pelo trânsito turístico, pode ser fomentada, também, no próprio âmbito político, que prioriza a geração de lucros em detrimento da própria população. Mesmo com poucos incentivos direcionados à Ilha, as poucas medidas parecem paliativas, tangíveis, geralmente focadas naquilo que pode ser visto com clareza, como estruturas, e outras prestações esporádicas, visto que enquanto a fachada da escola é reformada, há reclamações sobre a educação, bem como a falta de uma ambulância na comunidade e irregularidade na retirada do lixo.

Assim, tá melhor porque a estrutura da escola tá melhor, vamos dizer que a assistência corre assim. Mas ainda deveria ser melhor. Você sabe como é político né? Político fala muito e não cumpre tudo que falou, eu acho que a qualidade não está melhor, sabe? (...) Eu sou sincera, porque eu vejo assim. A gente tem um lugar. Aí não aparece turista, vamos dizer. No mês de julho vai ser pra galera de férias, né? Sempre vem mais. Não dizendo que os outros meses não vem, porque eu não paro aqui. Você olha a data, que olha as datas aí que praticamente tá sendo em geral. Aí você vem, aí você diz, ah, vamos dizer “ahh, vem o governador pra Ilha do Ferro”. Aí daqui a pouco *vup vup vup...* [sons de máquina] Aí deram uma limpezinha melhor, veio caçamba, tirou lixo. Mas seria melhor cuidar melhor dos moradores. Não dos moradores, cada um particularmente na sua casa, mas da comunidade, no caso, né? (E3 - Bordadeira 1, 2023)

É um lugar que merece ter mais valorização, num saneamento básico, uma água de qualidade, a gente não tem tratamento de água. Nossa água aqui é só com cloro, em tudo. Os órgãos públicos aqui deixam muito a desejar. Muito, muito. Em todas... Saúde, educação, tudo (...) Eles falam, mencionam muito assim a Ilha do Ferro, mas não valoriza a Ilha do Ferro como deve ser valorizada (E6 - Filho(a) de bordadeira, 2023)

Nesse contexto, com a falta de compreensão acerca do circuito artesanal que esporadicamente tentam fortalecer, certas propostas políticas geraram conflitos recentes, a exemplo da estrada que leva ao povoado. Com o surgimento da possibilidade de asfaltar o trecho, a população, em peso, se posicionou contra a medida, ao considerar que, ao contrário do que seus propositores supunham, a reforma poderia prejudicar o turismo.

Figura 7 - Estrada que leva à Ilha do Ferro



Fonte: autor

Deixando de lado a melhoria na qualidade de trânsito dos turistas, bem como dos cidadãos locais em seu direcionamento a destinos corriqueiros para resoluções cotidianas, como feiras, passeios e até consultas médicas, uma concepção menos convencional parece se destacar: a experiência. O uso da estrada de terra é considerado como característico da experiência de se conhecer o espaço, chegando a ser citado como possibilidade de uma história para contar, no reforço de um estilo antigo e pouco vivido pelos visitantes metropolitanos.

Não incomoda não, porque se o governador (...) ia asfaltar, ia ser de Pão de Açúcar pra cá. E aí o pessoal do lugar, os turistas não quiseram. Os turistas e o pessoal do lugar não quiseram que ele asfaltasse. (...) Não, eu acho que todo mundo aqui, é uma grande parte, e o turismo também achou que [a estrada de terra] deve ficar assim mesmo (...). É... porque quem mora na cidade grande, só vive em cima do asfalto. Será que a pessoa não pode andar num pedacinho de chão? Mesmo ruim? Pode. Pelo menos vai contar uma história, já tem. Se anda num pedacinho ruim, você pode reclamar, até de reclamação é uma história (...) Bom desse jeito, porque o turismo também... (...) eles não reclamam não, *eles acham que deve ficar assim mesmo*. (E1 - Artesão 1, 2023, grifo autoral)

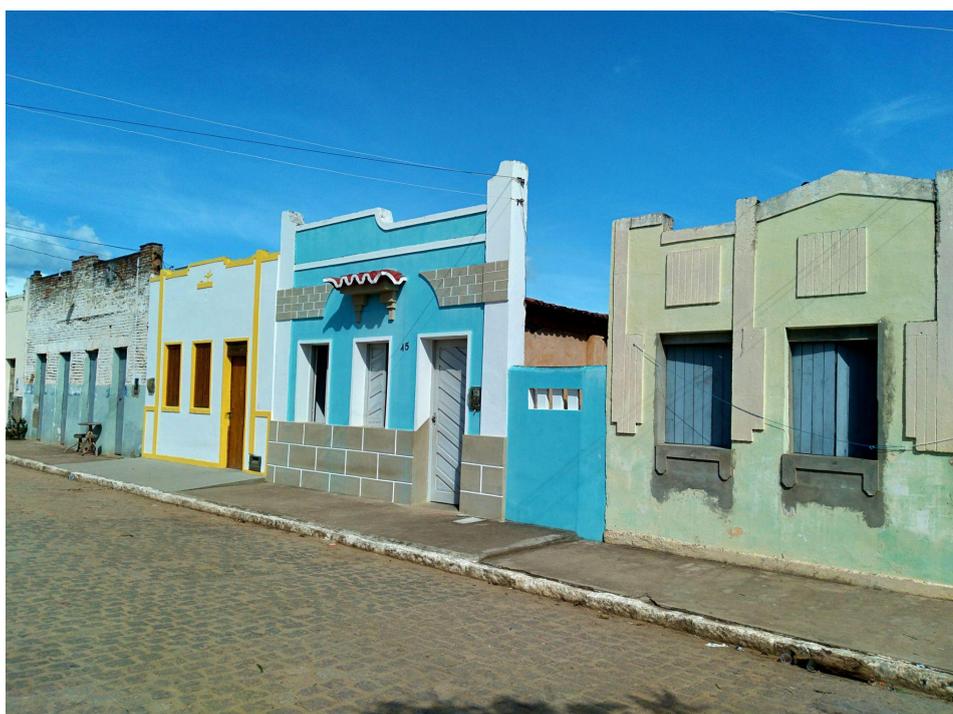
Eu acho que a estrada em si deveria continuar assim. Ela deveria ser melhorada. (...) É porque *perde a característica daqui do lugar*, se você colocar asfalto. (E5 - Filho(a) de artesão, 2023, grifo autoral)

Desse modo, apesar de uma das entrevistadas discorrer sobre a predileção pela estrada de terra com o intuito de dificultar o acesso à Ilha e, conseqüentemente,

mantê-la mais tranquila, a preocupação com as preferências turísticas parece se destacar entre os artesãos. Ao considerar tal fator, passa a ser delineada uma certa dicotomia entre o antigo e o novo no que diz respeito à Ilha do Ferro, uma dinâmica aparente desde, como salientado anteriormente, a abordagem histórica nas introduções coloquiais.

Para além dessas questões, pode-se citar, por exemplo, as fachadas arquitetônicas conservadas por tombamento, que, enquanto oferecem uma vista agradável aos visitantes e determinados habitantes que têm apreço pelo estilo, não podem ser vistas com a mesma frequência em interiores das imediações. Se por um lado é possível especular a falta de uma educação patrimonial, por outro surge o questionamento acerca da liberdade de interferência do proprietário do imóvel, que a troco da conservação estrutural das apreciáveis construções do início do século XX, não pode tomar decisões quanto a sua configuração. Mesmo as cores num tom mais saturado que as escolhas convencionais dentre outros povoados e cidades, similares às aplicadas em construções em cidades como Piranhas, ao oferecerem um padrão visual agradável aos olhos, também trazem consigo o questionamento: quem teria organizado essa harmonia? A estética de um espaço que se movimenta, muda com constância, pode se tornar inerte e coerente de forma natural?

Figuras 8 e 9 - Fachadas da Ilha do Ferro





Fonte: autor

Junto a aplicações personalizadas em gesso, as novas cores fomentam a reinvenção do passado numa nova roupagem e apresentação urbana, sem que seja possível se distanciar completamente dele. Com essa consideração, o olhar e apego ao pretérito como pauta para um futuro que o replica tanto quanto possível, enquanto parece estagnante aos olhos externos, em particular, de um público que busca esse estranhamento como agrado, não parece tão antigo assim na concepção dos próprios habitantes. Nesse contexto, surgem as considerações:

Não, às vezes eu sinto falta. De alguma coisa, que a Ilha do Ferro já está mais mudada. Já tem mais... *Outro estilo*. Já está bem mudada. Antigamente não era muito assim. E eu gostava como ela era. (...) Era mais... não sei. A modernidade hoje, (...) era muita coisa do que era antigamente, né? Aí tem muita coisa hoje, mas não muda tanto. Mas de todo jeito muda. Antigamente eu achava que era mais, sei lá... *Estilo*. (E3 - Bordadeira 2, 2023, grifo autoral)

Às vezes a pessoa lembra, eu lembro, outros lembra, às vezes nós contamos os causos do passado, mas... Hoje a Ilha do Ferro mudou completamente, é um estilo diferente dos outros cantos, até o Sergipe ali, Bom Sucesso, que é um povoado chega aqui... E, às vezes, “ah, rapaz, aqui mudou muito”. Aquele *estilo antigo aqui não existe mais*. (E1 - Artesão 1, 2023, grifo autoral)

É possível concluir dessa forma que, apesar da conservação de alguns aspectos antigos e uma cultura considerada pitoresca, a Ilha do Ferro não mantém seu "estilo antigo". A reinvenção, para quem acompanhou seu desenvolvimento, é muito mais clara, chegando a ultrapassar questões materiais como a arquitetura local para atingir outros patamares, imateriais e consideravelmente mais complexos. Para além do tangível, referente, por exemplo, ao urbanismo, essa nova roupagem é refletida, também, no trato das dinâmicas sociais e cotidianas, especialmente no que diz respeito ao consumo. Enfatizando os benefícios gerados pela nova acumulação de capital, o distanciamento do que se chama “estilo antigo” pode denotar, sob tal ótica, mais qualidade de vida no que diz respeito à rotina.

Qualquer coisa aqui que você tiver para vender você vende... hoje você vende qualquer coisa... quer dizer, o artesanato de madeira levantou, enfim, levantou tudo aqui. Você bota um negócio ali para vender, um pastel, uma comida, tudo você vende... você vê a bebida daqui é mais cara do que de todo canto, é mais cara de que de todo canto a bebida daqui. Todo mundo está acostumado e só quer beber dessa bebida mais cara agora, não quer mais aquela cerveja *mais barata, ninguém quer*. Você vê como está o lugar, né? (E1 - Artesão 1, 2023, grifo autoral)

Ao considerar tal observação, em sua remodelagem o povoado não apenas gera empregos, mas a população, pela primeira vez em décadas, detém considerável poder de compra, ultrapassando as privações de um cotidiano financeiro limitado para escolher, enfim, o melhor ao invés de apenas o que se pode pagar. Ainda no trato do habitus, Bourdieu (1984) chega a propor que a coerência do conceito em sociedade pode ser explicada, também, por meio de sua transferência entre domínios de consumo, “na música, desporto, alimentação e mobília” entre indivíduos da mesma classe na fundamentação e fortalecimento de seus estilos de vida, aqui manifestados nas novas demandas de mercado.

Nesse contexto, ao passo que o senso comum interfere no senso de consumo, as dinâmicas de consumo concomitantemente influenciam e, de certa forma, modificam a sociedade que as pratica. Pode-se citar, por exemplo, o impacto causado na prestação de serviços na Ilha a partir do aumento de produtores de artesanato, visto que, de acordo com um dos artesãos: “De pedreiro, de servente,

essas coisas você não acha aqui você vai buscar lá fora, porque aqui você não acha... porque todo mundo aqui ganha com que sobreviver, tranquilo.” (E1 - Artesão 1, 2023). Dessa forma, apesar das competências de muitos dos habitantes, antes praticantes de tais atividades, é preferível, no atual cenário, redirecionar o serviço para outros, dando preferência à prática artesanal, que, para muitos, é de mais confortável execução, visto que, segundo um dos entrevistados: “se não fosse (...) o artesanato que chama o pessoal pra vir conhecer a gente aqui... eu não tava aqui, eu tava nos corte de cana, no trabalho por aí!” (E4 - Artesão 2, 2023).

Em contrapartida, apesar da disponibilidade do artesanato como uma atividade laboral mais atrativa e lucrativa, seu excesso na área gerou uma considerável competição, responsável, muitas vezes, por indisposições entre membros da comunidade. Ao passo que o crescimento do número de produtores acompanhou a demanda pelos produtos, a distribuição entre os artesãos é desproporcional, como naturalmente se espera da configuração oferta e procura. Acerca dessa problemática, um dos entrevistados discorre: “Até vêm chegar gente aí, perguntam da minha casa... “não mora aqui, não” (...) Tem alguns que falam. Tem ciúmes, sempre rolam ciúmes.” (E1 - Artesão 1, 2023).

As tentativas de sabotagem, a exemplo da negação da presença de um ou outro artesão no povoado com o intuito de tomar seu cliente, apesar de esporádicas, já fazem parte de seu cotidiano, sem que tais conflitos sejam o único impasse gerado pela competição. Essa conclusão pode ser tomada, por exemplo, a partir da análise do fenômeno de cópias entre um artesão e outro, sobre o qual um dos entrevistados informa: “tem questão de cópia também, tem muito mesmo... até uma menina estava aqui ontem e disse “eu não aguento mais ver tanta coisa repetida aqui dentro da ilha”” (E5 - Filho(a) de artesão, 2023).

Tal fator pode ser um reflexo da possibilidade de que, não sendo um espaço onde todos fazem arte naturalmente, como forma de se expressar e materializar sua percepção do mundo, a Ilha do Ferro seja, muito mais, um povoado comum, um território comum, onde transitam pessoas com vocação para a arte ou não. Ao compreender que execução técnica é diferente de criação, a cópia pode gerar lucro, mas peças sem originalidade. Assim, a tendência produtiva, nesse caso, parece

muito mais relacionada, apesar da integração no circuito de artesanato de luxo, às antigas questões de subsistência, que não desapareceram do cotidiano.

Esta conjuntura se manifestou drasticamente na última década por meio do âmbito imobiliário, no qual, ao enxergar potencial de lucro no desenvolvimento artesanal da Ilha, vários metropolitanos adquiriram casas no território, intentando a construção de pousadas ou revenda superfaturada. Nas condições anteriores ao estabelecimento efetivo do polo, bem como o aumento dos adeptos à produção artesanal, as limitações financeiras oriundas de atividades pouco valorizadas pelo mercado e os passos lentos da popularização dos artefatos entre os principais consumidores favoreceram quantitativas vendas de imóveis e terrenos a preços baixos, sem que muitos de seus proprietários originais tivessem consciência de sua breve valorização.

A minha opinião é que hoje, na Ilha... essa geração... de 10 anos por aí, chegar o tempo de casar, por exemplo... eu acho que não vai ter como fazer casa na Ilha do Ferro. Acho que *o filho natural da Ilha do Ferro não vai poder comprar*. Quem tem pra vender é bom, agora quem quer comprar e não pode comprar, fica difícil! Nessa parte aí, porque o pessoal que tá vindo, tá comprando (E5 - Artesão 2, 2023, grifo autoral)

Antigamente você via essa parte aqui, só as casas lá embaixo. E você via aqui as estradas, coisas e tudo. E hoje, *cada dia que passa, você está perdendo mais um pouco da visão do que era*. Isso porque... Está crescendo mais por causa das construções (E3 - Bordadeira 2, 2023, grifo autoral)

Todo mundo aqui se desfez [dos imóveis], assim, porque *o pessoal não tinha costume de pegar em dinheiro!* Aí começaram a pegar um pouco agora no artesanato, não todo mundo, né, um dinheirinho só de sobreviver, muitos aí. Aí era um terreno, 10 mil. O cara vem agora, bota 100, 200... *a pessoa não aguenta e vende!* Aí os caras vêm aqui, compram, mandam alguém daqui construir, constrói, aluga e nem vem mais aqui! *Só tá tirando proveito do lugar, não tá trazendo nenhum benefício, tirando oportunidade!* (E5 - Filho(a) de artesão, 2023, grifo autoral)

Desse modo, além do prejuízo causado à população como um todo, acerca da possível falta de moradia num futuro próximo, as novas construções, aos poucos, mudam também a configuração urbana da localidade, conferindo a ela expansão interna, com maior ocupação dentro do povoado, e externa, favorecendo sua ampliação aos arredores. Ao considerar tais fatores, o que de fato parece incomodar os habitantes não diz respeito à apreciação da Ilha, da participação de sua cultura ou mesmo da instalação de moradia, mas uma postura predatória diante de oportunidades que poderiam ser oferecidas ao povo natural. Mesmo a integração de artesãos externos não parece problemática, sobre o que uma bordadeira comenta:

“tem pessoas que não eram da Ilha e hoje são artesãs (...) Eu acho interessante e um ponto bom, porque achou um trabalho bom na Ilha do Ferro” (E3 - Bordadeira 2, 2023). Ademais, de acordo com outro entrevistado:

A única coisa que eu tenho um pouco de receio é, assim, a invasão de algumas pessoas que querem vir para aqui, não por gostar da arte ou por querer um bem para o lugar, mas para fazer pousada e tirar um proveito daqui. Tem muita gente que tem casa aqui e que aluga e até os mais caros aluguéis, mas eles nem vêm aqui (E5 - Filho(a) de artesão, 2023).

Em tais condições, o deslocamento do território para a posição de produto de consumo o transforma simplesmente num gerador de lucro, no qual, surgindo a oportunidade, parece ser válido investir, mesmo que às custas da população comum. Ao retomar a especulação de alguns visitantes acerca da Ilha como um aglomerado de artesanatos num galpão, como proposto por uma das entrevistadas, bem como, no âmbito da divulgação dos produtos, a citação do espaço de origem em precedência ao produtor, as pluralidades do povoado são deixadas de lado para que este assuma a posição de conceito unificado: a Ilha do Ferro torna-se uma marca. Este fator pode ser drasticamente demonstrado no ato da compra e venda de artefatos apontados como cópias, ao considerar que simplesmente atendem um “estilo” já estabelecido externamente e desejado pelo público consumidor em detrimento da individualidade de tais manifestações, ressaltando a identidade de quem as produziu.

Assim, é possível considerar a formação de uma cadeia de produção visando o atendimento de uma demanda, seja no âmbito artesanal, imobiliário ou no que diz respeito à prestação de experiências por meio do turismo. Ao considerar tais fatores, bem como os impactos causados na modificação e readaptação do espaço a partir da perspectiva dos habitantes, faz-se viável, daqui em diante, aprofundar a compreensão acerca da transformação dessas dinâmicas sob a influência de uma ótica externa. Com esse intuito, é proposta a discussão acerca das motivações e ferramentas executivas que, de forma adaptativa, possibilitaram a transformação do território no que se chama de artefato.

4. A Ilha do Ferro versão sudestina

Derivado dos termos latinos “arte” e “factus”, o vocábulo “artefato” pode ser compreendido como algo construído artificialmente, de maneira intencional e projetada, com o intuito de atender a uma necessidade específica (Pimentel et al.,

2020). Nesse contexto, ao contrariar a percepção de muitos acerca de sua condição material e mecânica, o sentido ultrapassa a delimitação física para se reproduzir também em artifícios intangíveis, manifestando-se por meio de ideias, serviços e sistemas oriundos das definições de planejamento e objetivo. Em seu livro *The Sciences of the Artificial*, publicado originalmente ao fim da década de 60, Herbert Simon chega a propor que “o mundo que vivemos hoje é mais feito pelo homem, ou artificial, do que um mundo natural” (Simon, 1981, p.2), ao enfatizar a crescente demanda pelo planejamento de um cotidiano que se reapresenta no preferível em detrimento do existente.

Ademais, enquanto conceito sem definição consensual, o design, tanto associado a verbo quanto substantivo, pode ser simplificado como provedor de um pensamento que guia à realização (Buchanan, 2000, p.75), investigando caminhos e métodos com os quais se desenvolvem artefatos em suas diversas formas. O caráter multidisciplinar do design, bem como suas distintas instrumentalizações, é comumente direcionado ao âmbito mercadológico, na busca por estratégias de inovação, propondo diferenciação de um artefato sobre o outro e a conquista do consumidor. Tais artefatos são, nesse caso, construídos a partir de diferentes ferramentas que oferecerão resultados que os posicionem como competitivos, contando, numa perspectiva mais recente, com a ultrapassagem de questões construtivas para propor maior foco na figura do usuário, cuja demanda será atendida em termos de necessidade ou consumo. O design, nesse contexto, passa a se posicionar de forma difusa no cotidiano pós-moderno, integrando suas diversas manifestações para além dos limites da indústria (Wanderley, 2009, p.39,40).

Ao considerar tal expansão, Manzini (2017) se distancia das delimitações de consumo passivo para propor que, na atual conjuntura, o design é praticado por todos, mesmo que involuntariamente. De forma concomitante à demanda por planejamento observada por Simon (1981), o cidadão comum, a partir de sua identidade e cosmovisão, desenvolve e pratica o senso estratégico para melhorar o estado das coisas (Manzini, 2017, p.15). Tais práticas, conhecidas por autores como Santos (2003) como “Design Espontâneo”, surgem a partir da necessidade acompanhada da falta de recursos, na demanda por um posicionamento resolutivo, se materializando, por exemplo, nas conhecidas “gambiarras”. Nesse contexto, o não-designer, sem acesso ao conhecimento formal, desenvolve ferramentas do

design a serem aplicadas em seu cotidiano por meio de observação do contexto e pensamento lógico, desconhecendo a preexistência de muitas destas estratégias no âmbito acadêmico e industrial.

Aqui, o caráter intuitivo de tais procedimentos pode ser exemplificado na própria dinâmica expansiva da Ilha do Ferro, dado o deslocamento do povoado habitado organicamente à posição de ambiente turístico. É possível compreender que as novas demandas delineadas a partir da crescente procura pelos artesanatos e, conseqüentemente, a busca da população natural por formas de conservá-la viabilizaram a identificação do interesse do público no conhecimento de seu contexto produtivo como um possível caminho a se explorar. Ademais, em suas discussões acerca do domínio de territórios no âmbito do turismo, Coriolano (2006) discute o reposicionamento dos espaços como competitivos e ameaçadores, demandando produções que mantenham claras as diferenças de um espaço sobre o outro, acentuando-as tanto quanto possível. Em tal conjectura, torna-se possível esboçar a associação entre as estratégias de design em seu caráter inovador e a demanda de tais territórios por distinção mercadológica.

É possível pontuar, por exemplo, que dentre a vasta gama de ferramentas utilizadas por meio do design no desenvolvimento de suas metodologias de projeto, Baxter (2001) aponta como imprescindível a Análise de Similares, em termos de produto e produção, nos processos projetuais. Com o levantamento de informações acerca de artefatos semelhantes, no que tange a passos de sua criação ou finalidade, é possível mapear o melhor caminho para tornar-se competitivo, ao buscar na concorrência características positivas a serem referenciadas ou negativas a serem superadas.

Este artifício, enquanto ocupante das primeiras etapas de produção na transcorrência da coleta de dados, pode se fazer presente, também, em medidas corretivas, durante ou após o desenvolvimento do artefato em detrimento de seu planejamento inicial. A ferramenta poderia explicar o padrão identificado na nova roupagem arquitetônica da Ilha do Ferro, como supracitado no que diz respeito aos relevos ilustrados em gesso e a aplicação de uma paleta de cores coerente entre si e pouco convencional no cotidiano externo a contextos específicos. Pode-se apresentar, por exemplo, a presença deste padrão de revitalizações em espaços

como Piranhas, Penedo e Olinda, cidades históricas do nordeste que igualmente chamam atenção por uma rerepresentação embelezada do antigo.

Figura 10 - Piranhas-AL



Fonte: Partiu Pelo Mundo

Figura 11 - Olinda-PE



Fonte: Vida Sem Paredes

Ademais, a aplicação da ferramenta pode ser elucidada na própria produção de artesanatos, de seu desenvolvimento inicial à condição atual de exportação. No trato da anterioridade de mestre Fernando nas práticas artesanais, para além da feitura de tamancos, é discutida a possibilidade de inspiração em obras do artista Krajcberg. Segundo Lins (2021, p.72,73), Fernando teria entrado em contato com os artefatos numa viagem ao Rio de Janeiro no fim da década de 70, se deparando com a coleção de arte da *TV Manchete*, local de trabalho de seu primo Elias. As artes de Krajcberg, desse modo, serviriam de referência no destaque de raízes e formas orgânicas da madeira em suas obras, a partir do retorno à Ilha do Ferro em 1980. Esse padrão artístico, no decorrer dos anos, foi mantido na família de mestre Fernando e passou a integrar também as produções de diversos artistas locais, sendo considerado por muitos como característico dos mobiliários da Ilha, em particular, no entalhe de pés e encostos de cadeiras.

Figura 12 - Obra de Krajcberg



Fonte: Agência Brasil

Figura 13 - Banco de mestre Fernando



Fonte: Arte Popular do Brasil

Ao passo que o circuito de artesanatos foi desenvolvido, a Análise de Similares poderia ser, também, um elemento explicativo para a coerência entre uma obra e outra, visto que, ao identificar as principais demandas dos clientes, seria viável reproduzir seus principais aspectos. Desse modo, ultrapassando questões apresentadas pelo habitus como as similaridades naturais de vivência e cotidiano, a harmonia visual na apresentação de formas que pendem para o orgânico, cores saturadas e materialização de elementos da iconografia sertaneja e cultura ribeirinha pode ser um reflexo da observação de um contexto comercial que a fortalece como viável. Essa percepção ganha força ao compreender que o uso indiscriminado da ferramenta de Análise, deslocando-a do campo inspirativo para aplicá-la em reproduções que tolherão ainda mais a organicidade projetual, trouxe prejuízos como a incidência de cópias, já identificada no território por turistas e habitantes, como apresentado no tópico 3.

Figura 14 - Painel semântico de identidade visual da Ilha



Fonte: autor

Além da própria produção e venda de artesanatos, a busca por estratégias que conferissem valor agregado a sua comercialização, possibilitando, com isso, maior geração de lucros, encontrou conformidade com as próprias transformações do que se compreende, hoje, como design. Freire (2009) pondera que, no ato do reconhecimento da era pós-industrial, a centralidade do design se desloca do produto para a prestação de serviços que os destaque aos olhos do público de consumo, na transformação da compra em experiência. No âmbito da Ilha do Ferro, em sua paulatina aproximação às práticas de espaços turísticos, tornou-se possível identificar como oportunidade de prestação de serviços o desenvolvimento de um recorte em detrimento da apresentação integral do território e sua vivência.

Acerca de tais questões, Coriolano (2006, p.373) chega a pontuar as dinâmicas governamentais que favorecem uma forma de turismo segregado, submetendo a população a adotar um posicionamento que impeça o turista de conhecer de fato o lugar que visita. Não obstante, parece viável considerar que, para além da sobressalência estática de um corpo político que dita o comportamento populacional, isso parta simplesmente de quem detém maior lucro das práticas. Sem data exata de estabilização, o turismo na Ilha do Ferro tem se construído e fortalecido num período inferior a dez anos, como apontado pelos entrevistados em proposições como: “foi ficar aqui muito turístico acho que uns 5 anos pra cá, eu acho” (E4 - Artesão 2, 2023). Em contrapartida, não é possível determinar objetivamente se esse investimento teria partido da própria comunidade e se

potencializado pelo olhar cobiçoso de investidores da metrópole, criticados pela população natural pela compra indiscriminada de imóveis que se tornaram pousadas, ou, ao contrário, iniciado destes próprios e acompanhado pela população, na consideração dos lucros detidos por tais agentes externos.

Desse modo, independentemente do precursor do circuito turístico, mais do que mascarar pontos fracos de um corpo político incompetente para com as necessidades de uma comunidade que poderão causar incômodo, confrontando os privilégios do turista letárgico, a problemática, como conclui Coriolano (2006), parte do próprio modelo capitalista, visto que o turismo não é diferente de nenhuma de suas outras atividades que resultam numa cultura predatória: o detentor do lucro dá as ordens, que serão atendidas em cadeia por quem também deseja lucrar. Mesmo em serviços que se distanciam da ostentação de resorts e hotéis de luxo, a rentabilidade sobressai à realidade, modificada para atender o deslocamento do turista do espaço para o sonho. Nesse contexto, a estrutura adotada pela população, reposicionada como prestadora de tais serviços, consiste na experiência oferecida a partir de uma apresentação moderada do cotidiano local. O turista imerge na ênfase daquilo que lhe é desejável, ocultando tanto quanto possível os pontos negativos da rotina e mediando o equilíbrio entre aspectos da cultura sertaneja e metropolitana numa fantasia confortável a seu consumidor. Ainda, de acordo com entrevistados:

A maioria dessas pessoas que chegam, desses turistas, eles amam... Amam, assim, eles gostam de conviver com isso. Eles querem ver as coisas novas, eles vêm, entram na nossa casa, veem toda a nossa rotina. (...) A maioria chega, vivencia e sempre volta. Sempre estão aqui de novo e ficam amigos e querem viver assim, como a gente (E6 - Filho(a) de bordadeira, 2023)

Eles lá também, não sei se é costume, aqui é tudo porta aberta. Aqui, logo cedinho eu já tô acordado aqui, entendeu? E vê aqui... como é que nós trabalha. Muitas pessoas que chegam aqui trabalham comigo... Você mesmo veio um dia! Chegou aqui, trabalhou também. Se você estiver pintando uma peça aqui, se o turista chegar, quiser pintar tem... tem a oportunidade de curtir um pouco como é. E assim é o trabalho, meio do dia a dia aqui. Todo mundo que quiser chegar por aqui, quiser trabalhar, quiser botar a mão na massa pra sentir como é o trabalho (E4 - Artesão 2, 2023)

O acompanhamento de lapsos, distanciando os turistas de dificuldades como deslocamento e má prestação de serviços como saúde, educação e infraestrutura, mantém tal público alheio às inconveniências vividas pela população comum, ao passo que desejam o mesmo estilo de vida, tranquilo e interiorano. Admira-se a estética da casa de taipa e o céu limpo, brilhando com as altas temperaturas da

região enquanto seus efeitos contínuos são encobertos pelo ar-condicionado das pousadas com serviço de quarto. Esse fator pode ser, também, exemplificado pela própria experiência de construção dos artefatos junto a alguns artesãos, que, deixando as portas abertas, permitem que turistas interessados lasquem pedaços da madeira ou experimentem pinceladas de tinta na estrutura. Dessa forma, o trabalho bruto, de obtenção do material, preparo e entalhe completo, bem como sua repetição dia após dia, pode parecer, aos olhos mais ingênuos, uma prática poética e transcendental, desconsiderando o esforço demandado em sua completude enquanto, como proposto por outro entrevistado anteriormente acerca da estrada de terra, “pelo menos vai contar uma história” (E1 - Artesão 1, 2023).

Com tais considerações acerca do delineio de toda a estrutura ativa local, torna-se possível concluir que nenhuma das estratégias de design fez-se tão presente em tal contexto quanto a análise de público-alvo, ou usuário para quem, enfim, se constrói o artefato. De acordo com Freire (2009), se anteriormente o design se ocuparia em persuadir um público a consumir determinado produto, influenciando sua atitude e comportamento, na atualidade suas necessidades e desejos se configuram como centrais no desenvolvimento de artefatos. No trato das criações de experiências por meio do design, a autora pontua que os três pontos de convergência de tal processo são caracterizados por contexto, pessoas e produtos, ao considerar que apenas com a compreensão devida acerca de contexto e personalidade a ser conquistada os produtos serão gerados para alcançar o resultado devido. Assim, na aplicação do design como mediador na relação usuário-produto será possível o desenvolvimento de uma ligação emocional estreita entre o consumidor e aquilo que consome, tornando-o devoto ao mercado por meio dos sentimentos experimentados, ao invés do produto em si.

Nesse ínterim, o público-alvo da Ilha do Ferro que se apresenta no âmbito turístico pode ser brevemente descrito como colecionadores e interessados em arte popular, detentores de considerável poder aquisitivo para consumi-la, ao considerar a atual conjuntura de custo, e, de forma majoritária, oriundos de metrópoles e/ou do eixo Rio-São Paulo. É comum que tais visitantes, pouco familiarizados com regiões sertanejas de forma prática, desenvolvam suas percepções acerca de tais espaços por meio de estudos acadêmicos, arte ou mesmo retratações midiáticas que, tal qual o turismo, disseminam uma ideia em detrimento de um território. Tal público,

motivado pela *noblesse oblige* ou pelo cansaço do cotidiano metropolitano, fomenta o desenvolvimento de um circuito turístico distinto do padrão que reproduz o luxo demandado por grande parte da classe A, integrando uma secção que se reconecta com as fantasias de simplicidade recreativa.

Figura 15 - Painel de experiências: imagens da Ilha e prints de comentários on-line acerca de expectativas/percepções do público sobre o território



Fonte: autor

Em concordância com tal demanda, um trecho do Catálogo da Exposição Afluentes, anunciando a parceria entre alguns artesãos sertanejos e designers da metrópole, aponta:

Neste pequeno povoado na beira do Velho Chico formado por fachadas de tons lavados de azuis, rosas, amarelos e verdes, o ponto de partida para qualquer criação é sempre a natureza. Ela é matéria e inspiração: se as obras nascem com a pesquisa de raízes e pedaços de madeira morta, o olhar atento e imaginário lúdico dos ribeirinhos logo enxerga em pássaros, lagartos, homens, cachorros, flores ou peixes e o resto fica por conta do machado, facão e pinceladas. Os troncos retorcidos da caatinga, os animais, as formações rochosas, o silêncio, a luz das cinco, o céu limpo, a imensidão do São Francisco (que, hoje, agoniza) – toda esta natureza tão generosa, poderosa e cruel impregna-se nos corpos e almas dos artesãos Jasson, Zé Crente, Valmir Lessa e Petrônio Farias dos Anjos e desloca os designers Rodrigo Almeida, Rodrigo Ambrósio, Maria Amélia Vieira e Dalton Costa para um novo mundo e uma situação de suspensão. [...] Há, nesse deslocamento, ainda, uma atração extra, comum aos ambientes desérticos: evoca-se o modo de viver dos nossos ancestrais (pense em pinturas rupestres e as construções egípcias) e, com isso, o repensar de valores e necessidades. Há, também, a percepção de vida mais simples, bucólica e

naif – no melhor sentido da palavra – que leva à releitura de valores num Brasil diferente. Um Brasil essencial. Um Brasil onde todos são bem-vindos. Um Brasil onde a porta de casa está aberta (para alguns shots de pinga com jenipapo). Um Brasil onde todos se ajudam e criam juntos. Criam a quatro, seis, oito mãos. E é esse o grande triunfo do projeto Afluentes. A troca e sinergia entre contextos tão distantes em um mesmo país. (Catálogo Afluentes, 2016, p. 6-7 apud Lins, 2021, p.134).

Acerca de tal apresentação, Lins (2021, p.134) discute a experiência de “deslocamento”, no que diz respeito à representação da Ilha como natural e ancestral, chegando a se manifestar como boêmia e exótica aos participantes do meio urbano, no delineio de uma dicotomia drástica, porém valorosa. Nesse contexto, tais criadores, tanto quanto o público turista, encontram no clichê de cultura simples e isolada um respiro para a rotina agitada das grandes cidades, glorificando a pluralidade brasileira enquanto, afinal, identificam outra cultura a ser massificada e vendida.

Esta ideia encontra, ainda, amparo nas supracitadas discussões de Lefebvre (2008) acerca da busca por “novas raridades”, ao considerar que, na análise do autor acerca do espaço e seus recursos, até mesmo a natureza pode fazer de si própria uma mercadoria, desde que se torne rara o suficiente para este fim. Nesse contexto, “a natureza, como o espaço, com o espaço, é simultaneamente posta em pedaços, fragmentada, vendida por fragmentos e ocupada globalmente. É destruída como tal e remanejada segundo as exigências da sociedade neocapitalista” (Lefebvre, 2008, p.54). O mesmo se aplicaria, no âmbito das experiências, a um padrão de vida que se perdeu em meio ao modelo ideal de vivência capitalista, mas que se reinventa de acordo com suas demandas. Em relação ao perfil de tal público, Freire (2009) aponta que a busca de experiências, motivada pelo tédio ao funcionalismo e cotidiano prático, possibilitaria a integração numa “sociedade dos sonhos”, num contexto em que:

A vida é tão sem significado para as pessoas que são incapazes de experienciar por si próprias, que elas têm uma visão muito particular de suas próprias realidades. Por tais características, essas pessoas têm que ser abastecidas com um fluxo constante de experiências artificiais, comercializáveis e comoditizadas (Kurtgozu, 2003 apud Freire, 2009).

Desse modo, o espaço se modifica a partir de exigências de quem o consome, fazendo de si próprio mercadoria ou artefato, ao se deslocar do conceito de povoado ocupado e moradia para atuar como uma ode aos tempos passados, simples, que, na memória instável, são quase místicos. Consome-se o luxo de

reviver a inacessibilidade do pitoresco, estagnado, enquanto se desconsidera suas reais dificuldades e causas destituídas de naturalidade, na geração de um planejamento. Ademais, é válido ressaltar que, para além de apresentações midiáticas nichadas, tais quais o Catálogo Afluentes, a propagação dessas ideias integra, também, veiculações de cunho nacional, se utilizando de meios de comunicação de massa como a própria televisão. Em reportagem do Globo Repórter de agosto de 2022 acerca da Ilha do Ferro, o povoado é definido como um lugar que “parece ter congelado no tempo”, enfatizando o caráter estagnado e antigo que tanto chama a atenção de determinados públicos.

Não obstante, longe de se limitar exclusivamente à Ilha do Ferro, tais discursos são manifestações de uma problemática que se aplica a toda a região nordeste, mais drasticamente quando direcionada a seus interiores e, finalmente, ao sertão. A estagnação forçada do nordeste, bem como sua lucratividade na atração do interesse de uma elite metropolitana e majoritariamente sulista/sudestina, são objetos de pesquisa do historiador Albuquerque Júnior desde as últimas décadas, enfatizando suas implicações e impacto no âmbito nacional. O autor identifica a existência de um “nordeste tradicional” como produto da modernidade, na tentativa de ultrapassar a crise dos códigos culturais com a estabilização de um lugar que materializa a lírica saudosa de tempos mais simples. Dessa forma, com base em “fragmentos de um passado rural e pré-capitalista”(Albuquerque Júnior, 2011, p. 91), conceitua-se o espaço a partir de uma percepção criada, fantasiada, acerca de seu pretérito.

Tal conclusão encontra amparo nas discussões do designer Rafael Cardoso (2011) acerca do que se compreende por memória, ao caracterizá-la como deslocada da vivência imediata. Desse modo, ao passo que o autor destaca a relação quase co-dependente entre memória e experiência, compreendendo a vida, majoritariamente, como um processo de recordar, é enfatizado também o caráter falho de tais recordações. Ao considerar a passagem contínua de um presente que se desmancha a todo momento, a memória é detida como tudo que se tem, embora seja “notoriamente escorregadia” (Cardoso, 2011). Tal condição seria, na visão do autor, um possível motivo para a conexão entre pessoas e objetos, visto que podem atuar como um suporte das lembranças. Nesse contexto, a aplicação do artefato

como uma espécie de prova pericial favorece a validação ou descarte de uma hipótese de eventos precedentes, bem como sua leitura contextual.

Em contrapartida, ao passo que o artefato tem seu papel associativo intensificado no contexto pós-moderno de fluidez histórica e temporal (Cardoso, 2011), seu deslocamento da posição de elemento de suporte para assumir, em lugar, a totalidade do que se recorda como verdade absoluta pode acarretar uma drástica problemática. A supervalorização de tais artefatos poderia explicar, por exemplo, o apego à iconografia nordestina, amplamente divulgada até a atualidade e utilizada para definir a região com poucas palavras e/ou imagens. Compreende-se, nesse caso, que a criação de um estereótipo não necessariamente se manifesta por meio de ofensas e mentiras, mas sempre com a redução de algo que não pode ser limitado. O fortalecimento de tais discursos favorece, enfim, o posicionamento do sertão nordestino como força antagônica à ideia de progresso e modernidade, um ponto de consolo e conforto à transcorrência temporal que acarreta a geração de clichês atrativos para um público massificador que comumente desconsidera suas pluralidades; a criação do pretérito unificado se mantém presente a partir da vontade.

Essa única versão sertaneja, apontada por Albuquerque Júnior como o sertão que constitui “o lócus da alma nacional, onde se esconderia a essência do país, onde ele se encontrava com sua verdade, com a sua própria alma, lugar da autenticidade, da pureza, da recusa do estrangeiro e do cosmopolita” (Albuquerque Júnior, 2014, p.48) se manteria homogênea e imutável, sem diferenças internas. Em tal conjectura, tal estagnação, para além da construção de um mito, se caracterizaria como um instrumento social e político que, intentando, também, a estagnação de uma hierarquia política, delimita os espaços que podem ou não ser ocupados por sertanejos, que, se antes não podiam ser vistos, nas práticas agressivas de um ostracismo escrachado, na atual conjuntura podem aparecer desde que sigam as demandas de uma cartilha estabelecida por quem tem autoridade de ditar e nobreza de “ceder”.

Em contrapartida a tal realidade, o autor reivindica a pluralidade do recorte espacial ao trazer a ideia de múltiplos sertões em detrimento de um único,

aprofundando ainda mais intensamente as transgressões do padrão em seu reposicionamento à condição de contemporâneos. Acerca disso propõe-se:

Se os sertões são contemporâneos é porque, dentre outras coisas, grande parte de sua gente hoje é urbana, citadina, e mesmo aqueles que vivem no campo reivindicam e desejam o modo urbano de viver, querem as mesmas comodidades e confortos da vida urbana, querem ter os mesmos direitos dos habitantes das cidades, querem também se sentir contemporâneos ao, por exemplo, terem direito à energia elétrica, eletrodomésticos e acesso à água encanada, venha ela de cisternas ou de adutoras, querem ter acesso ao esgoto como as populações citadinas têm ou pelo menos também deveriam ter. Querem substituir o atávico jumento ou o velho burro de carroça pela motocicleta e pelo automóvel. Querem ter direito a estradas asfaltadas e casas de alvenaria, com todos os apetrechos de uma casa de cidade (Albuquerque Júnior, 2014, p. 49).

Desse modo, é possível compreender que, na ultrapassagem de antigas dicotomias de terra velha e terra nova, as múltiplas formas de sertão demandam, tanto quanto qualquer outro território, qualidade de vida e conforto, o que, de acordo com o autor, caracteriza-se como a grande problemática de tal questão. Ao compreender que o poder de consumo é comumente acompanhado de mudanças culturais e simbólicas, visto que a aplicação do conceito de “sertões na contemporaneidade implica que sua população desejará e será estimulada por novos objetivos, ela se porá em movimento em busca de conquistar direitos” (Albuquerque Júnior, 2014, p. 50). Desse modo, mais do que transformar o território num artefato de consumo, manifesta-se o enraizamento de uma cultura de impedimento a sua progressão, com o intuito de enfraquecê-lo e invisibilizá-lo política e socialmente. É nesse contexto que, ao contrariar a concepção de um sertão estático, retrógrado e unificado, o autor o compreende como portador de várias temporalidades, como qualquer outro território.

No trato de um panorama acerca das atuais dinâmicas de consumo, Cardoso (2011) chega a apresentar a sociedade atual como inserida num contexto de não-tempo ou “tempo em suspensão”, ao considerar as convergências culturais oriundas do avanço dos meios de comunicação, que conservam registros precedentes a serem constantemente revisitados. A percepção de Albuquerque Júnior (2014), portanto, possibilita o deslocamento sertanejo da posição de distante, isolado, para equipará-lo com a vasta gama do que se compreende por comunidades pós-modernas, inseridas na mesma condição de emaranhado cultural. Portanto, distancia-se o sertão da posição de pretérito para recolocá-lo no agora,

reivindicando seus direitos e espaço de corpo popular ativo, em movimento, consciente.

Tais considerações tornam possível a ênfase dos espaços sertanejos como presentes e portadores de saberes legítimos que precedem a validação do olhar externo, superior, desenvolvido. É válido salientar, destarte, que estas discussões não pretendem o fomento de uma nova dicotomia, invertendo a relação herói-antagonista de uma leitura passada acerca do nordeste e sudeste, interiores e metrópole. Ao contrário, é na busca por igualdade que se propõe o debruço atento sobre as culturas que, em sua forma natural, são delimitadas como inválidas, sem que para isso seja necessária a realização de intervenções que a modifiquem segundo o gosto de um público de consumo. No ato da contínua busca de meios para conservar a terra do povo natural num sistema que prioriza a mercadoria, enfatiza-se que “acham que é muito pequena ainda, mas é grande! No modo geral ela é muito grande, e eu acho que as pessoas deveriam entender isso para se impor mais. Ver que realmente vale a pena lutar” (E5 - Filho(a) de artesão).

Em tal circunstância, ao reconsiderar, no ato das entrevistas, a recorrente ênfase na história do povoado, presente em grande parte dos discursos reproduzidos no espaço, retoma-se a leitura do habitus numa perspectiva distinta. Se, de acordo com Bourdieu, o conceito confere às práticas uma autonomia do passado, produzindo história na base da história, e assegurando uma permanência de mundo no interior do mundo (Bourdieu, 1990), no desenvolvimento de padrões comportamentais, códigos e costumes com base num passado comum, aqui, a história, para além de atuar como ferramenta de influência tal qual em tantos outros casos, possibilita à comunidade, na condicionada e permanente estagnação, a possibilidade de perdurar enquanto constantemente sufocada. Enquanto presos numa estrutura que desfavorece as periferias, é, enfim, na luta pelo direito de existir que os sertões resistem como lhes é possível, mesmo que ao custo de transformar a si próprios num nicho de mercado.

5. Considerações finais

Ao considerar a perspectiva de Milton Santos (1988), designa-se o espaço como a relação entre habitante, habitação e os artefatos gerados por essa convergência, tornando naturalmente possível compreendê-lo como algo criado,

desenvolvido a partir de um conjunto de fatores. Em contrapartida, o que Albuquerque Júnior nomeia de "invenção do nordeste" enfatiza um outro tipo de criação. Não desconsidera-se, nesse contexto, a leitura do espaço, da cultura, como criados por questões geográficas e ocupacionais, mas especula-se a ultrapassagem destas organicidades para alcançar o atendimento planejado, artificial, de uma demanda não-natural. A construção é, nesse caso, baseada na invenção.

Com base em tal conceito, o presente projeto propôs a investigação de sua aplicação prática com base em uma recorte, favorecendo um debruço sobre a Ilha do Ferro sob a égide mediadora do design. Seu início, portanto, partiu de uma discussão acerca da história do que se compreende como Ilha do Ferro no âmbito contemporâneo, a partir de suas práticas artesanais nos últimos séculos. O deslocamento da posição de produtor de artesanato de subsistência para integrar, no contexto pós-moderno de consumo e demanda, o circuito do artesanato de luxo e turismo, manifestou-se, ainda, como um fator significativo de seu desenvolvimento. A tônica de tal transição, enquanto oriunda da busca externa pelo excêntrico e raro, impactou de forma direta a comunidade como um todo.

Dessa forma, a segunda parte da pesquisa consistiu na caracterização de tal impacto, com a realização e análise de entrevistas no povoado. A ferramenta de entrevistas possibilitou maior compreensão das mudanças no habitus da Ilha, visto que, no trato dos colóquios, os entrevistados ofereceram de forma anônima e pessoal um panorama de cunho político, social e econômico das atuais dinâmicas locais. No entanto, o número reduzido de entrevistados impediu que a pesquisa se aprofundasse ainda mais, ao considerar as limitações de tempo e recursos financeiros a serem empregados na viagem até o território. Apesar disso, as múltiplas perspectivas colhidas, somadas à observação e conversas informais no processo de imersão, enriqueceram de forma impactante a pesquisa, permitindo a identificação de consideráveis pontos de convergência entre os discursos.

Tais discursos, analisados e discutidos em suas múltiplas implicações, caracterizaram o deslocamento do espaço à presente condição de polo artesanal e turístico, integrando um nicho de mercado pouco explorado até décadas atrás. Como nomeado pela população, o "novo estilo", enquanto se distancia das antigas dinâmicas cotidianas locais, reapresenta uma versão fantasiosa do antigo, lida por

seus consumidores como verdadeira e orgânica, vigente na contemporaneidade de forma natural. Estas composições, partindo de uma representação equivocada em meios de comunicação ou, como apontado por Albuquerque Júnior (2011), da necessidade de conservação de um lócus de pureza cultural brasileira, fomentam num público consumidor distante da ideia contemporânea e real do nordeste o desejo por experiências de uma simplicidade e exotismo recreativos.

Assim, ao considerar a perspectiva de artefato construído, delinea-se a terceira parte do projeto a partir da aplicação do design como artifício analítico das características coletadas no processo de pesquisa. No distanciamento de um design estagnado ao âmbito industrial e tangível, enfatiza-se sua natureza difusa na sociedade contemporânea e sua demanda por planejamento, integrando suas seções em multiplicidade material e imaterial. Nesse contexto, a construção dos elementos compositores do presente habitus territorial é investigada a partir de ferramentas metodológicas de construção projetual do design.

Tornou-se possível, desse modo, identificar múltiplos fatores corroborantes com a hipótese de partida, ao identificar, na prática do Design Espontâneo pela população comum, a utilização de ferramentas como Análise de Similares, possível geradora de uma Identidade Visual coletiva e responsável pelo fenômeno de cópias, princípios de desenvolvimento do Design de Experiências, fomentadora do consumo de artefatos tangíveis atrelados à própria experiência turística, bem como a identificação de um público-alvo, em torno do qual se desenvolve o sistema complexo. Tal público, enquanto consumidor das produções territoriais, integra, ainda, o próprio processo, no favorecimento da dinâmica de trocas que compõem, enfim, a presente versão do habitus local.

Abrangentemente, com o aprofundamento das discussões de Albuquerque Júnior acerca do caráter artificial das ideias contemporâneas de nordeste e sertão, bem como suas implicações políticas e sociais, reafirma-se a necessidade de questionar a persistência dicotômica no que tange ao regionalismo nacional. Afinal, tornou-se possível, por meio das discussões desenvolvidas, contestar um posicionamento antagônico de nordeste, mantido de forma velada por um padrão político e cultural que invalida o saber da periferia, constantemente reivindicadora de seu espaço.

6. Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Distante e/ou do instante**: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto (Org.). *Culturas dos Sertões*. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 41-57.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**: as fronteiras da discórdia. São Paulo: Cortez, 2007.

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto**. Guia prático para o design de novos produtos. 1 ed. Blucher, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: Seguido de "A influência do jornalismo" e "Os jogos olímpicos". 1 ed. Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **The Logic of Practice**. Cambridge: Polity Press, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Distinction: A Social Critique of the Judgment of Taste**, 1984

BUCHANAN, R. **Myth and Maturity**: Toward a New Order in the Decade of Design. *The Idea of Design*, MIT Press, 75-85, 2000.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo, Cosac Naify, 2011.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **Tremendas Trivialidades**, 1909.

COLE, Teju. The White-Savior Industrial Complex. **The Atlantic**, 21 mar. 2012.

CORIOLOANO, Luzia Neide M.T. **Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios**. En publicación: *América Latina: cidade, campo e turismo*. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006.

FINDELI, A. **La recherche-projet**: une méthode pour la recherche en design. In *Texte de la communication présentée au premier Symposium de recherche sur le design à HGK de Bâle sous les auspices du Swiss Design Network*, Bâle, 2004.

FRAYLING, C. **Research in Art and Design**. Royal College of Art Research Papers, I, 1, 1-5, 1993.

FREIRE, Karine. **Reflexões sobre o conceito de design de experiências**. Strategic. Design Research Journal, janeiro-junho de 2009.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LINS, Artur André. **Artesanato e Capitalismo: o caso da Ilha do Ferro**. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, [S. l.], 2021.

MANZINI, Ezio. **Design. Quando Todos Fazem Design**, 1 ed. Unisinos, 2017.

MIGUEL, F. A **Entrevista Como Instrumento Para Investigação Em Pesquisas Qualitativas No Campo Da Linguística Aplicada**. Revista Odisseia, n. 5, 2 jul. 2012.

MONTERO, Paula. **A cultura popular na fabricação da identidade nacional**. Pesquisa Fapesp, São Paulo, ed. 42, maio de 1999.

NO POVOADO DA ILHA DO FERRO, EM ALAGOAS, CASAS SÃO ATELIÊS DE PORTAS ABERTAS. **Globo Repórter**, 19 de agosto de 2022. TV.

OLIVEIRA, Laila Santanna de. **Percursos para um design contra hegemônico**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Design) - Universidade de Brasília, 2019.

PIMENTEL, Mariano. FILIPPO, Denise. SANTOS, Thiago Marcondes dos. **Design Science Research: pesquisa científica atrelada ao design de artefatos**. RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning, vol. 3, n. 1, março/abril de 2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**, 1956.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **As cidades de plástico e papelão**. Tese de Livre-docência. São Paulo, FAU-USP, 2003.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SIMON, Herbert. **Sciences of the Artificial**. 3 ed. Cambridge: MIT Press, 1996.

WACQUANT, Loïc. **Notas para Esclarecer a Noção de Habitus**. Abril, 2007. ISSN 1676- 8965 RBSE 6(16): 5-11

7. Referências imagéticas

Agência Brasil. **Centenário de Frans Krajcberg é celebrado com exposição no MuBE**. 07 de maio de 2022. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-05/centenario-de-frans-krajcberg-e-celebrado-com-exposicao-no-mube>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

Arte Popular do Brasil. **Fernando da Ilha do Ferro**. 2017. Disponível em:

<<https://artepopularbrasil.blogspot.com/2017/07/fernando-da-ilha-do-ferro.html>>.

Acesso em: 21 dez. 2023.

Partiu Pelo Mundo. **O que fazer em Piranhas-AL**. Disponível em:

<<https://partiupelomundo.com/o-que-fazer-em-piranhas/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SANTOS, Cláudio André. **LANCHA MOXOTÓ NAUFRAGOU NO ANO DE 1917 PRÓXIMO A ILHA DE BELMONTE/SE**. 23 de abril de 2021. Disponível em:

<<https://www.claudioandreopoeta.com.br/2021/04/lancha-moxoto-naufragou-no-ano-de-1917.html>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

Vida Sem Paredes. **Olinda, Pernambuco: o que fazer no centro histórico**. 18 de agosto de 2023. Disponível em:

<<https://vidasemparedes.com.br/o-que-fazer-em-olinda-pernambuco/>>. Acesso em: 21 dez. 2023.

APÊNDICE A

Este apêndice é composto por entrevistas realizadas na Ilha do Ferro em 26 de junho de 2023, do período da manhã ao fim da tarde, com um total de 6 entrevistados. A estrutura da pesquisa caracterizou-se por conversas livres, de 20 minutos a 1 hora e meia, questionando e explorando percepções pessoais acerca das mudanças territoriais nos últimos anos, a história da Ilha do Ferro e temáticas relacionadas a medidas governamentais e políticas, numa troca informal de ideias entre entrevistador e entrevistados. Pelo caráter livre dos discursos, com o intuito de proteger a identidade dos interlocutores, as gravações de áudio são, aqui, transcritas com censura de informações pessoais, como acordado com os entrevistados no ato da proposta.

E1 - Artesão 1

Artesão em atividade desde a década de 10, idoso. Aparentemente confortável com a entrevista, pouco filtro.

“Mas tem muito turista o ano todo?”

Todo dia!

“E isso... O senhor lembra mais ou menos quando começou? No caso?”

Começou o artesanato aqui?

“É, o artesanato. Disseram que o seu Fernando tinha começado. Mas assim... já tinha... Não tinha essa quantidade de gente, né? Vindo?”

Não, ele começou aqui através... Até dessa energia que foi colocada aqui porque quando vieram colocar essa energia aqui na época... aí na frente da casa dele tinha um peção de mulungu bem grande, bem grandão, aí ele, como era encarregado dos trabalhadores, Fernando, de desmatar daqui até Pão de Açúcar... precisava passar, né, o fio da rede passa pelo chão para depois suspender. Aí os engenheiros disseram “vai ter que tirar seu pé de mulungu”, ele disse “não, nós tora agora”, eles toraram o pé de mulungu, sabe? Para não empatar os fios. E dali ele fez uns banquinhos assim, que nem um tipo pilão assim. Sem interesse nenhum, né? Que não tinha artesanato aqui. Aí como a gente toda noite brincava lá, pra se dançar com o carro do pessoal da firma, botava assim as bocas de som virado pro...

“O senhor lembra mais ou menos em que década foi? 60, 70?”

Não, 80. Aí ele foi fazendo aquilo, não tinha nem lugar para sentar-se na casa dele. Ele fez isso aí, o povo foi comprando. Daí surgiu o artesanato, aí ele foi vendendo. Quando a feira acabou, o pé de mulungu, um peção grandão enorme, foi um instantezinho, acabou aquilo ali. Aí ele diz “ah rapaz”, mais ou menos ele imaginou “o caminho é por aqui”. Aí ele começou a fazer, mas aí foi, levou uma queda muito grande o artesanato. Ficou muito devagar, muito lento. Foi quase que se acaba o

artesanato. Agora depois chegou internet aqui, 2015, por aí, aí começou a levantar. E esse levantamento nunca mais parou. Até hoje...

“A internet chegou na faixa de 2015 então por aí?”

Foi, chegou, parece que chegou em 2015. Se eu não estou enganado foi em 2015, né? Aí com a internet você manda pra todo canto, a internet tá... o pessoal tá ligado todo dia, aí isso aqui foi aumentando, foi crescendo, crescendo e hoje chegou um ponto que disparou isso aqui.

“Então até 2015 a quantidade de gente que vinha pra cá não era muito turista de fora, era mais gente daqui de Alagoas mesmo?”

Não, era só vinha mais [lojista], que é de Alagoas. Porque aí ela também não passava para ninguém, ela ia comprando a ele e a outros aí, baratinhos.

“Acho que eu não conheço essa pessoa.”

Ela mora [informações de localização]... Ontem ela estava aqui mais eu, mas não me compra mais nenhuma peça. Aí aqui como... Só tinha ele e umas cinco pessoas só, não tinha mais não, tinha umas cinco pessoas só que fazia na época dele, aí acabou. Mas aí [lojista] vinha, comprava baratinho, que ela tem loja, e aí ela não ia espalhar para canto nenhum, ela estava comprando barato, está vendendo, se dando bem ela vai espalhar para canto nenhum.

“Ela não dava os créditos então?”

Não. Aí depois chegou o internet e aí ela... parou de comprar aqui porque a pessoa foi vendendo diretamente.

“Então a internet deu mais uma autonomia para vocês, nesse caso, de poder vender mais direto?”

A internet foi 100% autônoma.

“O senhor começou a fazer mais ou menos quando os artesanatos?”

Eu comecei, eu tenho nove anos, oito, nove anos.

“Mas antes do senhor começar já tinha isso tudo na internet ou foi quando ela tava chegando, o senhor aproveitou assim pra...”

Não, eu aproveitei que eu nem sabia também, eu praticamente sou analfabeto, meu filho é quem lavora com essas coisas, sabe? Aí eu comecei até por questão de necessidade, né? Eu trabalhava na... [informações de trabalho anterior], mas o prefeito tirava e botava quem ele queria.

“Home, Batalha tem esse mesmo problema.”

Aí eu digo “vou fazer um teste na arte”, aí eu comecei a fazer. Ainda passei dois anos sem vender aqui a ninguém. Porque nenhum artesão aí informava, eu também

não pedia... eu levava pra Piranhas. Eu levava peças pequenas, peça pequena, não fazia peça grande.

“Piranhas, a cidade grande perto de Sergipe ou Piranhas o povoado que tem ali?”
Não, essa é aquela na beira do rio. E lá chega muito turista, eu levava umas peças pequenas pra lá. Aí, agora eu tinha até um ponto lá, deixei pra uma pessoa lá. Aí, quando chegou a internet, eu nem sabia, ninguém sabia, mas a internet foi que deu uma levantada muito grande. Aqui, muito grande, que todo canto a pessoa está vendo, a arte da pessoa está na internet. Aí vem bater aqui, outros compram só por internet.

“Geralmente essas divulgações, então, da internet... vocês têm muito trabalho de divulgar a peça de vocês, mas isso de ficar falando sobre o lugar, geralmente é um pessoal mais São Paulo, né? De que faz essas divulgações de um para o outro?”
É, o pessoal do São Paulo sempre faz muita divulgação, faz muita entrevista. São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Recife, até Maceió mesmo, fazem muita divulgação, assim, no trabalho da gente aqui. São Paulo deixa de ser o mais forte, que é uma cidade muito... corre muito dinheiro, não deixa de ser o mais forte.

“Tem mais colecionador de arte, né?”

É, mas esse lugar aí são todos... a gente aqui... Eu me dei muito bem com todos os lugares, todas as capitais, todas as cidades sempre vem pra aqui.

“O senhor falou que estava aqui então, tipo, desde muito antes da década de 80, né? Basicamente quando o povoado estava praticamente começando. O senhor percebe uma diferença muito grande, assim, no estilo de vida de vocês, na rotina mesmo, depois que começou a haver um monte de turista para cá... a cidade mudou, as atividades de vocês mudaram... o que vocês fazem assim no dia a dia mesmo?”

Mudou, aqui mudou 100%. Não mudou 70% nem 80% não, se você próprio, você vê... eu tô com os trabalhadores ali, agora tem que ser de fora daqui, você não acha ninguém.

“O senhor diz de...”

Não, assim, de pedreiro, de servente, essas coisas você não acha aqui você vai buscar lá fora, porque aqui você não acha... porque todo mundo aqui ganha com que sobreviver, tranquilo.

“Então não tem mais pedreiro, esse tipo de coisa aqui na Ilha do Ferro não?”

Não, pra trabalhar não.

“O pessoal tá indo mais pro turismo, investindo mais...”

O pessoal tá investindo mais no turismo.

“E o senhor gosta?”

Ah, eu adoro isso aqui. É tanto que eu [detalhes sobre trabalhos anteriores fora da Ilha]. Mas eu não posso nem ir lá [falta de tempo].

“Mas eu digo essas mudanças, assim, na rotina de vocês mesmo, imagino que aqui tá um pouquinho mais agitado, né, com tanta gente vindo de fora. Tanta gente entrando na casa do senhor toda hora, assim... Isso é uma coisa que te incomoda ou o senhor já acostumou?”

Não, acostumou. Acostumou, não incomoda.

“Perder um pouco da privacidade, então, nesse caso não é um grande incomodo para o senhor?”

É, aqui a gente, até 10 horas da noite, entra gente aqui. 10 até mais. Entra gente aqui para olhar, para... É assim, é... A rotina aqui é direto, não para, não.

“O senhor não fica com saudade, então, do jeito que era a ilha antigamente, quando o senhor era criança ou adolescente?”

Às vezes a pessoa lembra, eu lembro, outros lembra, às vezes nós contamos o caso do passado, mas... Hoje a Ilha do Ferro mudou completamente, é um estilo diferente dos outros cantos, até o Sergipe ali, Bom Sucesso, que é um povoado chega aqui... E, às vezes, “ah, rapaz, aqui mudou muito”. Aquele estilo antigo aqui não existe mais.

“O governo aqui, prefeitura, é mesmo de Pão de Açúcar ou é independente já?”

O prefeito aqui de Pão de Açúcar, ele vem aqui no lugar, mas não entra em nenhum ateliê não.

“Mas eu digo até da gestão da cidade mesmo, em termos de saúde, em termos de infraestrutura, o prefeito se preocupa assim com a Ilha do Ferro?”

É o seguinte, em termos de saúde, de estrada, essas coisas, ele se preocupa um pouco, porque ele observa que a Ilha caminha com suas próprias pernas.

“O senhor acha que isso é uma coisa que incomoda?”

Eles incomodam muito. A eles incomoda, o prefeito, o vereador, tudo incomoda. É tanto que eles praticamente têm raiva daqui do lugar.

“Sério?”

É sério, acho que tem raiva do lugar.

“Então por causa disso da autonomia, da Ilha caminhar com as próprias pernas, como o senhor tá falando, isso é uma coisa que dá prejuízo pra Pão de Açúcar, no caso? O senhor diz... econômico ou é uma inveja mesmo que o povo tem, assim?”

Se dá prejuízo a Pão de Açúcar eu não sei, porque o turista não fica lá e nem vai pra lá. É tanto que a filha do governador veio a semana passada para aqui e ficou aqui.

4 dias ou foi 5. E não vai lá em Pão de Açúcar. Passou de passagem lá, mas não fica.

“O senhor pensa na possibilidade então de em algum momento a Ilha do Ferro acabar separando ou emancipando?”

Separando do Pão de Açúcar, a gente manga, a gente bole com eles também. A gente bole que Pão de Açúcar vai ser o município de Ilha do Ferro.

“Ah, não! (risos)”

E turista aqui... (risos) O turista também diz... Quando chega as vezes as pessoas de Pão de Açúcar aqui, a pessoa fica dizendo “Pão de Açúcar vai ser município da Ilha do Ferro”.

“(risos) Eu queria saber de uma coisa. A Ilha do Ferro hoje, como é que o senhor se sente aqui? Como o senhor descreveria a Ilha do jeito que o senhor enxerga?”

Rapaz, a Ilha do Ferro hoje é uma coisa que não tem nem explicação, né? Não tem nem explicação porque ele evoluiu muito, evoluiu em tudo. Financeiramente, foi o que mais evoluiu aqui. Tudo aqui, o preço, eu fui... hoje mesmo fui comprar um pedacinho de terra aqui. Paguei 80 mil só num pedacinho pra trabalhar, não é que eu... Depois que eu fazer um negócio aí eu vou...

“Acho que o [nome] disse que as casas aqui tinham subido muito o preço”.

Subiu muito. Tem casas aqui de um milhão. É coisa que não... É capaz de ninguém acreditar nisso, né? Mas é assim, subiu muito, isso é muito bom. Pra mim é bom.

“O senhor gosta, então, dessa valorização toda.”

Eu gosto porque quando eu vi o artesanato dar pra mim, aí eu peguei e corri e investi logo [informações sobre investimento]

“E a Ilha do Ferro para o senhor hoje em dia, ela estaria mais destacada pelo próprio artesanato?”

Foi, se destacou pelo próprio artesanato.

“E além do artesanato?”

Antes do artesanato... Antes, toda a vida aqui se destacou, até em outras coisas, né? Aqui se destacou muito para trás, o pessoal fazia muito tamanco, aquele calçado de madeira, né? Olaria, o negócio de telha, tijolo, meu pai era até dono aqui, de olaria. Agora, ultimamente, foi para o artesanato. O artesanato, e eu tenho isso aqui, eu tenho certeza que não vai cair. Porque o artesanato vai segurar. Porque tem lugares aí que, às vezes, até dá uma subida muito grande, e depois... Mas aqui eu tenho certeza absoluta que o artesanato vai segurar isso aqui.

“[Nome] estava falando que tinha vontade de morar em [lugar], para ficar mais perto da família e tudo mais, o senhor tem vontade de morar em outro lugar ou você não se vê mais longe da Ilha do Ferro?”

Não, eu não. Daqui eu não saio mais não. Eu até estava vendendo antes, do meu começo à arte, vendendo a casa pra ir pra [fora]. Mas hoje eu não vendo por dinheiro nenhum mais. Eu vou ficar aqui, até... Nasci aqui, vou ter que morrer aqui.

“O senhor não queria ir pra [lugar] antes, então era uma questão de necessidade?”
Hoje... eu até queria antes, mas hoje eu não vou mais não.

“Por quê?”

É porque aqui é... Eu ia pra [fora], de qualquer maneira, trabalhar [outra profissão] lá. Mas hoje aqui eu ganho... Eu não sei nem dizer quanto, eu...

“O que acaba prendendo o senhor mais, assim, em termos de artesanato? É mais uma questão financeira então nesse caso?”

É, a questão financeira prende muito. Além do artesanato ser uma coisa boa de você... porque você está fazendo o artesanato, como eu faço, você está criando coisas novas, aquilo ali é muito bom. E a questão financeira, né? Hoje a questão financeira aqui não tem preço, né?

“Antes era mais difícil, né? Eu tenho muita vontade de voltar a morar no sertão, porque eu não gosto de cidade grande, eu acho horrível. Eu tenho muita saudade de Batalha. E a gente tem esse problema que é a falta de emprego lá. É uma dificuldade. Então, eu entendo o que o senhor está falando em relação a ter essa dificuldade por questões de finanças, realmente é uma coisa que deve ser muito bom assim, quando resolve, quando tem mais possibilidade, quando tem mais oportunidade de ficar...”

Ô, é sim! É tanto que meu filho é [graduado], assim, ele foi chamado pra trabalhar [fora], outro queria que ele ficasse em [outra cidade] para trabalhar com ele, e teve um lugar aí que chamaram ele para trabalhar e ele não vai.

“Mas ele tem apego emocional aqui à Ilha do Ferro ou é mais também essa questão financeira que está melhor?”

Hoje é questão financeira, questão financeira...

“Então o senhor vê que o crescimento da Ilha do Ferro, pelo que o senhor disse em relação à internet, ele veio mais quando vocês tiveram uma certa autonomia de comunicação, né? Quando veio a internet pra cá e vocês mesmos puderam apresentar o produto, porque antes o pessoal que era de fora...”

É, antes o pessoal... Não... Comprava, algum lojista comprava, mas não era... mas hoje não, depois chegou a internet a todo mundo... Quer dizer, eu mesmo me mantenho só com turismo, né? É difícil vender para loja, muito difícil.

“E essa situação assim de muitas vezes, o pessoal que é do sudeste ou de outras regiões do Brasil estar apresentando a Ilha do Ferro pra outras pessoas assim, em relação ao modo como eles fazem isso... Tem alguma coisa que o senhor se incomoda? Por exemplo, lá em Maceió a gente ouviu bastante na faculdade que a Ilha do Ferro é um lugar que o pessoal geralmente vem e acha ela mágica, que os artesanatos são super sentimentais e esse tipo de coisa, tem até uma coisa espiritual, vamos dizer assim, aqui na Ilha... o senhor tem essa percepção, ou o senhor enxerga de outras formas?”

A gente que mora aqui, na verdade, a gente mora aqui não enxerga tanto como eles enxergam, que vem de fora. A gente mora aqui, mas que hoje a gente já está enxergando que o lugar é... É muito... Você vê, Os Gêmeos vêm de São Paulo pra aqui. Uns gêmeos que fazem pintura e tal, que são muito bons, muito famosos, até fora do Brasil. Eles vêm passar dois dias, passaram dez, saindo de casa em casa, que já tinham ocupado. E eles ficavam nesse... E todo mundo que veio pra aqui, geralmente volta. Ele volta várias vezes.

“Então não é uma coisa que incomoda o senhor? Esse jeito como apresentam fora?”
Não incomoda não porque isso pra gente é bom, sabe? Pra gente é bom, qualquer pessoa que chega lá fora e apresentar qualquer coisa, eu acho, hoje eu acho que é bom pra nós aqui.

“Desde que tenha essa questão da publicidade, o senhor tá dizendo que... Que... Da propaganda...”
É, isso é muito bom também.

“E o senhor apresentaria a Ilha do Ferro como assim, pra outras pessoas? Se o senhor fosse apresentar, fosse trazer gente para a Ilha do Ferro, fosse mostrar o povo da Ilha do Ferro, como é que você ou falaria de si próprio, ou falaria deles. O senhor colocaria só o artesanato no caso?”

Só, eu só colocaria o artesanato aqui. Porque o artesanato aqui, nesse lugar aqui é tudo. É tudo. O artesanato aqui é tudo nesse lugar. É tanto que o bordado ali da mulher tava se acabando, faliu e o artesanato levantou. O artesanato de madeira levantou o bordado aqui também. O artesanato levanta qualquer coisa aqui nesse lugar. Eu já percebi o bordado ali, né? Foi caindo, caindo, caindo, foi até que chegou quase morrer, né? E o artesanato de madeira levanta, não só na cooperativa como levanta em todas as casas. Qualquer coisa aqui que você tiver para vender você vende hoje você vende qualquer coisa... quer dizer, o artesanato de madeira levantou, enfim, levantou tudo aqui. Você bota um negócio ali para vender, um pastel, uma comida, tudo você vende... você vê a bebida daqui é mais cara do que de todo canto é mais cara de que de todo canto a bebida daqui. Todo mundo está acostumado e só quer beber dessa bebida mais cara agora, não quer mais aquela cerveja mais barata, ninguém quer, você vê como está o lugar, né?

“A qualidade de vida, então, está melhor pra todo mundo!”

A qualidade de vida, muito! Aqui tem um sanfoneiro aqui em Pão de Açúcar chamado Beto, dificilmente ele tocava aqui, hoje vem sempre. Quer dizer, além de levantar, isso levantou o sanfoneiro ali, levantou outras pessoas lá, fora daqui, levantou os barqueiros que vem até do Sergipe ali, os barqueiros levam pra lá, isso tudo gera dinheiro, gera emprego pra... E lá eles vão deixarem dinheiro lá, eles vão comer, né, pra onde eles forem, pra algum canto aí, eles vão comer, eles vão beber. Aí de qualquer maneira, o artesanato aqui levantou várias coisas, muita coisa.

“Então o senhor acha que a política no caso... Ela melhorou em relação à Ilha do Ferro, depois que ela começou a crescer assim. Eu perguntei naquela hora da saúde até por causa disso. Essa questão da saúde, essa questão do transporte, isso já tinha qualidade ou teve uma melhora depois que a Ilha do Ferro começou a gerar lucro?”

Teve uma melhora depois que a Ilha começou a gerar lucro, porque eles são forçados a fazer. Alguma coisa daqui, médico, professor, essas coisas assim, eles trazem, eles são obrigados a fazer.

“Então, o senhor acha, nesse caso, desculpa ser tão direta... que esse pessoal da política que tá fazendo esses investimentos, eles estão mais preocupados com o povo da Ilha do Ferro ou que eles estão mais preocupados em mostrar pros turistas que tá indo tudo bem?”

Bom, ou é pelo povo da Ilha do Ferro... acho que mais pro turismo, né? O político sempre é mídia. O turismo sempre é mídia.

“Isso é uma coisa que incomoda o senhor?”

Não incomoda não, porque se o governador Renanzinho ia asfaltar, ia ser de Pão de Açúcar pra cá. E aí o pessoal do lugar, os turistas não quiseram. Os turistas e o pessoal do lugar não quiseram que ele asfaltasse.

“Mas isso aqui ele disse que ia asfaltar isso aqui, era para assaltar no caso as ruas daqui de dentro?”

Não, a estrada daqui até Pão de Açúcar.

“O senhor não gostou também então?”

Não, eu acho que todo mundo aqui é uma grande parte e o turismo também achou que deve ficar assim mesmo

“Na terra?”

É... porque quem mora na cidade grande, só vive em cima do asfalto. Será que a pessoa não pode andar num pedacinho de chão? Mesmo ruim? Pode. Pelo menos vai contar uma história, já tem. Se anda num pedacinho ruim, você pode reclamar, até de reclamação é uma história. Você veio de carro, não foi? Tá muito ruim aí, né? Que chove, acho. Mas acho que ele vai passar a máquina de novo. Sempre tá passando a máquina, deixando um tapete, sabe?

“Mas pro senhor, isso não incomoda na rotina, não, pra ir no mercado, esse tipo de... O senhor já acostumou, então não liga mais?”

Tá bom, eu acho que tá bom desse jeito que tá aí. Bom desse jeito, porque o turismo também... Os que reclamam é a minoria, né? Pode reclamar, mas a maior parte não, eles não reclamam não, eles acham que deve ficar assim mesmo.

“Eles gostam da experiência, então, desse jeito?”

Aí o político, de qualquer maneira, ele sempre está fazendo agora alguma coisa mais aqui. Sempre está fazendo alguma coisa a mais porque também não pode ficar do jeito que estava, né? Ele é até obrigado a fazer, porque ele está recebendo cobrança toda hora. É tanto que eles têm até pousada aqui, o prefeito, mais a mulher tem umas pousadas ali.

“Eu não conheço o prefeito de Pão de Açúcar.”

Só tem pousada aqui, lá não tem canto nenhum, não tem nada em canto nenhum, assim, pousada em canto nenhum, tem aqui. Eles têm que manter estrada e médicos, essas coisas.

“E as cidades por tipo, Bom Sucesso, eles têm esses mesmos investimentos ou a prefeitura deixa pra lá?”

Se importam menos! Não, se importa menos! Não. Se importa menos. O político gosta, eu já falei, o político gosta de mídia. Se tiver uma pessoa ali numa cama deitada ali pra morrer, não tá preocupado não. Mas a pessoa faz uma cavalgada, faz um torneio de jogo de futebol, faz uma pega de boi no mato pra se ver como é, aí tá sim de gente. Ele tá no meio, ele tá no meio, tá bancando também. É isso aí, geralmente é quase todos eles, e aqui principalmente. Aqui em vez disso que eu tô dizendo é o turismo que é muito forte aqui. Olha, o turista limpa isso aí, não precisa da prefeitura, isso é obrigação da prefeitura, mas o turista limpa aí, esse mato que tem aí. Se ele não fizer a estrada... o turista faz, ele vai ter que fazer, porque ele não vai dar essa brecha pro turista estar fazendo. Isso é obrigação do prefeito. E outras pessoas fazem sem ir lá perguntar se ele achar bom, se achar ruim. Não.

“O senhor acha então, que se a Ilha do Ferro não tivesse tido todo esse processo, toda essa mudança de crescer com a artesanato, de ganhar visibilidade de gente de fora, de outros estados... o estilo de vida de vocês ia estar com a qualidade muito mais baixa do que...”

Ah, não! Ela era muito mais baixa, era muito fraco, muito fraco. Não é... hoje tá o que? 100%, podia estar aí 30%, 40%. Mas, graças a Deus, esse lugar aqui tem muito. Olha, nem a gente, nem muitas pessoas sabem comparar a fama. Se o Brasil tiver fama, algum lugar tiver fama, esse aqui tá no meio. E tá bem pertinho daqueles que tá despontando. Porque é muita fama esse lugar, não tem nem explicação, é bom isso, né? É muito bom, a Ilha do Ferro com esse reconhecimento todo é muito bom, aqui tem muita fama, muita, muita fama aqui. É que nem um cantor, que nem

um jogador de bola quando ele está com fama, um cantor famoso. Isso aqui está nesse... Está no meio desse tipo de fama, né? E o turista aqui chega todo dia.

“Pro senhor não tem nenhuma desvantagem então, esse processo todo?”

Não, tem vantagem. Teve vantagem grande. Muita. Porque é brincadeira, aqui nós conhecemos aquele pessoal de novela quase tudo. Semana dessas Antônio Fagundes tava aqui, bem velhinho já...

“Eu acho que disseram que ele veio uns dias antes da gente vir em janeiro, que ele tava aqui, eu tenho a impressão. Eu posso estar enganada”.

Aqui é muita gente que chega. Luciano Huck esteve aqui, me levou para a televisão. Praticamente só comprou. Na semana passada eu vendi a ele, a Luciano Huck. Ele comprou por internet, mas ele vai vir com a família, né? Ele já tá certo que ele vai vir, o Lula parece que vai vir aqui.

“Lula? Sério?”

Ele vai vir aqui. Já tá aí pra ele vir aqui.

“Para aumentar um pouco mais a visibilidade também quando ele vier. Já veio algum presidente aqui ou...”

Não! Aquela Marta, jogadora de bola, diz que vem aqui. Até o Bom Sucesso ali, aquele povoado ali, quando ela vier, o Lula, não fica ninguém lá, vem pra aqui.

“Não, com certeza. O senhor acha que aqui teve mais gente, só de curiosidade, votando no Lula ou no Bolsonaro?”

Mais gente no Lula. Questão de opinião. Eu fui até para votar em Lula. Eu fui até... e fiz até uma promessa, assim, de brincadeira. Diga, eu vou até ser o primeiro da fila para votar. Eu fui o segundo. Quase que eu pego primeiro, mas não é fácil não, você arrastar daqui pra Pão de Açúcar de pé...

“Ah, aqui na Ilha mesmo não teve então pra votar, vocês tiveram que ir pra lá pra...”

É tudo impor... aqui já... aqui tem duas urnas aqui, mas a gente vota em Pão de Açúcar lá, mudaram pra lá... Aqui já eu já trabalhei muito em negócio de urna, mesário, aqui eu trabalhei.”

“Eu fiquei bastante surpresa, eu tinha impressão de que ia ter mais gente assim votando no Bolsonaro do que no Lula aqui, olha!”

Não, não! Só meu filho aqui foi que votou em Bolsonaro, né, minha família todinha todo mundo aqui aqui! Aqui 90% era Lula!

“Não sabia, não. Lá em Batalha eu acho que é a maioria também do pessoal.”

É, aqui, se tiver foi 10% no outro! Votamos em Lula!

“Tem alguma pessoa que o senhor acha que é a cara da Ilha do Ferro? Se fosse escolher uma pessoa que... “Não, essa pessoa eu acho que ela é a cara da Ilha do Ferro.” Pode ser até o senhor. Quem o senhor colocaria?”

Aqui do lugar?

“Sim, pode ser que tá vivo, pode ser que não tá. Uma pessoa que, para o senhor, representa a Ilha do Ferro. Se o senhor quisesse apresentar a Ilha do Ferro, para todo mundo o senhor ia escolher essa pessoa.”

Hoje, para falar a verdade, hoje não tem escolha. Não, hoje não tem escolha não. É, eu só... Queria dizer, vou apontar aquela pessoa, já teve, mas hoje não tem mais escolha não, gente. Não, pode ser que no momento, depois, possa ser que surja uma pessoa... que não tem vereador e está muito bom assim.

“Eu não falo em termos políticos, não. Eu falo uma pessoa que para o senhor poderia apresentar a Ilha do Ferro para todo mundo, só com a vida dela mesmo, com a presença.”

Quem representa a Ilha do Ferro aqui, quem representa é os artesãos com a arte só.

“Todos os artesãos?”

Todos, não, nem todos. Toda coisa tem uns que se destaca mais, em tudo tem uns que se destaca mais, até no estudo tem um mais inteligente, outro mais... Aqui uns quatro ou cinco que se destaca mais aqui. Não é todo mundo não, sabe? São uns quatro ou cinco que se destaca mais. Entendo. Se eu fosse apresentar uma pessoa, eu apresentava eu, mas não sei lá se os outros... Vai dizer, “não, o cara é aquele mesmo”.

“Então o senhor se pudesse, se escolheria então nesse caso?”

Era, mas isso depende, isso não dependia só de eu, né?

“Nesse caso depende, eu tô pedindo a opinião isoladamente do senhor. É a sua opinião pessoal, não precisa ser necessariamente pra todo mundo.”

Se depender de uma coisa assim sobre arte, essas coisas, eu acho que eu tô na frente dos outros. Eu acho que eu estou na frente, porque eu sou novo na arte, os outros tem 20, 30 anos, e eles não vão chegar onde eu cheguei. Eu tenho certeza... financeiramente, sem ser financeiramente.

“Geralmente procuram o senhor primeiro, então, né, o pessoal aqui?”

Todo mundo que vem aqui sempre me procura, né? [informações de venda] E tem um advogado comigo. Pra não haver...

“O senhor já tem um advogado então?”

O Sebrae me deu um advogado. É... eu e três pessoas aqui.

“Que é o mesmo advogado que representa?”

É, que se destacou mais. É por isso que eu digo. E graças a Deus, eu sei, eu acho que se eu fosse apontar, eu apontava eu mesmo, né? Mas não sei a opinião dos outros, eles até falam de artesanato, eles até vêm chegar gente aí... Perguntam da casa de [nome]... “não mora aqui, não”, outros dizem “[nome] é o mais famoso daqui”.

“Tem gente que fala que o senhor não mora aqui?”

Tem alguns que falam. Tem ciúmes, sempre rolam ciúmes. Acontece de rolar um ciúme. Aí outros, outros artesãos já diziam “vamos lá no mais famoso daqui, vamos lá no que vem demais, vamos lá esse”, aquele. E sempre é assim.

“O senhor conhece o seu Jasson de Belo Monte?”

Conheço, muito legal. Muita fama ele. Muito famoso.

“Eu ouvi falar mais dele dessa vez agora que eu vim, disseram que ele tinha feito exposição fora de uma peça dele que tinha...”

É. Eu nunca fiz e nem pretendo ir. Em parte, esse negócio de feira eu não pretendo ir não. Só se fosse a Fenearte, eu vou a Fenearte um dia, mas outra feira eu não pretendo não.

“Por quê?”

Porque eu acho que se levar minhas coisas pra uma feira, não sei não, acho que fica um pouco...

“Você acha que desvaloriza?”

Eu acho que sim.

E2 - Bordadeira 1

Bordadeira em inatividade, meia idade. Aparentemente tímida com a entrevista, algum filtro.

“A senhora é daqui da Ilha do Ferro mesmo? Nasceu aqui ou é de...”

Não, eu sou Sergipe, vim morar aqui depois que eu me casei.

“Que parte de Sergipe que a senhora é?”

Bom sucesso.

“Bom sucesso mesmo?”

Sim.

“Tem quanto tempo mais ou menos que a senhora está aqui?”

Desde 2001.

“A senhora viu mais ou menos quando a ilha era antes de começarem os artesanatos que vendem aqui e tudo mais?”

Eu lembro um pouquinho porque depois eu fui morar no assentamento. [informações sobre período de moradia].

“E nesse tempo que a senhora passou fora, quando a senhora voltou já estava muito diferente do jeito que era antes?”

Já, um pouquinho, estava.

“O que a senhora lembra mais ou menos que tinha mudado mais?”

Não sei dizer muito.

“A sua família, tem alguém que trabalha com artesanato?”

Eu trabalho com bordado também.

“Você também faz bordado?”

Faço, mas como eu estou trabalhando no grupo (escola), aí eu estou afastada. Mas a família de meu marido trabalhava com o bordado. A mãe dele, as irmãs, depois deixaram.

“Ele não trabalha na área de artes?”

Não.

“E pra senhora, como é morar num ambiente que vem tanto turista com tanta frequência?”

É bom né, até mesmo pro lugar, pra todo mundo.

“A senhora já se acostumou com esse entra-e-sai de turista toda hora?”

Já, já (risos).

“Pra senhora, tem alguma coisa que incomoda nessa situação ou está totalmente adaptada?”

Não, pra mim está normal.

“E em relação ao estilo de vida aqui na Ilha do Ferro? Falo até em termos de política mesmo, a qualidade de vida, como é que está, de infraestrutura, saneamento, esse tipo de coisa. Tem alguma coisa que a senhora acha que podia melhorar?”

Eu acho que na saúde tem que melhorar muita coisa, porque tem vezes que as pessoas vão fazer consulta, que o médico só vem uma vez na semana, e não tem vaga porque só vem uma vez... mas outras coisas acho que tá bom, tá normal. Calçar esse pedacinho aqui, né? (risos) Pra melhorar essa lama aí.

“Em relação a Ilha do Ferro, a senhora gosta mais de aqui, eu gosto mais de Bom Sucesso, que a senhora veio de lá? (risos) Pode ser sincera!”

Eu acho que se hoje eu voltasse, morasse em Bom Sucesso, eu acho que me acostumaria mais não.

“Já adaptou, então, aqui?”

Sim!

“Não tem vontade... se a senhora pudesse escolher qualquer canto para ir, a senhora ia continuar aqui ou ia sair?”

Bom, no momento é aqui porque não tem outro canto, né, também. Nós no fundo não fizemos o plano para ir para outro canto, mas entre Bom Sucesso e aqui, eu prefiro mais aqui.

“E a Ilha do Ferro, o que significa pra senhora?”

Significa que assim... a melhora, que melhorou muitas coisas depois desse artesanato, os turistas que tão vindo pra aqui. E o lugar evoluiu mais.

“A senhora sente que para a população em geral a qualidade de vida está melhor do que estava?”

Está melhor.

“Eu queria saber de uma coisa... as pessoas que vêm de fora da Ilha do Ferro, como a senhora queria que essas pessoas vissem a ilha? Algumas pessoas vêm pra cá pensando só no artesanato, às vezes?”

Eu acho que sim, porque tem muita gente que chega aqui... Eu mesma já ouvi muita gente que chega aqui, “é um lugar muito feio”. Muita gente que discrimina, eu mesmo já vi. Eu acho que é mais só mais pelos artesanatos mesmo. Não é por enxergar que aqui é um lugar bonito, lugar bom, acho que não.

“Mas pra senhora é?”

Pra mim é.

“E o que a senhora acha que faz as pessoas não enxergarem a ilha desse jeito?”

Acho que é inveja. (risos) É, porque tem muitos lugares, principalmente Pão de Açúcar mesmo, por ser uma cidade, né? É, tem muita gente que chega aqui de lá mesmo também.

“Que sai de Pão de Açúcar pra vir pra cá?”

Sim, até dos artesanatos daqui.

“Então a senhora acha que a Ilha do Ferro tem mais pra se ver além do artesanato?”

Sim.

“O que seria isso?”

Como assim?

“O que a senhora acha que... Do jeito que a senhora enxerga a Ilha do Ferro, sendo mais do que artesanato, disse tudo que a senhora queria que as outras pessoas vissem?”

Eu acho que é bom olhar até as pessoas que moram aqui, que são pessoas acolhedoras.

“Para a senhora então, as pessoas da Ilha do Ferro são mais importantes ainda do que o artesanato?”

Eu acho que sim. O artesanato está sendo bom no ponto porque é o meio de vida para as pessoas, né? Mas eu acho que a qualidade das pessoas é mais importante que mesmo o dinheiro que vem dos artesanatos.

“Então... O mais importante da Ilha do Ferro pra você de tudo que tem aqui seria o próprio povo da Ilha do Ferro?”

Não, não é assim, geral o povo. Não seria todo o povo. Mas algumas pessoas são pessoas acolhedoras.

“Quando a senhora pensa assim na Ilha do Ferro, se tivesse alguém aqui que é a cara da Ilha do Ferro, que a senhora acha que pra senhora de alguma forma representa a Ilha do Ferro, em quem a senhora pensa?”

Eu? Meu sogro.

“Seu sogro? Quem é seu sogro?”

O pai do meu marido, [nome].

“Ele ainda é vivo?”

É vivo.

“Mora por aqui?”

Mora por aqui.

“O que ele está fazendo hoje em dia?”

Hoje em dia ele [informações sobre comércio do sogro]. Para mim ele é uma pessoa que se representa por ser uma pessoa que... Depois que eu vi morar aqui, que eu conheci eles, né? Que sempre acolheu as pessoas e é uma pessoa que sempre deu a mão.

“Então o que mais admira você na Ilha do Ferro seria o povo que acolhe, o povo que recebe.”

Sim! Sim!

“Eu ouvi falar bastante nisso hoje, de outras pessoas que eu estava entrevistando, essa questão da hospitalidade da recepção daqui da...”

Hoje aqui tem, como é que se diz, pousada. Mas antes dessas pousadas, as pessoas chegavam aqui e muita gente não tinha onde comer. Eu falo comer assim, em geral, café, almoço, janta. E muita gente via aquelas pessoas com fome e levava pra casa pra comer, às vezes sem conhecer a mesma pessoa. Pra não deixar as pessoas passarem com fome.

“Turista, você tá falando assim de fora?”

Não, só turista não. Até as pessoas que moram aqui vizinho, vizinho quer dizer assim, nos lugares, que vinha pra festa, lavar roupa aqui no rio e chegava e não tinha nem comida, que não vendia nada. Nem mercearia, que não tinha, tinha só, as pessoas falavam, “bodeguinhas”, né? Mas negócio de almoço, essas coisas não tinha pra vender. E as pessoas viam aquelas pessoas assim, com fome, e às vezes chamavam pra comer em casa. Mesmo sem conhecer.

“Entendo... Muito obrigada pelo tempo da senhora!”

De nada! (risos)

“Sinceramente vai ajudar bastante.”

E3 - Bordadeira 2

Bordadeira em atividade, meia idade. Aparentemente confortável com a entrevista, pouco filtro.

“Eu queria perguntar primeiro se a senhora é daqui mesmo da Ilha do Ferro.”

Sou.

“Nasceu aqui.”

Nasci na Ilha do Ferro.

“Acho que a senhora comentou da última vez que tem parente indígena, ou eu estou meio... Você não mostrou alguns?”

Não, aqui, vizinhos... era que tinha uns indígenas. Não na Ilha do Ferro.

“Nas imediações de Pão de Açúcar, no caso”

É, essa região que pega todo o Pão de Açúcar.

“Já que a senhora nasceu aqui a senhora viu a Ilha do Ferro antes de começar esse crescimento de artesanato aqui, né? De ela ficar ficar famosa... por isso [nome] estava me dizendo que isso aconteceu mais depois que a internet chegou aqui...”

Foi mais ou menos isso, e antes da internet foi o Celso, né, o Celso Brandão. Foi um dos divulgadores das peças do Fernando. Ele tem um livro que tem só fotos daqui da Ilha, não só do artesanato. De pessoas, de fotos até de varal, de roupas, varal estendido e ele tirou fotos. Aí ele foi um divulgador muito do trabalho do Fernando.

“Mais ou menos em que ano isso, a senhora sabe?”

Rapaz, o trabalho do Fernando, que ele começou com a parte do mulungu, que foi a parte que era do mulungu que tinha na frente da casa dele, foi de mais ou menos 81. Só que antes o Fernando já trabalhava na parte do tamanco. Que o último foi o Fernando, né? Aí dessa remessa tem até um banco ali que tem a data, 81, o ano mais ou menos que começou. Aí depois foi divulgando e depois que a internet, fazer com a história, que divulga melhor ainda, né? Aí foi que foi mais espalhado.

“Mas então aqui já tinha trânsito de pessoas antes que vinham ver o artesanato antes de chegar a internet aqui.”

Já, mas só o que não era tão procurado o tanto quanto é hoje, né? Antigamente as pessoas saíam de barco e iam vender o artesanato de madeira e o artesanato, no caso, de madeira era os tamancos. E o bordado de Boa Noite iam vender em Propriá, vender tudo nas canoas.

“Entendo. E foi esse moço que a senhora falou que divulgava a arte do seu Fernando. A senhora lembra mais ou menos quando foi que ele tirou essas fotos e tudo mais?”

A parte eu não sei de quanta data, mas não foi menos de 1982, por aí.

“Ah, então foi mais ou menos na mesma época que seu Fernando fazia os trabalhos que ele começou a divulgar já.”

Foi.

“É “Brandão” que a senhora falou...”

Celso Brandão. Tem um no museu, que é as fotos, mas não só das peças de Fernando. Sim, mas já era da Ilha também. Já era foto da Ilha, só que não é tão velho quanto o trabalho do Fernando.

“Não, mas eu falo até esse registro mesmo que esse homem fez, já é mais recente então?”

É, é. Depois a gente olha ali as fotos.

“Pronto, mas foi dos anos de 2000 pra cá ou foi de antes? Já foi mais recente?”

Esse ciclo já foi de 2000 pra cá.

“O trabalho do Celso Brandão? Desse livro?”

Sim. Foi.

“Então ele já andava por aqui antes, mas o livro em si, essa divulgação foi mais nesses últimos 20 anos por aí.”

Foi, eu só não sei a data...

“Não precisa lembrar de cabeça não! E a vinda de turista pra cá, esse tipo de coisa, foi... Mais ou menos nesse período que começou? De 81?”

Não. Começou depois.

“A senhora lembra mais ou menos quando começou a chegar gente de outros cantos aqui? De outras partes do Brasil, de repente?”

Rapaz, já tá com um tempinho, sempre chegam algumas pessoas assim, né? Não tanto quanto chega hoje, que hoje sai hoje, alguns daqui a pouco já chegam outros, né? Mas, já tá com um tempinho, agora tempo mesmo... eu nunca memorizei não, pra ficar assim, pra dizer, tal dia, tal ano.

“Você chutaria mais de dez anos que tá tendo essa rotina?”

Mais ou menos, né? Assim, porque o bordado mesmo, a parte do bordado mesmo, a associação tem mais de 20 anos.

“Sim.”

E depois, ver a parte da madeira para fazer a associação não foi feito. Portanto, que cada um trabalha nas suas casas, nos seus ateliês, e não tem... Não tem uma associação, né? Tem muito mais de dez anos.

“A senhora estranhou um pouquinho quando começou a vir essa penca de turista pra cá? Porque, assim, uma coisa que eu percebi é que muita gente recebe até em casa. Agora a gente chegou na cara de pau pra chamar a senhora na sua casa, porque a porta estava aberta.”

É, ontem mesmo tava chovendo e chegou um menino. Aí ele está andando. Daqui a pouco os vizinhos viram, começou a chover e ele... Aí a menina disse, “entre, entre, chame, entre, que tem gente.” E aí ele ficou com vergonha que a porta estava fechada. E aí ele disse “ah, invadi, né?” (risos) Só aqui mesmo que acontece que você chega assim numa casa.

“A de [nome], mesmo, que é pra gente ir pro ateliê dele que é lá na parte de baixo, tem que entrar na casa dele mesmo. Eu fiquei pensando, a questão da privacidade, como é que é? Porque ele me disse que não tem período de alto turismo, que tem turista o ano inteiro.”

É! É!

“Foi estranho pra senhora essa transição assim, de perder um pouco da privacidade mesmo, de ter gente entrando na sua casa, de...?”

Porque as pessoas só entram, como é? A minha parte é a parte da... (...) a partir do artesanato em bordado que eu sempre eu trago pra aqui, eu levo alguém pra minha casa pra mostrar e chegar até a sala, eu acho não incomodo nenhum não. Já que ele... tem que passar por a casa toda pra poder entrar no ateliê eu acho que fica mais um pouco, né, a gente tem que cuidar das coisas mais cedo porque não tem

hora para o turista chegar. O turista chega de manhã, chega de meio dia, chega a noite.

“A senhora, então, já se acostumou com o turismo assim?”

Já acostumei. Quando alguém chama, assim, eu já sei.

“Geralmente os turistas que vêm para cá, assim, até de outros cantos do Brasil mesmo, principalmente o pessoal do sudeste, do sul, do São Paulo, de cidade grande. Eles geralmente chegam aqui, com que tipo de impressão? Eles estão esperando uma coisa diferente do que eles encontraram aqui do povo, da cidade?”

Os turistas às vezes ficam muito surpresos como a gente recebe eles.

“Como assim?”

Porque eles acham que a gente recebe os turistas como se fosse membro da família da gente. Mesmo que chegam um... Uma pessoa da família, a gente recebe o turista igual como se já conhecesse. A gente não fica nem com medo de saber se é o bom, se é o ruim, entende? Aí a gente chega, manda entrar, assim, do mesmo jeito. E alguns se impressionam que é assim, que pensava como era, mas não tanto quanto como a Ilha do Ferro é. Porque tem pessoas que não é bem informado. Quando chega aqui não está informado que os ateliês são separados, que você vai ter contato diretamente com o artesão, porque tem pessoas que também chega e pensa que é tudo no local só. Vamos dizer um galpão que tenha peças de todos os artesões, como que museu da ilha, da região, bem assim teria um galpão para venda de todos os artesãos, não precisava você ir de casa em casa de artesão. Aí às vezes eles não têm muita informação e pensam que é... vem pra cá com pouco tempo, quem vem sem ficar na ilha pra dormir. Aí vem, vamos dizer, chega aqui 9h da manhã, 13h vai embora. E não vê tudo.

“Entendo. É... Então essa impressão que eles têm, geralmente é que eles imaginam que o pessoal daqui é hospitaleiro, mas aí chega e é mais do que eles estavam esperando...”

É. Outro dia chegou um rapaz de Águas Belas, aqui, Pernambuco, né? E ele chegou, eu lembro como hoje foi um dia 13, 13 de maio, que já foi agora recente, ele chegou aqui e a gente estava na igreja. E daqui a pouco ele chegou. “Oi, boa noite”. “Boa noite”. É uma pessoa católica. E chegou e se informou. “Boa noite, tudo bem? Como é que você está? Eu sou fulano de tal lugar”... Porque duas mulheres na igreja. É um pouquinho afastado na igreja pequena. Aí ele foi se entrosando. E aí ele veio pra passar a noite. Chegou logo cedo, ficou. Foi no outro dia. E quando foi agora, ele trouxe a namorada. E tudo que ele viu, que ele fotografou, que ele não fotografou, que ele viu a história interessante... e ele chegou dizendo, falando... ela chegou dizendo a mesma coisa que ele saiu daqui dizendo que aqui a simplicidade é mais do que um hotel de 7, de que for mais estrela, uma coisa mais chique do mundo... mas aqui o pessoal é muito acolhedor e recebe na simplicidade, e isso é o que chama a atenção mais ainda do turista

“Mas tem algum motivo para isso? É natural do povo?”

É natural do povo. Outro dia, chegaram aqui um pessoal, aí uma moça foi e disse, moça, você tem um pouco de água para me dar? Aí eram duas turmas separadas. Aí o rapaz depois ficou, a primeira turma que entrou, depois entrou outra turma. Aí o rapaz que estava lá na frente, aí eu vi quando a moça pediu água. Aí ele disse, meu Deus, não existe. Não existe a pessoa sair daqui, como você mora aí, vizinha, depois que eu disse que morava vizinha, “não tem nada não, menino”, tinha que vir aqui na minha casa, porque aqui tem, mas para subir essa escada, “eu prefiro ir buscar em casa”. Aí eu disse “eu vou buscar água”. Ele disse “moça eu tô aqui... incrível... porque eu nunca vi uma coisa dessa. Alguém pedir uma água porque aí afora você sai na casa de um desconhecido e você pede uma água” e o...

“O sertão inteiro acho que tem essa cultura da água...”

É, pelo menos o conhecimento daqui dos arredores a gente sempre faz assim.

“A gente é lá de Batalha, lá geralmente o pessoal também era muito de pedir água na porta. Meu avô e minha vó se conheceram porque ele parou pra pedir água na casa dela.”

E foi? Ah pois, aí é assim! A gente chega...outro dia o menino do Sebrae, porque tem as parcerias com o Sebrae, né? O menino do Sebrae chegou e disse bem assim “ó, desde quando eu cheguei aqui na ilha, eu me apaixonei, porque é um lugar que eu nunca vi coisas iguais a essa daqui. Eu chego na casa, chamo, se tiver... eu cheguei na hora do almoço, o que tiver de comida, oferece mesmo a comida que tem pra família, pra todo mundo oferece ao pessoa desconhecida”. Outro dia ele chegou aqui, ele tava vendo pôr do sol na minha calçada, aí tem uma vizinha aqui, na época ela morava aqui, tá morando em Pão de Açúcar agora, ela tem um bebezinho, ele não tinha dois anos. Aí ele chegou, sentou na calçada quente, aí eu disse “ei, [nome] vai levar almofada”, ele achou aquilo muito bonito, “vai levar almofado pro moço”, aí ele pegou a almofadinha e levou pra ele sentar pra sair da calçada quente. E ele ficou encantado. Ele disse que aqui é diferenciado.

“Essa hospitalidade, né? Tem uma certa ingenuidade que se tem assim... na Ilha do Ferro, em cidades de interior, de certa forma, em geral... Você percebe que de alguma forma, já que há aqui mais turista, que de outras cidades, que tem costumes diferentes, que lida com vocês, você percebe que acontece de alguém se aproveitar, ou coisa do gênero, desse tipo de hospitalidade, desse tipo de tratamento?”

Assim, do meu conhecimento... Não... Assim, porque pode ser que alguém que tenha mais contato assim, em casa, de receber pessoas mais em casa, tem algum... que você sabe que existe de tudo, né?

“Comentaram muito, da outra vez que a gente veio, sobre a questão da venda, né? Das artes que muita gente comprava e não dava os créditos, e revendia mais caro e

ninguém nunca nem ficava sabendo. Antes de ter mais uma autonomia por causa da internet, mais turista e tudo mais”

Pegava pra vender, vendia por muito mais, não dava, no caso o tanto que vendeu, mas eu não pensei, mil reais, vendeu por mil e trezentos e só daria ao artesão aquela parte do mil, né? No caso, você quer dizer assim?

“Isso era uma coisa recorrente, né? E hoje em dia?”

Não é... hoje você faz aí, tem uma feira, como tem umas peças ali, já vai pra feira, aí já vai com o seu total, aí vai da pessoa, que for lá pra feira, que for pra venda, se quiser aumentar mais um pouco e ganhar por fora...

“Mas não acontece mais de não dar os créditos pra pessoa que fez o trabalho, né? Hoje em dia a pessoa já tem o nome dela, tem...”

Não. Hoje tá ali tudo, as peças tudo assinadas e tudo com a etiquetinha do Sebrae e o valor. Justamente pra não ganhar mais em cima. Porque tem dessas! Tem pessoas que vem, o lojista, tem pessoas que chega aqui “ai meu Deus, eu vi uma peça dessa em São Paulo, uma peça dessa, é”... Uma peça, vamos dizer, que vende aqui por mil reais, que lá tava o quê? Três mil reais. Mas isso já é o lojista, as coisas que compram aqui. É tudo mais caro, meu irmão estava dizendo “quanto é uma espiga de milho aí”? Deu até de 3 reais no Rio de Janeiro, tinha um local que era em Minas que era de 2 reais, mas depende do local que chegou até 3 reais. E aqui a gente compra uma espiga de 1 real, agora cada dia que passa vai melhorando porque a chuva, né? Choveu... mas agora mesmo no São João é um real, mas era 50 centavos, 90, depende, que fazia um rolo, né? Se eu comprasse 50 espigas ficava até mais barato.”

“A gente comprou lá em Limoeiro de Anadia, tava essa faixa de preço mesmo, era de 1 real.”

Eu comprei aqui na porta. Na porta de 1 real.

“Do tempo que você era criança, adolescente, que já morava aqui na ilha para cá, vendo essas mudanças que aconteceram por causa dessa chegada de turista, né? Percebeu uma diferença considerável do jeito como a ilha funciona na rotina de vocês ou não mudou muita coisa?”

Mudou, mudou porque agora tá mais corrido. Aquela rotina que a gente tinha hoje fica mais corrido. Porque hoje tem mais artesões, aí hoje você trabalha com mais peças, tanto na parte do bordado como na parte da madeira. Porque antigamente você fazia uma peça.

Aí eram várias pessoas que trabalhavam, principalmente no bordado, tinha várias pessoas para trabalhar e pouca gente para comprar. ‘Tá entendendo? Aí você fazia uma peça e não vendia, não vinha tanta gente quanto vem hoje. E hoje, quantas peças você fizer, melhor, porque não vai faltar a quem você vender. Antigamente tinha a parte das pessoas que fazia aqueles projetos, aquelas coisas, tipo o Sebrae, mais ou menos, hoje, né? Aí, tinha as pessoas que vinham, faziam as encomendas,

traziam o tecido, traziam a linha, e já entregava. E muitos trabalhavam a... cada um para fazer, mas todo mundo já achava bom quando elas vinham, porque elas levavam já as peças e a gente recebia o dinheiro. E hoje não, eu mesmo não tenho uma peça na minha casa, que eu diga assim “essa daqui eu vou usar porque eu não vendi”. Se eu tenho alguma peça na minha casa, foi porque às vezes dá algum defeitinho, às vezes pega uma mancha, principalmente se você for lavar uma peça colorida, aí pode manchar uma coisa, aí eu fico pra mim. Mas pra dizer assim “eu voltei nessa peça porque eu não vendia a ninguém”, não. E antigamente não era assim.

“Tinha menos cliente?”

Menos cliente, pra... Como a menina falou em entrevista, que a gente trabalhava pouco no bordado porque não tinha tanto a quem vender.

“Você trabalha com bordado, né?”

Só com bordado. Não faço, não, madeira. Mas tenho um menino que começou a fazer e agora está na fase da aborrecência, e está meio invocado. Mas Deus vai melhorar comportamento dele.

“É um trabalho bem cansativo, né?”

Mas é um trabalho que faz... vocês espairose a cabeça, tipo... Eu mesmo gosto de fazer o bordado Boa Noite e tenho uma vida muito corrida porque quem é dona de casa nunca deixa... Nunca falta o que fazer.

“Você sente falta de como era antigamente? Algumas coisas? Ou para você está tudo melhor agora?”

Não, às vezes eu sinto falta. De alguma coisa que a Ilha do Ferro já está mais mudada. Já tem mais... Outro estilo. Já está bem mudada. Antigamente não era muito assim. E eu gostava como ela era. E eu digo sempre, o turista que vier para a ilha passear, vai ter que ver o que tem na ilha. De você gostar de um galo cantar...você pode não gostar, mas o que você vai ver no interior é sempre uma coisa assim. Você vai ver um galo cantar à madrugada, às vezes até meia-noite, 11 horas, que o galo já começa a cantar. Às vezes você vê uma ovelha berrar, aí tem pessoas que reclamam.

“Turista?”

Turista, que vem! Então não venha pra Ilha do Ferro! Me desculpe, mas o que a gente cria aqui é... um cria uma vaca, outro cria um carneiro, outro já cria galinha, e tudo isso você pode ouvir, você lá da cidade grande, você... as crianças que você... nem conhece, pessoalmente um galo.

“Você acha que as vezes então o pessoal que vem pra cá tá esperando um exotismo diferente... assim que seja de repente só pra parte do artesanato, mas às vezes esquece que aqui tem gente, que aqui tem bicho... com uma rotina própria?”

É... é! Porque você vê, aqui a tranquilidade é ótima, toda a vida foi. Hoje a gente não dorme, fica dormindo na calçada porque chega um, chega outro, tem muito acesso. Pão de Açúcar para cá o movimento é muito... e antigamente todo mundo dormia. Não é que não possa, é que a gente às vezes não confia, né, porque a ilha vive cheia de turistas, então...

“A senhora acha que a segurança mudou, então?”

É, de todo jeito muda um pouco. Eu acho que mudou um pouco. Então, o que é que...

“Se você fosse listar, assim, coisas que você sente saudade de antes... O que é que você sente saudade?”

Era mais... Não sei. A modernidade hoje, fazer com a história, era muita coisa do que era antigamente, né? Aí tem muita coisa hoje, mas não muda tanto. Mas de todo jeito muda. Antigamente eu achava que era mais, sei lá... Estilo. Muita gente hoje... Porque aqui é tombado, né? É patrimônio tombado. Aí muita gente criticou por causa desse negócio, que foi tombado, não sei o quê... Mas eu gostei, porque se não fosse tombado, daqui a pouco ia chegar um rico aí, ia fazer um prédio, outro prédio, outro prédio, e a beleza da gente? A vista da gente aí para o rio? Como era que ia ficar? Antigamente você via [informação de localização]. E você via aqui as estradas, coisas e tudo. E hoje, cada dia que passa, você está perdendo mais um pouco da visão do que era. Isso porque... Está crescendo mais por causa das construções.

“Então esse crescimento assim incomoda um pouco você, de estar tendo... vindo mais gente pra cá, de estar tendo mais confusão?”

Não, não incomoda não, mas eu fico com medo! Porque a privacidade da gente de todo jeito vai perder, vai perdendo um pouquinho. Como você criar uma galinha... aí o vizinho que comprou um terreno que é de fora que vem aqui só, vamos dizer, dois meses, três meses, três meses se um galo for na casa, uma galinha for na casa dele a gente vai receber a reclamação. E aí?! Não perde um pouco da privacidade?!

“Então, pelo que eu estou vendo, assim, tem gente de fora daqui do sertão que está vindo para cá?”

Está comprando hoje os terrenos daqui, eu mando as mudanças assim. Hoje um pobre, qualquer pessoa da Ilha do Ferro não pode comprar um terreno aqui porque o valor está lá...

“Então as pessoas veem que... de fora, no caso, que o artesanato que ele está dando dinheiro, o povo está se aproveitando para poder comprar terreno aqui?”

Comprar terreno, fazer casas de aluguel. Alugam só por temporada, aí começou com uma pousada, daqui a pouco é duas, daqui a pouco é três. Outro chega com outra pousada...

“[Nome] disse que estava construindo também”

Está construindo, e [nome] só tinha a casa dele, né? Hoje ele está construindo, mas é uma pessoa daqui. Aí chegam outras pessoas porque um terreno hoje aqui quer 100 mil, 140 mil. E antigamente você comprava mil reais, 500 reais há muitos anos atrás. Comprava isso baratinho. E ao longo do tempo cada dia que passa vai aumentando mais.

“A impressão que está passando é que a Ilha do Ferro ganhou toda essa visibilidade. Por causa de uma coisa que é da identidade de vocês, por causa do povo daqui, mas parece ter outras pessoas de outros espaços que estão tomando um pouco do espaço do povo da ilha, né? Ao ponto de faltar até casa, olhando sob essa ótica, pro povo poder comprar uma casa própria?”

Porque... É! Porque as pessoas assim, a gente aqui não tem o dinheiro, né? Nem todo mundo tem dinheiro pra fazer uma pousada. E então de fora, tem o dinheiro, compra, valoriza mais, valorizou mais, tem mais trabalho, porque as pessoas que cuidam das casas... se for uma casa é menos dinheiro, se for duas casas é mais dinheiro pra cuidar, né? Aí então tem mais ganho, tem, tanto na parte do artesanato como na parte do trabalho de cuidar das casas. Mas hoje, praticamente, a Ilha do Ferro está ganhando e também quem está fazendo as casas daqui para aluguel está ganhando também.

“Então você acha que nessa história o pessoal da ilha devia estar tendo maior benefício do que do que está tendo se for comparar com as outras pessoas que estão pegando daqui também?”

É, porque a gente tem pousadas, tem casas também de aluguel da ilha, né? Mas também tem muito mais gente fora.

“Você não gosta muito disso de ter... Ah, eu esqueci de falar uma coisa, viu? Eu não sei se eu falei. A entrevista é anônima, tá? Eu tô fazendo ela porque eu tô pegando a informação e eu vou só escrever”.

Ah, sei! Sei! No caso você vai resumindo. É como a minha menina fez.

“Esse texto vai ser só todo transcrito, mas eu não vou expor identidade nem nada do gênero. Não, a senhora pode ficar à vontade para falar”

Eu sei. Eu sinto um pouco assim, que às vezes tem pessoas outro dia, uma pessoa lá embaixo, vinha um pessoal, passaram dois dias, e o vizinho cria vaca e ele cria ovelha. Aí o pessoal foi farrear, farrear.

“Que vieram de fora?”

É! Porque aqui a gente tem o clima de acordar logo cedo. Nordeste, você sabe como é.

“Sei, sim! Eu acordava 6 horas da manhã até nas férias, assim, de...Porque gostava mesmo!”

Sim! Aí, pronto. Aqui a gente é acostumado acordar 6 horas, 7 horas, ou alguém que acorda 5, 4 e meia, vamos dizer assim. Aí vai dormir um pouco até mais cedo e acordar mais cedo. Aí você vem passar um dia, dois, aí você vai. “Ô, rapaz! Seu boi...” é... “Coisou a noite toda, sua vaca... a noite toda”. “A ovelha, ninguém conseguiu dormir”. Cachorro late num canto, gato lá, pra outro... Então não venha pra Ilha do Ferro. Não venha pra Ilha do Ferro, porque você vai ver. O menos que você vai ver ainda é um jumento, porque hoje tem bem pouquinho, mas ainda tem. Aí você vem passar dois dias no lugar e daqui a pouco já começa a reclamar com o vizinho?!

“O problema, então, não é turista, é folgado...?”

É, porque eu acho assim, né? Nessa mesma casa, chegou um pessoal, aí, sabe, passeiam, pra um canto, pra outro, depois dão uma dormidinha. Aí quando... depois acordam vão festejar. Barulhos e mais barulho e os vizinhos dormindo, e nada foi pensado! Quando foi de manhã a menina acordar cedo, que o marido tira leite e tudo, aí a menina acordou cedo, começou a limpar a frente da casa e tal. Aí daqui a pouco chegou a vizinha, ficaram conversando. Aí saiu um turista na porta “moça, pode parar de barulho que está incomodando, eu estou dormindo”. Isso é justo?! É não! Aí outro dia perguntaram “e aí você gosta?”, eu digo “gosto, desde que o turista venha e respeite a rotina da gente”. Desde quando respeite. Agora, quem quiser comandar, um dia que você vem passar no lugar que você quer comandar...

“Então tem gente que está reivindicando uma certa autoridade, assim, um espaço que não é deles...”

Tem uns!!! Tem uns que querem.... A menina ali cria uns bichos. Assim, diz que eu sou uma pessoa nova, já está com um tempinho que eu estou na Ilha do Ferro, estou vendo a vida da Ilha do Ferro como é que tu crio vaca, tu cria uma galinha ou tu cria uma coisinha... e daqui a pouco eu faço minha casa. A partir de hoje eu não quero uma galinha no meu terreno. Que aqui não é proibido criar galinha solta!

“É difícil também criar galinha presa, né? Um bicho que...”

Criar galinha presa, não dá!

“Também botar uma vaca dentro de casa, não tem como trancar ela.”

É, e o rapaz cresceu na Ilha do Ferro, se criou, está se criando ainda, desde quando vai vivendo, vai se criando mais ainda, e toda a vida ele gostou de criar as coisas. E vocês vão passar um dia, dois, tá certo isso? Tá não! Outro dia eu dei uma resposta...

“Tem mais gente que se incomoda com isso por aqui?”

Assim, às vezes tem uma menina vizinha que é bem chatinha e ela já reclamou, sabe?

“Disso dos turistas ficarem reclamando?”

Não, das ovelhas berrando.

“Eu digo assim, em relação ao incômodo com esse comportamento mesmo de alguns turistas, tem mais gente que a senhora conhece que não gosta...”

Tem! Tem! Outro dia... porque minha filha tá lá embaixo, outro dia minha filha, um reveillon no tempo da pandemia... E aqui a gente foi tranquilo, graças a Deus.

“Mas veio muita gente pra cá de turista na pandemia?”

Não, deu uma parada.

“Graças a Deus.”

Foi, na pandemia deu uma parada. Diz que iam botar umas barreiras e tal.

“Porque eu vi um pessoal de Maceió vindo pra cá na pandemia, eu fiquei morrendo de raiva. Porque por aqui saúde é outra coisa, né?”

É! Aí... Vieram assim, já não me lembro nem que ano foi. Foi no primeiro ano da pandemia ou foi no segundo. Aí não teve festa. Se eu não me engano, foi no mesmo ano, que praticamente começou fevereiro, março, descobriu da pandemia, né, que a Covid já estava antes do começo do ano, acho que ninguém sabia, depois ela foi se espalhando. Aí quando foi no final do ano, aí não teve, porque a gente costuma fazer as festas, é... banda, sanfoneiro o que for, e amanhece o dia. Aí, aqui, o clima é esse, começou a festa. As festas sempre... não todas as festas, mas as festas de padroeiro, final de ano, essas coisas, é para amanhecer o dia. Hoje aqui também tem esse negócio da polícia. Chegar certa hora e parar, não sei o que. Mas aqui a gente não quer nem ver a polícia.

“(risos) Tem delegacia aqui na Ilha do Ferro ou em Pão de Açúcar?”

Tem não (risos). Só quando tem algum caso que você liga, aí quando eles querem vir, eles vêm rápido. Quando não, quando chegou, se tiver uma briga, você já tá lá em Sergipe, outro aqui em Alagoas, nem sabe nem que eu vim (risos). Aí eles ficaram farreando e tocando um som, num carro, com som. Um som do carro, aí ficaram farreando quando foi... cinco horas farreando, cantando, só os meninos daqui mesmo, sabe? Só o pessoal daqui mesmo, menina. Aí daqui a pouco os turistas começaram, por favor, dá pra desligar esse som que tá incomodando a gente, não tá conseguindo andar. Ela disse “não, aqui não desliga, aqui é festa. É das pessoas da comunidade, quem tiver incomodado, se mude”.

“Essa pessoa foi... É conhecida da senhora?”

Era turista, não.

“Não, tô falando aqui que brigou com um turista. A que falou... Que deu uma bronca no turista.”

Foi a minha filha.

“Sua filha? Teria como falar com ela depois ou ela tá...”

Ela foi pra Pão de Açúcar, ela já foi lá pra prima da gente. Não sei se ela já chegou não.

“Aqui na Ilha do Ferro, então, eu sei que a grande parte da população sobrevive com o artesanato, né? Mas tem muita gente aqui ainda que não trabalha com isso?”

Tem, tem um bocado de gente que não trabalha com coisa. Faz a parte da pescaria, né?

“É uma coisa que eu fico me perguntando, [nome], até essa mudança que deu aqui na ilha, porque... antes tinha muito essa coisa do artesanato, só que pelo jeito foi uma coisa que cresceu de uns anos para cá. Mas e essas outras pessoas assim, que não estão necessariamente protagonizando essa venda de artesanato, esse tipo de coisa, como é que elas estão lidando com esse fluxo de pessoas tão diferente aqui... e esse tanto de mudança aqui na ilha como... Como é que tão reagindo a isso? Com certeza uma pessoa que vende o artesanato e que está lucrando muito com isso não vai lidar com isso do mesmo jeito que uma pessoa que está lucrando menos ou que nem trabalha com artesanato, né?”

É, porque assim, aqui tem a pescaria que hoje o rio deu um... Hoje não. Já está com muito tempo que desde quando as hidrelétricas... Pelo menos a Xingó, que foi a última, né? As outras incomodavam sobre o que não era tanto. Aqui tinha as plantações de arroz.

“Tinha arroz aqui na ilha?”

Tinha plantações de arroz.

“Eu não sabia, não.”

Tinha plantações de arroz, aí já era o modo de sobreviver de algo, porque trabalhavam durante as plantações de arroz e depois iam comendo do que tinha colhido. Quem tirava muito que poderia vender, vendia. E quem não tirava muito... mas tinha o seu certo para comer o resto do ano. E isso era uma coisa que era todos os anos de frequência, já era tudo certinho. Era tipo um relógio. O rio já tinha praticamente os tempos certos de encher. E para pescaria ali era uma bênção. E hoje você vai ali no rio e às vezes sai daqui para ir para Piranhas para pegar UM peixe.

“Não está dando muito hoje em dia por causa das hidrelétricas?”

É porque o rio não tem correnteza, o rio não tem coisa. Melhor, eu achei que do ano de 2022 para 2023 melhorou um pouquinho o peixe porque ele deu duas cheias. Duas cheias, não tanto quanto ele tinha costume antes. Entende? Que ele fechar, não tem a quadra, ali a cooperativa. O correto dele era cobrir aquela quadra toda. E depois da cooperativa, só cobriu ali um ano. E depois, ele nunca mais subiu. Ele encheu esses dois anos a metade do que ele tinha o costume de antigamente.

“E a política aqui, como é que está? A Ilha do Ferro é de Pão de Açúcar, né? Aí então é meio prefeito e tudo mais. Me falaram que uns tempos pra cá teve uma melhoria da educação, da saúde aqui dentro da ilha.”

É, mas deveria ainda ser melhor.

“Como assim? Como é que tá?”

Assim, tá melhor porque a estrutura da escola tá melhor, vamos dizer que a assistência corre assim. Mas ainda deveria ser melhor. Você sabe como é político né? Político fala muito e não cumpre tudo que falou, eu acho que a qualidade não está melhor, sabe? Está melhor agora, mas eu acho que ainda deveria estar melhor ainda, porque o político só está lá através da gente, né? E então quanto mais correr mais você futuramente você vai lucrar. E não tá pior não, tá melhor.

“Mas como é que tá a qualidade de vida aqui hoje em dia pra senhora? Assim, se a senhora tivesse a oportunidade de morar em outro lugar, a senhora continuaria aqui na Ilha do Ferro ou...”

Continuaria.

“Por quê?”

Eu não sei porque eu amo a Ilha do Ferro. Só se for... Só se for... hoje não sabe... Hoje não. Sempre você pode ter a vontade, mas não é porque tem a vontade que você vai conseguir, né? Mas eu não pretendo me mudar daqui não. Pode ter a melhor casa, pode ter o melhor, a melhor vida, pode estar lá no Rio de Janeiro e São Paulo com casa melhor, com estrutura de tudo da minha vida melhor, mas eu prefiro estar aqui mesmo.

“O que segura a senhora aqui?”

Eu gosto muito daqui por causa da tranquilidade também. Porque a gente viu abrir uma televisão, misericórdia. Você não tem mais sossego, você vê que daqui de Olho d'Água pra lá eu acho que já fica mais diferente do que de Olho d'Água pra cá, assim, mais perigoso, eu acho.

“Mas é só a questão do perigo, questão de privacidade por ser menorzinho ou... sua família é toda daqui?”

Minha família é toda daqui. Meus filhos estão tudo aqui, tava com um estudando, né, em [lugar], mas também já está aqui. E o futuro a Deus pertence. Se arrumar alguma coisa, por aqui, fica, se não...

“O que é a Ilha do Ferro para a senhora? Se a senhora fosse definir a Ilha do Ferro para alguém, como é que a senhora ia falar dela? Porque eu vejo muitas pessoas, quando falam da Ilha do Ferro, imediatamente falam logo do artesanato. Eu percebi que a senhora falou um pouco, uma quantidade maior de vezes, das pessoas daqui. A senhora não falou só do artesanato pra mim”

Não! Pra mim, assim, tem muito valor o artesanato, mas antes do artesanato ter tanto esse valor, a Ilha do Ferro já era a Ilha do Ferro que a maioria do pessoal que vem sempre conhece. É um povo acolhedor, é um povo unido. Claro que tem uma briga, uma coisinha, sempre tem, né? E principalmente na coisa de política, né? Política tem aquela besteira da vida, que não deveria ter, mas tem. Mas eu acho a Ilha do Ferro um cantinho que conquista tanto moradores como os visitantes e esse jeitinho da ilha me conquistou. Sabe como é a história? De criança, de adolescente, hoje como casada não pretendo sair daqui porque da Ilha do Ferro eu cuido. Se você chegar aqui, um turista, chegar com um papelzinho de lixo, jogar sem ser no lixo e eu ver. Eu vou lá e digo “moça, por favor?! Coloque o lixo!”.

“A senhora não ignora então esse tipo de comportamento só por causa do rendimento financeiro que dá para o artesanato, então. A senhora preza mais pela ilha em si, pelo povo, do que pelo lucro que entra...”

Pelo lucro que entra, porque dinheiro também não é tudo, né? Dinheiro para mim não é tudo. Eu acho muito bom o artesanato, faço o parte do artesanato, incentivo, se precisar de mim eu dou força... porque às vezes as pessoas chegam aqui, tanto aqui como nas outras casas, nos outros ateliês, aí dizem “olha, olha, canto fulano, canto fulano”, eu não vou dizer assim... às vezes tem pessoas que perguntam “ô, dona [nome], qual a artesanato melhor que você acha aqui?”. Eu não sei dizer, eu não sei dizer porque eu vou na casa do [nome] e me encanto com uma coisa, aí eu vou na casa do [nome] e me encanto com outra, vou no [nome] e eu me encanto com outra. Aí eu nunca cheguei... assim, pra eu dizer assim “eu mesmo, as peças de fulano, eu acho que são a mais perfeitas”.

“Cada peça tem uma particularidade, né?”

É. Agora mesmo chegaram as peças no museu que não tinha. Você foi que mês, mesmo?

“Janeiro. Vim no comecinho de janeiro, primeira semana de janeiro.”

Pronto! Em janeiro não tinha umas peças novas que tem. Eu fiquei encantada por as peças novas. Aí tem os meninos Farias também... no 6 de janeiro já tinha. Um ateliê pequenininho, que você vai lá pro Petrônio, mas ela vai pro Petrônio ainda no calçamento.

“Eu não fui até lá ainda.”

Apois tem. O ateliê é umas peças bem interessantes. O meu sobrinho, o [nome]. Você estava ali, ele foi subindo, deu bom dia? Eu acho as peças dele muito interessantes.

“Ele é artesão também...”

Ele é artesão.

“Mas ele está aqui há muitos anos ou é recente?”

Desde quando nasceu. Tem pessoas que não moravam na Ilha...

“Era isso que eu ia perguntar, se tem gente vindo fazer artesanato aqui que não era da Ilha do Ferro.”

Tem pessoas que não eram da ilha e hoje são artesãs na Ilha do Ferro. Pessoas que eram pedreiro da Ilha do Ferro, que era um pedreiro e hoje são artesãs... O [nome] era pedreiro, nem a própria construção dele faz mais, só no artesanato. O [nome], não sei se você chegou a conhecer, ele também era pedreiro... não é mais pedreiro, é artesão.

“Mas o que a senhora acha do pessoal que era de outra cidade e está vindo fazer a artesanato aqui na Ilha do Ferro?”

Eu acho interessante e um ponto bom porque achou um trabalho bom na Ilha do Ferro. Porque o [nome] mesmo... você conhece, né? Você foi lá? Que é o pai do [nome]. O [nome] mesmo é de fora, é lá perto do [localização].

“Tem poucos que eu lembro de nome. Eu lembro da senhora que a gente viu da outra vez. Eu lembro do [nome]. Eu lembro do [nome]. Eu lembro do [nome] lá do... Do bar. Eu acho que ele está até viajando, né?”

Não está aqui, não. Eu vi que o carro dele está lá, mas ele está com o carro da mãe.

“Eu vou ver se eu falo com ele pela internet, porque eu queria muito entrevistar ele também, mas aí dessa vez não teve...”

Ah, você ainda vai hoje?

“Então, eu vou ficar aqui a semana toda, aqui no interior, só que eu tô lá em Batalha. Aí pra vir pra Ilha do Ferro eu vim por hoje mesmo. Eu tô fazendo esse projeto... a curto prazo é o TCC, só que depois eu quero transformar ele em mestrado. Se esse projeto virar mestrado eu vou ter mais tempo pra pesquisar.”

Cada tempo... vai ter mais tempo. Como o Jairo, o Jairo chegou aqui no trabalho de pesquisa dele, chegou... Vamos dizer que temos 20 anos, que Jairo chegou aqui na Ilha do Ferro. Ele começou seu trabalho de pesquisa... e o TCC foi em 2019, foi ali.

“Aquele que estava lá é de 2019.”

É de 2019. Só o trabalho de pesquisa.

“Ali era de doutorado também, eu acho.”

É.

“Oxe. Mas aí demora mais. Doutorado acho que são 4 anos e mestrado são 2. Como TCC eu vou ter poucos meses para fazer, eu estou correndo. Só que aí conversei com a professora para a gente fazer o mesmo tema no mestrado. Porque aí eu ia poder vir aqui mais vezes para fazer a pesquisa com mais tempo. Vou ter 2 anos para pesquisar, não é... Só para isso. Agora é pagando matéria, estágio, o

TCC ao mesmo tempo é de uma bagaceira... cabeça... muita coisa para dar conta, meu Deus do céu”

Vixe, [um dos filhos] já passou por essa! “Mamãe, tem horas que eu penso em desistir, que eu já não aguento!!!”

“Ele(a) fez onde?”

Fez em [lugar e curso].

“Eu faço Design, essas pesquisas que eu tô fazendo...”

Aí você mora lá?

“Tô morando. Eu sou doida pra voltar pra Batalha, mas a gente foi pra lá pra... minha mãe foi com a gente pra gente poder estudar. Tem eu e minha irmã... depois que nosso pai morreu. Aí querendo ou não, no sertão acho que uma das maiores limitações é a questão da educação. Tem o campus sertão agora, que acho que melhorou muito em comparação com o que era antes, que o povo tinha que... ficar indo pra Maceió pra poder fazer na Federal.”

É...

“Só que eu sinto falta da mesma coisa que a senhora falou, porque... cidade grande não dá pra mim, não.”

Às vezes eu vou em Maceió, raramente na vida. Minha prima, graças a Deus foi uma bênção, minha prima chamou ele(a) pra morar lá com ela e... um incentivo dos maiores, porque tinha força de vontade de fazer. Passou mais ou menos uns cinco anos aqui sem fazer a faculdade, uns cinco anos perdido(a), porque a gente não tinha condições de ir pra um lugar e alugar uma casa, comprar tudo e manter e pagar a faculdade [mais informações sobre a moradia de um dos filhos com a prima e a graduação].

“Ensino médio da minha irmã, ela tava pegando uma hora de carro pra Arapiraca na ida, uma hora de carro na volta, pra poder estudar.”

Isso é cansativo. Ah, muito difícil. Eu já alcancei... eu só fiz até a oitava série, não fiz mais, porque naquela época os transportes, a lancha pra ir pra Pão de Açúcar, a gente saía daqui seis de amanhã.

“Não tinha a estrada pra Pão de Açúcar na terra, não, ainda?”

Tinha a estrada, tinha a estrada, mas não tinha carro. Naquela época o Estado, o município não colocava carro pras pessoas estudar. Na cidade tudo bem, mas pra vir para os interiores, como tem hoje, que vai buscar você em qualquer buraquinho. Não mudou a educação? Mudou para melhor. Aí a gente ia, a prefeitura pagava lancha e a gente ia. Saía, daqui seis de amanhã chegava em uma e pouca, duas horas. Isso quando tinha o dinheiro para lanche, lanchava, quando não tinha vinha com fome. Tomava o cafezinho nas carreira de manhã. Outras vezes acordava com a chuva, tão bom no inverno que não dava tempo nem de tomar.

“Oxe, e tava um frio hoje de manhã! A gente até atrasou pra chegar por causa do frio que tava lá.”

De ontem pra cá, o clima mudou já.

“Oxe, e devia estar bem uns 22 graus, acho, hoje de manhã.”

Chegou mesmo o inverno, viu? Ontem eu senti mesmo o frio. Aí pronto, quando foi depois, comecei a namorar, aí tá, quando foi depois... Era um namorico de namorar hoje, daí passando um tempinho, daqui a pouco é acabado, foi depois que eu comecei a namorar com esse rapaz estudando. Quando eu terminei, depois noivou, depois casou e tudo.

“Até a oitava série isso?”

É. Aí como eu era casada, [informações sobre família]. Tinha onde ficar em Pão de Açúcar, mas não tinha como. Eu achei na minha cabeça... hoje não, que o que se tivesse na época era para você estudar, fazer o primeiro ano, você ia e voltava, no meu período você tava aqui, né? Aí eu parei. Foi até oitavo e pronto. Mas ralei muito nesse rio de São Francisco. Você ia às vezes com dor de cabeça, com fome e aquele cansativo. Hoje você pega o celular, você abre tudo que você tiver de trabalho, você resolve nesse bichinho aí. E antigamente não. Antigamente, pessoas de interior tinham muita dificuldade para fazer um trabalho. Cadê que aqui não tem uma biblioteca? A gente tinha que ficar em Pão de Açúcar, dormir, sair da escola, ou não sabia, fazer um trabalho de pesquisa, dormir e no outro dia ir para a escola. Aí para mim não deu. Porque eu acho assim, que é uma responsabilidade que você tem que cumprir. Aí eu parei, eu falei “não”, mas [um dos filhos]... fiz tudo pra ele(a) fazer, fez, né? Ele(a) vai ver o que é que vai fazer aí.

“O alcance, então, assim, essas necessidades básicas, elas deram uma melhoria, então, uns anos pra cá, aqui na Ilha do Ferro?”

Foi.

“A senhora percebe essa mesma melhoria em cidades próximas daqui, tipo, Bom Sucesso, por exemplo? Ou acha que, assim, essa melhoria foi um incentivo da prefeitura, talvez por causa dos turistas?”

Não, eu acho que essa melhoria que tem não só na Ilha do Ferro, como da parte da escola, porque eu acho que isso é o que? Federal, né?

“Eu falo de tudo, eu falo do cuidado com a arquitetura, a saúde, a educação. Você percebe que tem mais investimento aqui na Ilha do Ferro ou que todas as outras cidades estão tendo uma melhoria na qualidade de vida da população igual?”

Eu acho um pouquinho diferenciado a ilha por causa dos turistas.

“Então você acha que seria uma tentativa dos políticos de se aparecer pro turista? De parecer que está tendo uma gestão melhor do que...”

Às vezes até parece, às vezes até parece. Eu sou sincera, porque eu vejo assim. A gente tem um lugar. Aí não aparece turista, vamos dizer. No mês de julho vai ser pra galera de férias, né? Sempre vem mais. Não dizendo que os outros meses não vem, porque eu não paro aqui. Você olha a data, que olha as datas aí que praticamente tá sendo em geral. Aí você vem, aí você diz, ah vamos dizer “ahh, vem o governador pra Ilha do Ferro”. Aí daqui a pouco vpppp vppppp vppppp...”

“Oxe, Paulo Dantas veio pra cá, foi?”

Veio, veio pra cá! Aí deram uma limpeza melhor, veio caçamba, tirou lixo. Mas seria melhor cuidar melhor dos moradores. Não dos moradores, cada um particularmente na sua casa, mas da comunidade, no caso, né?

“Então você acha que deveria ter, nesse caso, um cuidado maior, um empenho maior em relação aos moradores e não necessariamente a parte do turismo?”

Não só a parte do turismo, porque também somos filhos de Deus. E então não devemos cuidar melhor do turismo... o quanto... melhor do que a comunidade, né? Como agora a mesmo a estrada, péssima, péssima, péssima. O coração sai pro lado direito, sai pro lado esquerdo. Aí eu pensei “não deveria ser melhorzinha?”

“Não sei, o que a senhora acha (risos)? Porque [nome] tava me dizendo que estavam pensando em fazer uma melhoria na estrada, mas não quiseram.”

Aí sabe o que é? Um projeto que tem de asfalto, tá entendendo? Mas esse projeto para mim eu não queria não.

“É aqui dentro, no caso?”

Não.

“Ou é para outra pista?”

Daqui de Pão de Açúcar a Piranhas. Aí no caso eu acho que como aqui é um povoado maior, um povoado bem procurado, claro que eu acho que eles deveriam... entrar porque a pista ia passar ali, no caso, no assentamento. Onde tem aquela plaquinha “Ilha do Ferro”, né? A pista ia passar mais ou menos ali. Seria muita falta de ética se passasse a pista ali e não entrasse uma pista até a ilha. Eu acho que era uma desconsideração muito grande com a gente. Né? E eu não gosto não, não queria não.

“Não gosta?”

Não, pra pista? Não. Eu rezo para nunca acontecer essa pista. Porque é tranquilo, só eles cuidando da estrada de terra. Estrada de terra, se eles piçarrasse, se não qualquer um que estiver na prefeitura de não sei o que não, é a prefeitura, desde quando seja João, Maria, José, quem for, quem estiver lá para trabalhar por nós. Aí eu acho assim, que se quisesse gastar com a piçarra... pra colocar piçarra não tava...

“Eu não sei o que é isso, uma piçarra (risos)”

É uma terra bem resistente.

“Ah, é mudar a terra?”

Ela não é uma terra que faz lama, a única coisa que teria na piçarra seria costela de vaca como a gente chama. Não sei se lá em Batalha chamam assim em estrada de barro.

“Não me lembro de já ter ouvido não, talvez... talvez seja, mas é porque assim lá em Batalha desde que eu era criança já tinha pista lá. Já é tudo de pista. Lá dentro é tudo praticamente paralelepípedo, que nem aqui. Só que fora dava pista pra Batalha. Não tinha estrada de terra pra ir pra Batalha. O pessoal que tem fazenda lá nas imediações de Batalha, aí pega. Aí pra que era da família do meu pai, aí pegava...”

A costela de vaca é tipo umas ondinhas assim, sabe? Sim, mais altinha. Mas só faz aquele coisa assim. Mas isso é normal do trânsito. Como tem muito movimento de ônibus, de escolas, de carro pipa.

“Você acha que o certo seria melhorar a estrada de barro e não tacar um asfalto lá?”

Não, para mim a tranquilidade da gente acaba futuramente fazendo uma estrada quando você coloca uma pista. Pra mim é muito bom, sabe? É ótimo, porque não vai empatar você sair daqui a hora nenhuma. Mas a tranquilidade pra mim é um dos principais. Que acaba aumentando a quantidade de... Aumenta. Aumenta porque um bandido faz uma história em Pão de Açúcar, aí corre pra fora. Pão de Açúcar só tem aquela saída. Aí corre por ali, uma pista daqui, desagua por aqui, vem se esconder aqui perto de nós. E com a estrada de barro, num instante o cara vai pegar ele. É mais fácil. Eu acho que só é manter ela melhor. Se a prefeitura está de parceria com eles lá... se quiserem tem como melhorar.

“O que a senhora mudaria? Eu estou tomando muito tempo da senhora, mas o que a senhora mudaria na Ilha do Ferro hoje? Podia voltar alguma coisa como era antes, podia mudar alguma coisa do zero, qualquer coisa que estivesse na mão da senhora, a senhora pode decidir o que a senhora queria que fosse diferente agora?”

Eu colocaria mais assistência na saúde e dava uma geral mais na limpeza na ilha. Tratamento de esgoto, tratamento de água, porque tudo faz parte da saúde também. Porque a gente aqui não tem uma água tratada, a gente tem uma água clorada.

“E a prefeitura não se empenha em melhorar?”

Hoje não é mais prefeitura, já é privada a água.

“O que é que eles têm melhorado aqui no geral, nos últimos anos? O que a senhora percebeu que deu uma melhorada? Foi mais na parte de arquitetura, foi mais na parte de praça, esse tipo de coisa? Ou o que?”

A praça há muitos anos atrás que contém as mesmas praças, né? Precisa uma melhorar, como a de lá de baixo que o rio quando veio, rebentou, né? E aí depois

não construiu mais, que diz que vão fazer até um... Como é o que tã fazendo em Pão de Açúcar? Na frente das paisagens do rio?

“Contenção?”

Não. Estou esquecida agora não, não...

“Mas a senhora melhoraria, como a senhora disse, as questões de saúde e de saneamento da cidade da água, também... eu não sabia que aqui não tinha água boa”

Não, que a água... segundo eles, as pesquisas, como é clorada não é coisa, a água está sendo muito boa. Mas sabem que não é tratamento, é um cloro. Mas sempre vem fazer pesquisa, eles pegam assim. Não é todos os meses, mas quando tem aquela época, aquele não sei se é três meses, é mais ou menos, nem sei qual é. Outro dia a gente tava aqui com turista, eles chegaram. Eu tô na porta, fui até dentro, quando chegaram, só uns pessoal tava, vêm fazer fiscalização e tal. Aí vai, pergunta se tem alguma torneira da caixa, alguma torneira direta e tal. E eles vão lá e colhem e fazem a pesquisa e anotam. “Está boa”, mas não boa como era que tinha que dar, porque era clorada... não clorada, era tratada.

“E em relação aos turistas que vêm pra cá, que às vezes tem um comportamento meio inadequado, como a senhora falou... O que a senhora queria que essas pessoas soubessem sobre a Ilha do Ferro? A senhora queria que elas viessem pra cá sabendo o quê? Sobre a Ilha do Ferro, que elas viessem pra cá, com que tipo de visão da ilha?”

Eu queria que elas soubessem e respeitassem a visão como a Ilha do Ferro, é como a gente gosta de se divertir, como a gente gosta de criar os bichos que elas respeitassem. Não, que não vou dizer que você vai gostar do que eu gosto. Claro que cada um gosta do que quer, mas só que em torno do que você vem só visitar, que respeitasse, que não reclamasse. Que você reclamasse até para o seu colega do lado, mas para o seu vizinho você ficava calada. Eu digo a você, não lembro quantos anos tá... que eu mais uma colega, a gente sempre está no movimento da igreja, a gente toma conta das chaves.

“A senhora é católica?”

Sou católica. A gente [informação sobre rotina na igreja], e então as pessoas acham que por isso você tem direito de fazer de um tudo. E nós não somos mágicas para tomar conta de uma festa de padroeiro, tudo. Isso... não somos nós duas, somos nós da comunidade. Aí a gente fez uns banners, escuta bem, a gente fez uns banners pra colocar da igreja até lá no final do poste, no final do calçamento. Os banners de Santo Antônio, em cada poste tinha um banner de Santo Antônio. Aí nisso eu me acordei, não participo de festa de rua, só focada na minha casa, na igreja, que é muita correria, e pra você ir pra festa de rua, no outro dia você não tem nem noção.

“Você não gosta muito?”

Não, eu gosto. Mas se eu vou pra uma festa tenho que ter um descanso, se eu não tiver minha cabeça ali...

“Então não fica até tarde, não vira a noite na festa.”

Eu quero ficar, mas não consigo, assim, às vezes eu... até um réveillon eu fico. Eu amanheço esse dia, mas pra mim ficar numa festa até de manhã. E quando for de manhã, eu estar naquele pique pra cumprir a minha responsabilidade. O tempo todo eu não aguento.

“(risos) Sabe o que eu fazia no réveillon? Eu ia dormir normal de noite, mas botava o despertador pra 23:30h.”

E era?

“Sim, aí eu eu acordava e aí sim ia pra casa da minha bisavó, que tinha lá a virada.”

Eu sou mais sair logo cedo e pegar o pique todo.

“Não, eu digo assim especificamente o ano novo porque senão não ficava acordada até de madrugada, né. Agora também não demorava, nunca vi o sol nascer no ano novo.”

E foi?

“É, 3 horas da manhã eu já tava de volta em casa, ficava uns 3 horas fora e já voltava pra dormir”

Ah, não, eu sou de ver o sol raiar! Esse ano mesmo eu vim embora mais uns 8 horas de manhã

“Eu queria conseguir, acho tão legal quem faz.”

Agora sim, hoje eu tenho a responsabilidade. Solteira... quando eu chegava, eu ia tomar um banho, deitava, nem comia, nem me lembrava de nada, só dormia.

“Casou com quantos anos a senhora?”

Com 22, 21. Era pra ter casado com 25, pra aproveitar.

“Mainha casou com 23.”

O meu foi com 22. Ou 21. Não tinha 22 ainda não. E eu casei com 21. Mas era pra ter 25 pra aproveitar mais 4 anos de solteira que é muito bom. A responsabilidade minha é diferente. Eu ia para festa. Quando eu chegasse, tomava um banho. Nem comia. Tomava um banho e dormia. Pronto. Uma vez eu perdi. Uma festa que teve. Que a gente tem a festa a noite, no sábado. Tem algum alguma coisa na sexta, no sábado. Aí eu fui dormir bem, 10 horas. Eu disse “mãe eu vou dormir quando for mais tarde... na hora do dormir mais tarde eu vou”. Então me acordei, perdi até a processão. Mãe não me chama, “eu vou muito chamar, quem tá dormindo tá

descansando” (risos). Quando eu me acordei, já tinha passado a processão. E ela “farreia a noite toda, eu vou muito...” (risos).

“(risos) Você trabalhou com bordado ou antes trabalhava com outra coisa?”

Não, só bordado. Só bordado. Minha vida foi... Minha vida foi... só o bordado. E eu gosto que é tipo uma terapia. Eu faço minha correria da casa, porque sou toda estressada.

“Tinha muito cliente antes ou... Assim, dava pra se manter com o bordado no começo ou era mais difícil?”

Era mais difícil, sabe? Era mais difícil, mas era assim. As pessoas iam tendo os filhos e os filhos iam ajudando. Os filhos iam devagar... comprando uma calcinha, daqui a pouco compraram blusinha. E hoje com muitas coisas está melhor e para as outras... porque os jovens hoje só querem tudo... a maioria. Não se preocupa que mainha está muito apertada, que mainha está com isso para arrumar. Muitos não se preocupam não. E muitos hoje não querem nem estudo no mundo de hoje.

“Então não quer estudar, mas também não quer fazer o...”

Não quer fazer a bordado. Na educação, eu digo uma coisa a você, que eu acho uma coisa muito errada. É você não se interessar, você não estudar, e quando chegar no final do ano, você ter a nota e passa.

E4 - Artesão 2

Artesão em atividade a partir da década de 10, meia idade. Aparentemente constrangido com a entrevista, filtro considerável.

“O senhor é daqui da Ilha do Ferro mesmo ou é de outro canto?”

Quando eu cheguei aqui eu [era criança]. Eu morava em um lugarzinho vizinho, mas já vinha para a escola aqui.

“Qual era o nome da cidade?”

Povadozinho, [nome do povoado], um sitiozinho, né?

“E a sua família é...”

É tudo daqui... É, é, é, praticamente meu pai era daqui. Meu pai não morava aqui, mas foi embora pra lá... de onde ele morava pra aqui. Mas é tudo daqui. São todos sertanejos, né?

“Tem mais ou menos quanto tempo que o senhor trabalha com arte?”

10... 12 anos.

“É mais recente então, né?”

É, eu me considero aí um... caçula, vamos dizer! (risos) Quanto mais você vai trabalhando, mais você vai pegando experiência e você nunca aprende tudo.

“Mas 10 anos também, bastante tempo já, né? Essa coisa de turista aqui... o senhor lembra mais ou menos quanto tempo tem que tá vindo turista pra cá? Que... a gente era, eu falei que era de Batalha, minha família. Minha mãe levou a gente pra Maceió, minha irmã e eu, pra poder estudar. Que interior o senhor sabe como é complicada essa questão de estudo. Só que aí... Eu lembro que eu fui comentar com a minha irmã que eu vim aqui na Ilha do Ferro e ela ficou muito surpresa porque quando a gente morava lá, a gente não ouvia falar da Ilha do Ferro, de artesanato etc. Então não tinha essa fama toda que tem hoje, né? O senhor lembra mais ou menos quando isso começou e como foi?”

Eu tenho 12 anos de artesão, vamos dizer assim. Foi ficar aqui muito turístico, acho que uns 5 anos pra cá (2018-), eu acho. Foi mudando as coisas, mudando. Porque quando eu comecei no início, praticamente, vendia poucas peças, porque não tinha conhecimento.

“E o senhor vendia onde essas peças?”

Quando eu comecei a vender, vendia por aqui. Às vezes o pessoal passando... porque eu acho que artesanato é o seguinte: eu acho que você tem que ter conhecimento também. É muito importante o conhecimento. Aí, através de uma pessoa vai andando, vai passando para o outro amigo e assim você vai pegando conhecimento. Que nem eu fiquei conhecido aí... com nós todos daqui da Ilha do Ferro. Mas eu creio que nos 4 anos para cá (2019-), as coisas evoluiu mais. Tá melhor. Cada vez mais, vai ficando bom. Quanto mais turistas que andam aqui com nós, é melhor, né?

“É?”

É! Nós vende mais! O lugar fica mais reconhecido!

“O senhor trabalhava com o quê antes de virar artesão?”

Corte de cana.

“Me falaram que uma parte do pessoal era pedreiro, né? Ou fazia pescaria...”

Eu sou nascido e criado na beira do rio, agora não sou pescador. Nunca pesquei. Nunca pesquei, assim, profissionalmente, né? Viver da pesca, nunca pesquei. Era na agricultura, depois eu fiquei de maior, [informação sobre trabalho e prejuízo à saúde], lá é muito forçado, né? Não aguentei e vim embora. Através de não ter o que fazer, por uma invenção, comecei a trabalhar em artesanato, aqui, né? Reinando mais meu pai, meu irmão.

“Seu pai também é artesão então?”

Meu pai é artesão, mas meu pai e meu irmão, já são mais recente na arte de artesão.

“O senhor começou um pouco antes, então?”

2011, a primeira peça que eu fiz... em 2011. Mas também fui uma pessoa criada com a maior arteção da Ilha do Ferro, que foi o seu Fernando. Conhece?

“Conheço seu Fernando.”

O seu Fernando, [informação de localização], a gente só via mais ele lá. Onde ele trabalhava, brincando, porque ele era uma pessoa cheia de brincadeira. E andei muito também tirando madeira, tirando madeira dos matos. Só que na época eu era um garotão de... 13, 14 anos, 15, mais ou menos por aí. Mas nunca pensava nem em fazer artesanato. Naquela época também não tinha o conhecimento que tem hoje, o valor que tem hoje.

“Mas o que foi que fez o senhor se interessar pelo artesanato? Foi só a questão financeira ou teve mais coisa?”

O que fez eu me interessar pelo artesanato é que... não é isso, é o que falei. Eu comecei a reinar no artesanato sem intenção de vender, só porque eu não tinha o que fazer. A primeira pessoa que vendi uma peça aqui foi [curador(a)] e depois a segunda pessoa foi [lojista]. E daí pra cá as coisas aqui foi mais valorizada. E depois que eu comecei a vender uma peça... você vai gostando né? Você não tem a intenção de vender, por exemplo, de trabalhar pra vender. Fui vendendo, o pessoal que vai comprando já indica a outro colega, um amigo dele. Vem conhecer meu trabalho. E aí eu fui pegando gosto do trabalho e graças a Deus nós tá hoje bem reconhecido Brasil afora, né? A gente não tem que reclamar, não é bom?

“O senhor lembra da Ilha antes dessa quantidade de turistas vindo pra cá? Porque eu tava conversando com o resto do pessoal, assim... que é uma coisa que me chamou atenção aqui, a maior parte do pessoal tem um ateliê até em casa, né? Então, em geral, considerando que o turista é uma pessoa desconhecida, tem sempre gente de fora, assim, transitando dentro de casa mesmo. Como é que é a privacidade para vocês? O senhor não me conhece, eu estou sentada, assim, não necessariamente dentro, mas eu estou na sua casa!”

É, realmente, por exemplo... Isso que você falou aí... De repente você bota gente da sua casa e não sabe quem é. Por exemplo, esse final de semana mesmo chegou uma turma de gente aqui... Chegou, reparou aí, vinha de viagem, e aí pediu para ir no banheiro... Tudo bem, você não vai negar. Foi ao banheiro, e assim... é um lugar que não tem banheiro público, eu acho que devia ter um lugar, um lugar, uma rua, um banheiro público. Acho que era muito importante... essas pessoas que vêm de fora. Você não vai acolher uma pessoa dentro de casa, geralmente...botar uma pessoa na sua casa, vai morar, que você não sabe quem é... Eu penso também assim, né? Nesse caso aí... Geralmente chegam umas pessoas aí que querem alugar um quarto. Eu não tenho quarto de lugar, nem... nem... não tenho. Mesmo se tivesse, também não sei se é legal você botar uma pessoa na sua casa. Vem ficar com você, não sei. Aí acho que não dá certo também.

“E os turistas que vem pra ficar alguns dias, como eles se adaptam à rotina de vocês?”

Tem uns que quer conhecer o dia a dia, assim, de nós aqui. Geralmente eles lá é outra cultura, a gente aqui levanta bem cedinho. Eles lá também, não sei se é costume, aqui é tudo porta aberta. Aqui, logo cedinho eu já tô acordado aqui, entendeu? E vê aqui... como é que nós trabalha. Muitas pessoas que chegam aqui trabalham comigo... Você mesmo veio um dia! Chegou aqui, trabalhou também. Se você estiver pintando uma peça aqui, se o turista chegar, quiser pintar tem... tem a oportunidade de curtir um pouco como é. E assim é o trabalho, meio do dia a dia aqui. Todo mundo que quiser chegar por aqui, quiser trabalhar, quiser botar a mão na massa pra sentir como é o trabalho, vai de pé.

“Na opinião do senhor, então, a Ilha era muito diferente antes de ter esse aumento?”

A ilha era diferente. Antigamente, a Ilha do Ferro era muito desvalorizada, principalmente terreno, artesanato. Eu lembro que, acho que lá há 10 anos atrás, um terreno aqui era o quê? 500 reais, eu acho. E hoje não tem. Você nunca vai ter, entendeu? E tudo por causa do artesanato, né? A fronteira do artesanato aqui, e muitas pessoas...

“O senhor acha que isso só está trazendo benefício para a população ou acha que também tem desvantagem? Tem alguma coisa que o senhor preferiu de jeito como era antes do que agora?”

Eu não, pra mim, eu vou falar pra você, pra mim mesmo, pra mim tá melhor assim. Por que? Se não fosse esse turismo aí, o artesanato que chama o pessoal pra vir conhecer a gente aqui... eu não tava aqui, eu tava [trabalho que causou prejuízos à saúde], no trabalho por aí! Eu tinha seguido outros caminhos, que nem meus colegas, que eles foram... tem aqueles que pararam de cortar cana, mas foram pra São Paulo, colheita de laranja, de soja. Do que era antigamente pra hoje o turista é muito importante, e para mim está muito bom. Cada um tem o seu estilo, o seu espaço, tem espaço pra todo mundo. E ainda... tudo certo.

“E quanto às pessoas que vêm de fora, o que o senhor acha, pra se instalar na ilha? Comentaram um pouco comigo sobre a questão da venda dos terrenos... Que tem muita gente de fora que tá comprando terrenos aqui. E as vezes o pessoal de dentro não... As vezes não tem como comprar pelo mesmo valor que pessoas de São Paulo ou...”

A minha opinião é essa, eu acho que do jeito que tá indo...

“Pode dar a opinião que o senhor sentir vontade de dar. Eu realmente quero saber sua opinião do assunto!”

A minha opinião é que hoje, na Ilha... essa geração... de 10 anos por aí, chegar o tempo de casar, por exemplo... eu acho que não vai ter como fazer casa na Ilha do Ferro. Acho que o filho natural da Ilha do Ferro não vai poder comprar. Quem tem pra vender é bom, agora quem quer comprar e não pode comprar, fica difícil! Nessa

parte aí, porque o pessoal que tá vindo, tá comprando. Não tem nada errado, tá tudo certo. Você comprou, tá certo. Mas nessa área, nessa parte eu acho que vai ficar difícil pra essa geração nova fazer uma casa, construir. Eu acho que vai ficar difícil.

“O que o senhor acha que podia ser feito em relação a isso, deixar como está, ou podia tentar mudar de alguma forma?”

Rapaz, isso é uma pergunta muito difícil.

“O senhor não tem nenhuma opinião sobre isso?”

É difícil, sabe por quê? Porque você... Por exemplo, você tem um terreno. Se você tem pra vender... eu quero vender. Se você chegar de fora e comprar, não tem nada de errado. Você está comprando, é seu. Agora, se eu tenho para vender e tem aquele que não pode comprar, fica difícil. Eu não sei nem responder essa pergunta. Ela é difícil. Agora, quem tem para vender, também não vai deixar de vender, vamos dizer assim. Que é dinheiro.

“E como é a rotina aqui? Tem alguma coisa que o senhor melhoraria?”

Aqui na Ilha do Ferro mesmo tem algumas coisas que... por exemplo... que nem eu falei, tem que ter banheiro público aqui, é muito visitado. Tem que ter banheiro público aqui, na minha opinião. Tinha que ter um tratamento de água bom, a água é só clorada na caixa.

“[Nome] reclamou também da água”

Na Ilha do Ferro tinha que ter uma ambulância disponível para a comunidade... de repente uma pessoa adoece, então...

“O sistema de saúde aqui não é muito bom?”

Assim... tem um médico, tudo, agora não ambulância, entendeu? Se adoece uma pessoa aqui, vai para o Pão de Açúcar. Aí uma pessoa vai pagar um carro sempre que... E aí a pessoa vem e não tem. Aí eu achava que tinha que ter ambulância aqui! Uns banheiros públicos e também a melhoria da água! É umas coisas que precisa melhorar. Pouco a pouco acho que o pessoal aí vai... Acho que vão melhorar. Minha opinião é essa.

E5 - Filho(a) de artesão

Jovem adulto(a) com graduação em capital, não exercendo a profissão para seguir no artesanato. Aparentemente confortável com a entrevista, pouco filtro.

“Entrevistei algumas pessoas, só que não tantas quanto eu queria porque muita gente foi pra feira hoje, né, que hoje é segunda-feira. A gente esqueceu!”

Você veio da outra vez também num dia de segunda-feira né?

“Foi, foi só que o negócio é o seguinte: duas vezes a gente esqueceu (risos), é que a feira lá de Batalha é dia de sábado, Jaramataia dia de domingo, aqui é dia de segunda, aí a gente não... não virou a chavinha!”

Pior dia é dia de segunda!

“Você nasceu aqui na Ilha do Ferro mesmo?”

Nasci em Pão de Açúcar, que faz parte da Ilha do Ferro.

“Não, mas eu quero dizer assim, não tô falando do parto, eu tô falando de morar mesmo. Tu mora aqui desde que tu era criança?”

Desde criança, é.

[Informação sobre família]

“Tu percebeu muito a diferença desse período antigamente da Ilha pra hoje em dia, que já tá mais ligada ao artesanato, que tem mais turistas, daquele tempo que ninguém conhecia Ilha do Ferro pra esse período agora, que tá topado de turistas aqui toda hora, o povo de São Paulo, o povo de...”

Você fala numa questão de melhora de vida?

“Não de tudo, é só que você percebe o que é diferente que aconteceu nesses últimos anos. A rotina de vocês, mudou muita coisa?”

Mudou, mas mudou pra melhor, né? Porque hoje... agora tem mais oportunidade, todo mundo trabalha. Todo mundo se dedicou a isso, que é uma coisa que dá lucro, né? Dá renda. Antes tinha só as mulheres que se dedicavam ao bordado e os homens era fazendo outra coisa né, trabalhavam na roça, pescavam e hoje em dia... como o rio está nessa situação também, o peixe diminuiu bastante... e ninguém hoje também quer mais estar trabalhando de roça, bem pouco, assim, a questão do dinheiro... Aí todo mundo partiu pra arte e melhorou bastante o lugar. Poderia estar melhor no sentido da infraestrutura né? Eu acho que eles deveriam investir mais aqui, mas também essa é uma questão de política mesmo, porque vamos dizer, o atual prefeito era o mesmo de 20 anos atrás. Então o cara que...

“A família dele não saiu do governo não ou chegou a alternar com outras pessoas?”

Não, ele alternou. Ele foi candidato, aí ganhou um que era vice dele, que era o Cacalo. Aí depois ele ficou contra o Cacalo e botou o primo, que é o Dr. Jasson. Aí depois ele pegou e depois o Dr. Jasson acabou o mandato, ele ganhou. Aí depois ele não concorreu porque ele sabia que ia perder. Aí depois... ele agora concorreu e ganhou de novo. Mas ele é quem manobra durante esses 20 anos.

“Então sempre era alguém da família dele...”

O Cacalo era compadre, o Jasson era primo, aí ele de novo e assim vai. Aí por isso que eu acho que deveria ter melhorado. Essa praça aí foi ele quem fez. Onde você desce ali, que tem esse cais aqui tem uma praça. A metade ele tentou fazer, não fez... você sabe como funciona no Brasil? Desviou o dinheiro e aí não concluiu. Agora ele vai fazer de novo a mesma praça que era pra ele ter feito há 20 anos atrás!

“O resto, no caso?”

Não, de novo, vai fazer de novo. E com certeza não vai terminar de novo. Aí por isso que não desenvolve o lugar, você vê as estradas como tá? Ruim! E o cara tem uma pousada aqui!

“Você acha que devia mudar as estradas também?”

Eu acho que a estrada em si deveria continuar assim. Ela deveria ser melhorada. Sempre está passando uma máquina, estar botando um...

“Me falaram que seria inadequado, por exemplo, colocar...”

Asfalto?

“O pessoal falou que era bem contra.”

É porque perde a característica daqui do lugar, se você colocar asfalto. Mas você, o fato de colocar o não asfalto, não quer dizer que você não tenha que manter a estrada boa, eu acho que ele deveria manter.

“[Nome] falou que acha que devia ser outro tipo de terra.”

É isso, deveria botar uma piçarra, que tem uma terra branca que a gente chama de piçarra, né? Ela agarra bem.

“Acho que foi isso mesmo que ela falou.”

Aí eu acho que ele deveria assim, manter isso aqui melhor assim já que a Ilha do Ferro está tão divulgada no Brasil e fora, e traz tanto turista. Melhoraria o acesso para eles né? E conseqüentemente melhorando aqui, trazendo renda pra aqui, vai trazer renda pra cidade também, porque aí o pessoal vai gastar lá o dinheiro na cidade e aí vai movimentar a economia, né? E ele tem uma pousada aqui e deveria também prezar por isso, mas...

“O prefeito no caso, qual é a pousada dele?”

Você vai caminhando direto, sair do calçamento, aí você vê uma de andar.

“O que mais você acha que dá pra melhorar em termos de infraestrutura?”

Hmm... Não, agora já estão melhorando ali atrás nas outras ruas estão calçando, terminaram a segunda onde é onde [Nome] mora... Mais ou menos 2010 começaram aquele calçamento, concluíram agora (risos), depois de já ter passado outra gestão! Aí ele agora tá fazendo a terceira, mas não é ele! Ele tá porque é o prefeito, mas isso é coisa do Governo, por causa da Ilha do Ferro.

“Dessa transição que passou então nesses últimos anos de quando a Ilha... de como ela era antes pra cá, que está tendo mais investimento no artesanato, que a cidade está sendo reconhecida até internacionalmente por causa disso. Você tem... Você sente falta de alguma coisa do jeito como era antes ou nada?”

A coisa que... Aqui... A questão de mudança é natural. Se eu pegar minha época, eu peguei todas as brincadeiras, ainda do meu tempo. Os meninos de hoje não pegam, não é questão de não querer... não é questão de não existir mais as brincadeiras. É porque a internet veio e tomou conta. Os meninos hoje... só tá tudo só no telefone. Não querem fazer mais nada. Só essa questão, né? Agora a questão de mudança assim mesmo em si, melhorou muito a situação de todo mundo. Quer dizer, você vai ali, por exemplo, naquele outro lugar ali, Bom Sucesso, as crianças daqui são, olha... muito mais bem nutridas, muito mais bem vestidas, quer dizer, porque aqui tem uma condição de vida melhor, né? Então acho que melhorou nesse sentido, mas aqui nunca foi um lugar que passou necessidade, ninguém nunca passou necessidade aqui. Aqui muito tempo atrás era roça, né? Aí depois foi feito aqui... produziu muito tamanco.

“A [Nome] comentou que tinha plantação de arroz aqui.”

Tinha a plantação de arroz, tinha o tamanco. [Informação familiar]. Aí depois disso veio o artesanato. Aí foi melhorando, também tem as políticas públicas, que vai melhorando a situação, né? E aí foi melhorando. Aqui o pessoal sempre foi assim bem... O pessoal até fala fora daqui, você vai ali em Pão de Açúcar, o pessoal diz “o pessoal da Ilha do Ferro é tão inteligente, né?”. Porque tudo... a gente sempre se virou de alguma forma pra se dar bem aqui, ninguém nunca passou necessidade, não. Ninguém nunca saiu pedindo aqui em outro lugar tipo esmolos, essas coisas. O pessoal que vem de fora pra aqui, sempre foi assim, que ninguém nunca passou necessidade

“Então você acha que na sua opinião, essas mudanças que aconteceram, até em relação a esse fluxo maior de turista e tudo mais, não trouxe nenhum prejuízo, foram só pontos positivos?”

Até agora não trouxe nenhum prejuízo não. A única coisa que eu tenho um pouco de receio é, assim, a invasão de algumas pessoas que querem vir para aqui, não por gostar da arte ou por querer um bem para o lugar, mas para fazer pousada e tirar um proveito daqui. Tem muita gente que tem casa aqui e que aluga e até os mais caros aluguéis, mas eles nem vêm aqui. Os Gêmeos mesmo, aqueles grafiteiros de São Paulo, botaram 700 mil numa casa ali, mas os caras não vendendo não. Eles querem por um milhão.

“Eu não conheço os grafiteiros, eu ouvi falar nessas duas pessoas, mas eu não...”

Gustavo e Otávio estiveram aqui em janeiro, passaram dez dias.

“Eles não moram aqui no caso?”

Não, eles são de São Paulo.

“E eles vieram pra cá fazer... Eu vi que tinha... no museu tinha até uma revista, eu acho, sobre eles. Eles... Não, eles... Contribuíram alguma coisa com a Ilha ou eles só têm contato mesmo?”

Eles vieram só, não falaram nem pra ninguém que eram eles, né...que eles são bem famosos. Eles vieram aqui pra conhecer a arte, aí gostaram aqui do lugar e queriam comprar uma casa aqui. Uma casa ou terreno, qualquer coisa. [Informação familiar] pra eles, que vão abrir um museu... só foi isso, mas eu tenho esse receio.

“De que a terra acabe saindo da mão do povo daqui?”

Na verdade já saiu, aqui tem muita pouca terra na mão das pessoas daqui. A gente ainda é quem tem alguns lotes aqui, porque a gente já comprou depois, mas todo mundo aqui se desfez, assim, porque o pessoal não tinha costume de pegar em dinheiro! Aí começaram a pegar um pouco agora no artesanato, não todo mundo, né, um dinheirinho só de sobreviver, muitos aí. Aí era um terreno 10 mil. O cara vem agora, bota 100, 200... a pessoa não aguenta e vende! Aí os caras vêm aqui, compram, mandam alguém daqui construir, constrói, aluga e nem vem mais aqui! Só tá tirando proveito do lugar, não tá trazendo nenhum benefício, tirando oportunidade! Eu digo sempre “acho que vocês deveriam manter os terrenos de vocês”, “mas não posso construir”, “calma, você vai construir devagar, constrói hoje, um pouquinho, amanhã... vai melhorando, daqui a pouco você tá montado seu negócio!” Mas nem todo mundo tem essa visão também. Eles estão fazendo isso, né? Aqui estão invadindo nesse sentido. Agora ontem mesmo [lojista] tava falando que aquele Maurício Vasconcelos que é dono daquele Hotel Ponta Verde vai construir aqui. Que é que um cara daquele, que é dono de quase todo de Milagres vai construir aqui?! Só para tirar proveito daqui e mais nada! Se eles trouxessem algum benefício para aqui, ok, tá tudo certo, mas não trazem! Tem gente que passa um ano aqui, seis meses fazendo projeto, mas ninguém aqui vê um benefício em nada nesses projetos! É um benefício que eu acho que é só pra eles mesmos!

“Que tipo de projeto que eles...”

Eu não sei! Porque eles dizem que tá... “vocês tão fazendo o quê aí?”... “a gente tá fazendo um projeto aí”, aí passam seis meses, um ano, vão embora e a gente não sabe que projeto é esse! É um projeto só que eu acho que... deve ter uma verba pra eles... Deveria fazer ao menos, plantar uma árvore, alguma coisa, eu acho, mas o cara não faz nada.

“Você vê uma diferença, assim, em termos de investimento da prefeitura, eu digo?”

Em relação a antes e agora?

“Não necessariamente antes e agora, mas em relação a Ilha do Ferro e as outras cidades, as imediações, os outros povoados. Porque você acha que de repente por ter essa geração de renda por meio do artesanato que outras cidades, outros povoados da vizinhança não tem, você acha que pode acontecer da Ilha do Ferro acabar tendo uma atenção especial ou coisas do gênero da parte dos políticos?”

Até hoje, até hoje, não teve isso não. Até hoje, até o dia de hoje, né? Não teve nenhum destaque diferente dos demais, porque eu vejo obras nos outros municípios que ficam postando, todo município tem uma obra, aqui não tem nenhuma. Aqui, eu

falei, esses calçamentos só saíram, não foi por conta da prefeitura, foi por conta do Governo. E não desse Governo, mas de Renan, porque tinha um aquele Minha Cidade Linda, e aí ele montou um projeto assim, aí ele disse que ia fazer aqui ano passado. E aí ele saiu do Governo, mas eles estão fazendo, né, mas questão de ir do município assim, beneficiar a Ilha, diferente dos outros, não, isso não acontece não, né. Não é a toa que eu falei da estrada, deveria pelo menos tar passando uma máquina, uma coisa para dar uma melhorada e nada.

“Essas placas, por exemplo, que tem na porta da casa das pessoas, eu tenho com a certeza que é do Governo, mas eu posso estar enganada...”

É do Governo. Do Alagoas feito à mão, projeto também do governo. Eles têm um espaço parecendo um... no Parque Shopping lá em Maceió.

“Você acha que eles prestam, nesse caso, algum tipo de apoio pra divulgação da terra de vocês?”

Não, eu acho que é válido, eu acho que é válido, assim, porque tem pessoas daqui que colocam peças lá nos estandes, eu acho que vale a pena, sabe? [Informação familiar]. Quem não tem tanto, que, assim, precisa vender alguma coisa é bom. Tem questão de cópia também, tem muito mesmo... até uma menina estava aqui ontem e disse “eu não aguento mais ver tanta coisa repetida aqui dentro da ilha”

“Mesmo?”

Sim. Porque tipo o Aberaldo ali, ele tem a característica dele que é fazer uns bonequinhos, é um corpo com a cabecinha. E o irmão dele que fazia a carranca, ele não faz nada, só faz um bonequinho com a cabecinha.

“O Aberaldo, onde é o ateliê dele?”

Na segunda rua.

“Como é a fachada? Você sabe me dizer?”

É roxa. A casa é roxa, você toca na campanha e pode entrar.

“E essa dinâmica nova que tem aqui, depois que começou esse fluxo turístico... porque assim, por exemplo, o ateliê nos fundos. Vocês não estranharam em nenhum momento, assim... O fato de toda hora até estranho entrando na sua casa. Isso não mata um pouco a privacidade, não traz nenhum tipo de incômodo pra vocês, não?”

Traz um pouco, traz.

“Falo por mim, até, porque eu ia odiar falando diretamente.”

Se eu disser que não traz, eu tô mentindo. Traz. Mas assim, mais... Mas traz naquela hora, tipo assim, em hora de almoço, de jantar, essas coisas assim, sabe? Eu só acho chato assim, o pessoal chega mesmo, parece que as horas que eles marcam mesmo de chegar, aí é chato! Mas de resto a gente gosta, eu mesmo gosto de receber.

“Você gosta de ficar conhecendo gente nova?”

Gosto e lembro! Eu lembrei da menina que chegou aqui de Recife, ela veio em 2021. Ela “nem lembra de mim mais não”, eu “lembro sim”, e aí fui falando.

“Era pesquisadora ou veio pra turistar?”

Não, é só turistar mesmo, ela gosta daqui ela vem e traz sempre uma turma com ela.

“O que é que é a Ilha do Ferro pra você hoje em dia? Se você fosse descrever pra alguém o que você ia falar?”

Hoje em dia eu acho que... eu acho que aqui tem tudo pra dar certo, sabe? Eu acho que o futuro pode estar aqui. Eu não tenho certeza ainda, mas eu acho que o futuro pode estar aqui!

“Como?”

Porque aqui tá desenvolvendo em todos os sentidos. Se aqui continuar do jeito que vai... economicamente, as coisas estão melhorando, as pessoas estão melhorando, a questão da casa mesmo... dar uma arrumada... eu acho que tudo aqui está melhorando.

“Você acha que o artesanato aqui vai além de suprir necessidades básicas, além de atender uma demanda em termos comerciais, que ele é mais do que isso ou que ele só atende necessidades financeiras mesmo? Você vê todo aquele sentimentalismo que o pessoal fala no artesanato ou isso é mais coisa turista mesmo?”

Depende do ponto de vista, né? Tem gente que vem e realmente eles acham que isso aqui é... não tem nada, assim, de... aqui está perfeito, né? E não é bem assim, não é isso, não. Mas eles veem mais... mas, assim, mas quem vem para aqui tem uma bagagem boa cultural, e eles gostam mesmo da arte... e eles gostam muito tanto da arte que a gente tinha o costume de ver fora do país... porque agora o que... arte popular ela é nova no Brasil. Então está ganhando força, né? E as pessoas estão começando a entender o que realmente é a arte, que tem diferença, né, da arte para o artesanato? E tem gente que... tem gente que conhece, assim, entende da arte... é 40% das pessoas. 60% não, eles gostam só. Mas eles não entendem o que é arte, porque a arte é uma coisa que você tem que criar, já um artesanato é uma coisa que praticamente já está pronto. Por exemplo, uma coisa bem básica, assim, você pega uma cabaça e você pinta aquela cabaça e você é artesanato. Agora você pegar uma madeira, esculpir, criar uma forma, criar um rosto, uma coisa, criar uma identidade, aí isso já é arte. Aí nem todo mundo entende, tem gente que só quer comprar mesmo. E ter uma peça assim, mas nem entende, assim, o que significa. Só para ter mesmo, então nem todo mundo entende, né? Eu acho que 60% que vem pra aqui não entende, não, o que é arte, mas 40% entende!

“E o que você falou sobre algumas pessoas chegarem para visitar e acharem que é tudo perfeito, quando não é bem assim? O que você quis dizer com isso?”

Como você havia falado, a pessoa fantasia muito, né? Fantasia muito, assim, eu falo no perfeito... do lugar, não é questão da arte. Eu acho que eles fantasiam muito a Ilha do Ferro, “não, a Ilha do Ferro é isso... aquilo...”, mas no geral todo mundo gosta, sabe? Daqui.

“E as pessoas? Você acha que eles fantasiam as pessoas também? Ou só a ilha?”

Eu acho que eles querem mais da... questão em si da arte mesmo, que eles fantasiam mais assim, as pessoas não. As pessoas acham até que não é nem tudo isso que eles imaginavam, mas as pessoas aqui são boas. São bem acolhedoras.

“Então eles geralmente têm uma impressão mais positiva das pessoas do que o que eles pensavam?”

Tem, oxe! O pessoal gosta muito das pessoas, o povo daqui é bom! É acolhedor, se você precisar de ajuda todo mundo ajuda!

“Vocês têm um senso de comunidade bem forte aqui na Ilha, né?”

Aqui sempre se ajuda bastante, ajuda qualquer turista que chega aqui, que precisar de ajuda todo mundo está pronto para ajudar, sem querer nada em troca, sabe?

“Como é que você definiria a Ilha do Ferro, então, em geral, como é que, como é que você enxerga?”

A Ilha do Ferro em si é um lugar maravilhoso, né, é um lugar maravilhoso! Como em todos os lugares, assim, tem até o bom e o ruim, né? Mas, assim, no geral você tem que entender muita coisa do que é a Ilha do Ferro e muita gente daqui não entende também.

“Daqui de dentro da ilha?”

É, daqui. Não valoriza sabe?

“O que você acha que eles deveriam entender da Ilha do Ferro?”

Eu acho que eles deveriam ver assim, tentar entender que a Ilha do Ferro é mais do que... é mais do que o que eles ouvem, sabe? Acham que é muito pequena ainda, mas ela é grande! No modo geral ela é muito grande, e eu acho que as pessoas deveriam entender isso para se impor mais. Ver que realmente vale a pena, assim, lutar por alguma coisa, alguma causa.

“Você diz... por questões de direitos em relação à moradia, por ter melhorias na cidade?”

É, pra ter melhorias. O pessoal deveria se impor pra ter melhorias aqui. Mas se o pessoal se deixar levar por besteira, fazer o quê?

“Uma pessoa que vem de fora pra cá, o que você acha que ela deveria saber sobre a Ilha do Ferro?”

Eu acho que ela deveria procurar saber mais sobre a história da ilha. Eu acho que deveria tentar entender mais a história da ilha, o processo, como iniciou isso aqui. É isso que a gente tenta falar para as pessoas aqui. Quando o pessoal pergunta a gente sempre conta história assim da ilha porque eu acho que é bom a pessoa entender. Eu falei com a menina ontem, disse “já foi na ilha?” e ela disse não. Eu disse “você sabe que tem um barco afundado atrás da ilha?” Ela disse não. “E a gente fez um passeio ontem e o rapaz não contou”. “Nossa história? Por que o rapaz não contou?” Ela disse “eu não sei”, tem que contar, tem que contar tudo, mas tem jeito que não tem essa visão!

“Você acha que, então, esse processo de conhecer melhor a ilha partiria de saber a história dela no caso?”

Eu acho que deveria saber mais a história dela, aí daí da história vem as outras coisas, né? Vem a arte, como começou, como se desenvolveu, que não foi fácil! Que a sorte da Ilha do Ferro foi a internet, se não fosse a internet até hoje isso aqui estava do mesmo jeito que era antes. A gente tem que dar graças a Deus da internet existir!

“Você imagina que tem outros lugares tipo a Ilha do Ferro, que tem esse potencial que você enxerga, mas que ainda não encontraram um jeito de...”

Tem, tem milhares! Aqui mesmo em Alagoas, fora daqui, mas para isso tem que...

“Foi isso que [nome] comentou também, que essa autonomia da Ilha, ela começou quando o pessoal começou a ter voz por meio da internet mesmo e poder se apresentar...”

Porque antes as pessoas eram muito... eram muito... o pessoal tosava muito, sabe? As pessoas. Tipo, não deixava ninguém entrar aqui. Um turista para vir aqui, vinha um turista no ano, dois no máximo, porque quem se conhecia aqui não falava para ninguém. Aqui. E geralmente as pessoas eram donas de galerias, e aí não ia falar porque não queriam que viesse aqui para conhecer e tirar deles, né? Só que tiravam proveito do pessoal daqui, aí veio a internet e abriu o mundo, e rápido! 2015 para cá é rápido! A internet foi quem fez movimentar isso tudo, desde 2015. Em 2015 todo mundo começou a criar...

“Em Pão de Açúcar já tinha internet em 2015 e não tinha aqui na ilha?”

Não. Não tinha. Aqui não tinha não.

“Essa pergunta ela é mais subjetiva, mas assim...”

Mas é importante.

“Tem alguma pessoa que você acha que é a cara da Ilha do Ferro? Se você fosse apresentar a Ilha do Ferro pra alguém por meio de uma pessoa, que pessoa seria essa? Que tudo isso que você falou que a Ilha do Ferro é pra você, que você acha que essa pessoa materializa bem isso?”

Mas você está falando tudo ou na arte?

“Tudo.”

Então se for na arte, puxar pro meu pai, lógico.

“Pode ser o que você quiser, o que você acha que pesa mais. Cada pessoa me falou uma coisa diferente. Teve gente me falando muito do artesanato, teve gente me falando do povo antes do artesanato, teve gente me falando muito da hospitalidade do povo, então assim...”

Eu acho que assim, hoje como a arte tá forte aqui e o pessoal todo mundo vem através da arte, eu acho que meu pai representa bem. Eu acho que sim, porque quando ele começou ele passou [anos] aqui sem vender nada a ninguém, porque os outros não indicavam ele, mesmo alguém perguntando.

“Os outros daqui da ilha mesmo...? Ele me disse que tinha gente que falava que ele não morava aqui (risos).”

Os outros artesões! Aí se perguntava assim “ahh, [nome] mora aqui?”, eles diziam “não” (risos). Aí a pessoa ia embora. Aí como, tipo, algumas pessoas foram falando que existia, tava, tinha, não sei o que, o pessoal começou a vir pra aqui, mas aconteceu isso, né? E hoje eu tenho certeza absoluta que 90% das pessoas que vêm aqui, vêm mais através dele. Pelo contrário. Tentaram minar né, no início e no final vem através dele, todo mundo que vem aqui primeiro vem aqui agora. Vem aqui, aí pode... “Ah você é famoso, não sei o que.”.. “Famoso, é?”, “é, São Paulo, Rio, todo mundo só conhece você”. “E os outros?”, “não, os outros não”.

“Tu fica orgulhoso do seu pai, né?”

É, eu digo... É bem... Eu digo... Pô... Quer dizer... Através da arte dele, né? A Ilha do Ferro tá sendo mais valorizada e divulgada lá fora, né?

“Você me falou que tem uma diferença entre arte e artesanato. A arte geralmente carrega um valor muito mais subjetivo, né? Não tem até uma definição clara do que é arte ou não é. Mas que visão você tem do que é arte?”

Pro ponto de vista de quem não entende, é. Mas pra quem entende, não. É o contrário. Arte é uma coisa criada, você tem que criar. Tem que materializar aquilo que você está pensando. Vem na sua cabeça, você materializa de alguma forma.

“E esse pensamento você diria que ele vem de onde?”

Aí só Deus sabe, aí é Deus que manda, então.

“Da rotina, do que você sente? Porque seu pai cria umas coisas assim...”

É, porque tem gente... Teve uma mulher que viu ali, [informações sobre obra], e disse “ahh, tem uma questão religiosa, né?”, mas, assim, mas se você perguntar ele nem vai saber explicar (risos)! “Pensei e fiz”!

“Então ele tem algum lugar de onde ele tira as referências dele, você sabe, ou ele só vai pensando mesmo?”

Ele só vai pensando mesmo, ele está assim quieto no canto e já está pensando ali “acho que vou fazer isso, vai dar certo” e tudo que ele faz graças a Deus até agora deu certo! Agora o artesanato, artesanato é uma coisa mais que já praticamente você não tem muito esforço não, sabe? Já tá praticamente pronto.

“Esforço você diz de criação ou só de execução?”

De criação.

“Às vezes execução é bem trabalhosa”

É de criação, assim, você não cria muito não no artesanato. O pessoal tem que diferenciar bem isso aí! Os Gêmeos falaram bem, tem um pessoal de São Paulo que sempre falou isso pra gente, ele diz “artesanato aqui dentro da Ilha tem muito, arte tem pouco”. A arte fala muito, mas para quem não entende, aí não fala nada! Tem... pronto... você pega uma peça do Velho, olha assim não dá nada quem não entende! Não dá nada, eu, toda peça que eu vejo dele eu vejo alguma coisa!

“De quem?”

Do Velho, que é uma coisa abstrata!

“Ahh, sim, você gosta de arte abstrata, então!”

Gosto! É uma coisa abstrata, mas eu consigo ver alguma coisa! E tem gente que “eu não tô vendo nada”, você não entende, não tem aquele sentimento! Aí por isso, mas para quem entende, oxe, o cara vê tanta coisa ali que fica besta! Acho bem legal! Tem vários tipos de arte, né? Abstrata... O tipo que meu pai faz...

“Eu não sou muito fã da abstrata. (risos) Eu gosto bastante de surrealista.”

Eu gosto do Salvador Dali, muito!

“Gosto demais. Mas o meu preferido... eu fico em dúvida entre o Magritte e o Goya.”

Conheço esse não...

E6- Filho(a) de bordadeira

Jovem adulto(a) com graduação em capital, não exercendo a profissão para seguir no artesanato. Aparentemente confortável com a entrevista, pouco filtro.

“Você cresceu aqui na Ilha do Ferro mesmo? Você nasceu aqui?”

Sim, nasci aqui, não, na comunidade da Ilha do Ferro, nasci em Pão de Açúcar, que é a cidade.

“Tu não cresceu necessariamente aqui dentro da ilha?”

Não, eu cresci na ilha, só que o nascimento, o parto da minha mãe foi em Pão de Açúcar, mas eu sempre, desde o segundo dia de vida... Eu nasci aqui, praticamente.

“Você tem quantos anos, [nome]?”

Eu tenho [idade].

“Quando você era criança, a ilha já era esse polo de artesanato que ela é hoje em dia?”

Não. Já tinha muito artesanato. Naquele tempo, quando eu era pequeno(a), era mais o bordado Boa Noite do que a madeira. Hoje o artesanato em madeira expandiu, cresceu. Tanto o bordado boa noite também. Ficou mais reconhecido, mas naquele tempo não era como hoje. Hoje é bem mais reconhecido. Naquele tempo já existia, sim, mas não como hoje.

“Você percebe alguma diferença muito muito drástica, muito pronunciada nessa transição que a ilha passou por exemplo? Antigamente dá pra... Sou de cidade pequena também, daqui do sertão de Alagoas a gente é de Batalha, não sei se você conhece.”

Sim, conheço.

“Eu imagino que tem uma diferença quando a sua cidade está topada de turista o ano inteiro e quando ela está vivendo outro período, até em uma questão de privacidade, talvez”

Sim!

“Você notou uma diferença muito drástica do que era antes e do que é ela agora?”

Antes, a gente costuma falar que sempre quando chega algum estranho a gente fica meio que atento para isso, porque a gente já não tem mais aquela privacidade de sentar. Temos até hoje, a gente preserva essa cultura de ficar na calçada, dormir na calçada, até tarde, mas hoje em dia a gente fica com um certo receio, vamos dizer, um medo, de... porque chegando turista a gente não conhece, então a gente fica meio assim, já atento a certas coisas, a gente não tem mais aquela privacidade de antigamente que era só os moradores aqui, né? Hoje mudou um pouco nisso, mas afetou um pouco.

“A rotina?”

A rotina assim, que a gente chega um turista, a gente tá na calçada, chega um turista, a gente já fica assim, ah, quem será? Pode ser gente boa, pode ser turista e também pode não ser. Mas até aqui, graças a Deus, é tranquilo. Nunca houve nada assim, sempre que vem, são turistas mesmo, não são pessoas querendo fazer... com outras intenções, né? Mas até aqui, tranquilo. Afetou pouco.

“Você sente falta de alguma forma de antigamente, de alguma coisa específica?”

Não, em relação a falta não. Hoje a gente até fica feliz pela quantidade de vendas, porque a gente aqui sobrevive disso, do bordado Boa Noite, do artesanato em

madeira, do artesanato em si. Então a gente fica muito feliz em relação a isso, porque é mais vendas, mais reconhecimento.

“Então você acha que se for colocar na balança, vocês estão tendo muito mais benefício do que prejuízo nesse ponto?”

Sim, sim.

“E essa coexistência com os turistas, vamos usar essa palavra, você acha que ela é respeitosa ou às vezes eles acabam de repente interferindo um pouco na rotina de vocês ou tendo um comportamento considerado incômodo...?”

Não, eles são muito respeitadores. Só tem... mas sempre tem aquele que quer de alguma forma... a minoria, vamos dizer assim, em cada dez que chega tem... um que se incomoda com alguma coisa do nosso povoado. Mas eu prefiro nem... nem tocar muito no assunto dessa minoria. Porque pra gente não afeta tanto, ó, a gente é assim, cresceu assim, a gente vive assim. Se você não gostou, você pode voltar.

“Você percebe que tem turista, assim, pode ser no caso dessa minoria mesmo que você falou, que vem pra cá com a percepção da ilha diferente do que ela realmente é, de repente uma visão muito romântica ou...”

Sim, sim, tem várias pessoas que chegam aqui e falam “ah, Ilha do Ferro é isso? Eu achei que Ilha do Ferro...”, mas a Ilha do Ferro é cultura. A gente não sai do nosso lugar... eles não saem do lugar que eles moram, para achar que aqui na Ilha do Ferro tem tudo que lá tem, de uma cidade grande. Não, a Ilha do Ferro é cultura, a gente vivencia essa cultura. Então... Antes de vir é sempre bom pesquisar sobre os hábitos e tal. “Ah, eu vim pra Ilha do Ferro pra ver madeira, pra ver coisas...?”. Não é uma simples madeira, é arte.

“O que é que essas pessoas esperam, assim, você acha? O que é que parece que elas têm esperando?”

Eu acho que elas pensam aqui, que é uma cidade grande, que vai chegar aqui, é mil maravilhas. Vai ver prédios, lojas, restaurantes e coisas assim. Só que aqui é bem simples, como você pode perceber. Nós somos bem simples e queremos continuar assim.

“Você acha que talvez tenha a expectativa de que a estrutura vai ter uma mudança muito grande para atender às demandas deles, talvez?”

Talvez sim. Eles acham que é... Ah, pensa que é um... Como você falou, cria um romance, um conto que a Ilha do Ferro... Ah, é mil maravilhas. Mas a Ilha do Ferro é...

“O que é que a Ilha do Ferro pra você?”

A Ilha do Ferro pra mim hoje... É a minha vida que está aqui, né? Então a Ilha do Ferro tem uma importância fundamental. É muito importante para a minha vida, o crescimento, todos os meus aprendizados, culturalmente, foram todos aqui. Sempre,

tanto que eu fui, passei quatro anos fazendo [faculdade fora] e retornei. Eu sempre disse “eu vou, mas eu volto”.

“Do que você sentia falta quando estava lá?”

Ah, dessa tranquilidade de estar aqui, de sentar numa calçada livremente, sem ter medo de ser roubada. De muito, tipo... Ah, assim, eu chegava lá e falava “meu Deus, à tarde, eu gosto de estar na calçada, vendo o pôr do sol, bordando”. E eu sentia a falta dessa tranquilidade aqui, porque lá a rotina é bem mais tensa, só chega em casa pra dormir, então é só correria. Então eu sentia a falta dessa tranquilidade toda daqui. Até da família, né? Das artes aqui, de tudo.

“Você acha que de repente esse romantismo? Com o qual as pessoas às vezes enxergam a Ilha do Ferro pode matar um pouco dessa visão que você tem de rotina, de família. Não necessariamente de um ambiente muito diferenciado, é um escape para algumas pessoas, mas que para você de fato é uma rotina...?”

Sim, mas a maioria dessas pessoas que chegam, desses turistas, eles amam... Amam assim, eles gostam de conviver com isso. Eles querem ver as coisas novas, eles vêm, entram na nossa casa, veem toda a nossa rotina. Eu, como eu te falei, só uma minoria, então, eu não vou nem falar nessa minoria... Há, sim, pessoas, né? Que “ah, Ilha do Ferro é isso”, mas a maioria chega, vivencia e sempre volta. Sempre estão aqui de novo e ficam amigos, e, cara, e quer viver assim, como a gente. Tanto que sempre, nunca vem, raramente tem pousadas disponíveis, não. Está cheia e as pessoas gostam muito.

“E em termos políticos como é que você acha que está indo? Você está vivendo bem aqui em termos políticos de saúde, de infraestrutura, de tudo isso?”

Não, a gente não tem um saneamento básico. De políticos, assim, vamos dizer, como é que eu posso dizer? A gente é muito dependente assim, porque, claro que a gente depende do município. A autoridade pública, o órgão público deixa muito a desejar. Eu acho que, como a Ilha do Ferro hoje é um polo, tanto para Pão de Açúcar, porque a Ilha do Ferro é povoado de Pão de Açúcar, Pão de Açúcar hoje está bem reconhecida pela Ilha do Ferro. Então é um lugar que merece ter mais valorização, num saneamento básico, uma água de qualidade, a gente não tem tratamento de água. Nossa água aqui é só com cloro, em tudo. Os órgãos públicos aqui deixam muito a desejar. Muito, muito. Em todas. Saúde, educação, tudo.

“Você tem a impressão que de repente os órgãos públicos podem estar investindo muito no turismo e não tanto no estilo de vida da população?”

Não tem investimento, aqui não tem investimento nem no turismo, e nada. Nada.

“Nem na parte de infraestrutura, nem nada do gênero das casas de reforma, de...”

Nada, absolutamente nada.

“Então, são iniciativas da própria população, assim, os reparos.”

Sim, ou sempre tem alguém, vamos dizer, algum turista que chega aqui que tem mais dinheiro, “vamos fazer isso...”, tem uma iniciativa, aí a prefeitura “ah, a gente pode adaptar”, mas nunca sai. Chega na metade e pronto, tanto lá. Esse pedaço de calçada, a outra calçada agora, acabou de calçar, mas não faltava nem 500 metros para a prefeitura terminar de calçar. E isso já tem mais de 8 anos, faltando menos de 500 metros. E tipo, frente do museu, tudo precisando de... Porque valorizam, dão mais porque era... quando chove ficava lama essas coisas, né? Veio terminar agora, nem terminou todo, ainda está faltando a outra rua. Aí só quando chega alguém e fala assim “ah, vai pra mídia”, alguma coisa, a água, que eu tô cansado(a). Eu já tive notas em sites, em Instagram, de Maceió, de coisas do Estado, né, sobre a água, sobre tudo que eu envio mesmo, eu não tenho medo, eu não dependo nem do político, né? Pra isso eu não tenho medo, então eu tenho que falar, mas é muito, muito escasso, a gente aqui pra o órgão público, não é essa palavra que eu quero usar (risos). Mas não tem, é de deixar muito a desejar. Tanto o município, o Estado às vezes é quem... O calçamento foi o Estado, não foi nem a prefeitura municipal. Eles falam, mencionam muito assim a Ilha do Ferro, mas não valoriza a Ilha do Ferro como deve ser valorizada.

“Tem alguma pessoa aqui para você, tipo um rosto para a Ilha do Ferro, uma pessoa que se você fosse apresentar a Ilha do Ferro para gente que nunca viu, tem alguém que passa, assim, na sua cabeça que você colocaria “olha, ela é o rosto da Ilha do Ferro, pra mim essa pessoa representa a Ilha do Ferro de alguma forma.”

Seria autoridade ou um morador?

“Quem você quiser.”

Sim, tenho. Tem uma pessoa que quando fala, que carrega muito, tem uma marca muito de antigamente ainda dos costumes dos antepassados. Tem uma pessoa que quando fala sobre a Ilha do Ferro, a primeira pessoa que vem é a Rejania também. Aí eu acho até bom você dar uma entrevistada nela, filha dela também, se possível, né? Acho que ela tá em casa essa hora. Mas tipo assim, a Ilha do Ferro, eu tenho que falar sobre a Rejania.

“E como você, última pergunta, como é que você gostaria que essas outras pessoas que não conhecem a Ilha do Ferro vissem ela? Essas pessoas que não conhecem a Ilha do Ferro, que vem pra cá pela primeira vez?”

Que venham em busca, não só, é como eu falo... às vezes as pessoas não veem a Ilha do Ferro atrás do bordado e do artesanato em madeira, e sim para conhecer uma cultura que é... Eu já andei em várias cidades e eu não encontro aqui como a Ilha do Ferro, porque acolhe, chega, pode ser, você é desconhecido, um exemplo, você chega aqui e já começa a falar, não procura nem saber quem você é, se você é gente boa, se não é, mas a gente tem um acolhimento e tenta fazer com que você vivencie também. Então, além da arte, eu... Posso dizer que, além do artesanato, eu quero muito que as pessoas, os turistas que nunca vieram, venham conhecer a cultura, como a imaginação de cada pessoa, a vivência aqui no povoado, como é,

até para elas aprenderem a vivência, até o surgimento da arte. De onde, como que ela esculpiu aquela peça, qual foi a imaginação, uma ideia, o que ela pensou, porque a gente às vezes fala assim, mas a gente olha para um galho que encontrou no rio, o rio veio descendo as águas e diz “ah, esse galho parece um pássaro” e molda, então além disso. A gente tem que vivenciar essa cultura. Eu aconselho muito. Se você diz que não conhece a Ilha do Ferro, você precisa conhecer a Ilha do Ferro, porque a Ilha do Ferro é cultura, a Ilha do Ferro é arte.

“Obrigada, [nome]! Você ajudou bastante.”

Se você quiser pegar meu número...

“Na verdade, eu gostaria muito!”